

OS MISTÉRIOS DE ENOLA HOLMES

— O Caso —
do Marquês
Desaparecido

NANCY SPRINGER

novo século®





O caso do marquês desaparecido



Nancy Springer



O caso do marquês desaparecido



The case of the missing marquess: an Enola Holmes Mystery
Copyright © 2006 by Nancy Springer
First published in the United States of America by Philomel Books,
a division of Penguin Young Readers Group, 2006
Published by Puffin Books, a division of Penguin Young Readers Group, 2007
All rights reserved
Copyright © 2010 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Sieben Gruppe Serviços Editoriais
Capa: Rodrigo Valpassos
Tradução: Paulo Ferro Jr.
Preparação: Renata Fontes
Diagramação: Cissa Tilelli Holzschuh
Revisão: Ana Cristina Teixeira, Cátia Almeida e Cissa Tilelli Holzschuh
Diagramação para ebook: Janaína Salgueiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Springer, Nancy
O caso do marquês desaparecido / Nancy Springer ;
tradução Paulo Ferro Jr. -- Osasco, SP: Novo Século Editora, 2010.
1. Ficção - Literatura norte-americana I. Título.
09-05503 CDD-813

ISBN 978-85-767-9288-8
Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

2010
Proibida a reprodução total ou parcial.
Os infratores serão processados na forma da lei.
Direitos exclusivos para a língua portuguesa cedidos à
Novo Século Editora Ltda.
Rua Aurora Soares Barbosa, 405 – 2º andar
Osasco – SP – CEP 06023-010
Tel. (11) 3699-7107
www.novoseculo.com.br
atendimento@novoseculo.com.br

Para minha mãe



“Tive que me manter imóvel por um momento que nunca acabava.”



Som de passos pesados atrás de mim.

Dei um salto para trás, tentando escapar, mas era tar-de demais. Os passos aceleraram-se em minha direção. Algo forte agarrou meu braço. Comecei a gritar, mas uma mão de aço tapou minha boca. E, muito perto do meu ouvido, uma voz grave disse:

– Se você se mexer ou gritar, eu te mato.

O terror me congelou. Com os olhos esbugalhados, encarando a escuridão, não conseguia me mexer. Mal conseguia respirar. Enquanto continuava soluçando, a mão me soltou e, como uma cobra, o braço deslizou ao meu redor, segurando-me violentamente e me pressionando contra uma superfície que poderia muito bem ser uma parede de pedra, se eu não soubesse que era o peito de um homem. A mão soltou minha boca e, num instante, antes que meus lábios trêmulos pudessem emitir qualquer som, na escuridão da noite, eu vi o brilho do aço. Comprida. Pontuda como uma lasca de gelo. A lâmina de uma faca.



No distrito leste de Londres, depois do pôr do sol, agosto, 1888



A única luz que havia na rua vinha das poucas lâmpadas a gás que conseguiam se manter acesas, e dos fogaréus sobre o paralelepípedo, acesos pelos homens que vendiam frutos do mar fritos do lado de fora dos bares. A estranha, vestida de preto do chapéu às botas, deslizava por entre as sombras, como se ela mesma fosse uma sombra passando despercebida. De onde vinha, era inconcebível que uma mulher se aventurasse pela noite sem a companhia do marido, do pai ou de um irmão. Mas ela faria tudo o que fosse preciso para encontrar o que havia perdido.

Com os olhos atentos por trás do seu véu negro, examinava, procurava e observava, enquanto caminhava. Viu cacos de vidro no chão. Viu ratos atrevidos caminhando na rua, rastejando suas nojentas caudas despeladas. Viu crianças maltrapilhas correndo descalças em meio aos ratos e aos cacos de vidro.

Viu casais, homens com casacos de flanela vermelha e mulheres com chapéus de palha baratos, balançando de um braço para o outro. Ela viu alguém deitado, recostado em um muro, entre os ratos, bêbado ou adormecido, talvez até morto.

Enquanto olhava, ela também escutava. De algum lugar de uma viela, chegava um som que retinia no ar cheio de fuligem. A investigadora de véu negro ouviu aquela música bêbada. Ela ouviu a voz de uma garotinha gritando “Papai? Pai?” do lado de fora de um bar. Ela ouviu gritos, risadas, berros bêbados, ambulantes gritando “Ostras! Embebidas em vinagre e óleo. Grandes ostras por apenas 1 centavo!”

Ela sentiu o cheiro do vinagre. Sentiu cheiro do gim, do repolho frito e da linguiça quente, bem como o bafo salgado do porto ali perto e o fedor do rio Tâmis. Sentiu o cheiro de peixe podre. Sentiu o cheiro do esgoto.

Ela apressou o passo. Tinha que continuar andando, não apenas por ser uma investigadora, mas por estar sendo investigada. A caçadora de véu negro estava sendo caçada. Ela tinha que continuar andando para que os homens que a estavam perseguindo não pudessem encontrá-la.

Perto do poste de iluminação à sua frente, ela viu uma mulher com os lábios pintados e os olhos borrados esperando em frente a uma porta. Um belo táxi se aproximou, parou, e um homem vestindo fraque e uma cartola brilhante desceu. Mesmo sabendo que a mulher na frente da porta estava usando um vestido de noite barato, que deve ter pertencido à esposa do cavalheiro da alta sociedade, a observadora de negro não achou que o cavalheiro estava ali para dançar. Ela viu os olhos selvagens da prostituta assombrados pelo medo, sem se importarem com o tanto que seus lábios sorriam. Uma delas havia sido encontrada morta recentemente a algumas ruas dali, aberta dos pés à cabeça. Desviando o olhar, a investigadora se afastou.

Um homem, com a barba por fazer, apoiando-se em um muro, pisca para ela:

– Senhora, o que tá fazendo aí toda sozinha? Num qué uma companhia?

Se ele fosse um cavalheiro, não teria falado com ela sem ser apresentado. Ela o ignora e anda mais rápido. Ela não precisa falar com ninguém. Aqui não é seu lugar. E a consciência dis-so não a incomoda, pois ela nunca pertenceu a nenhum lugar. De alguma forma, sempre esteve sozinha. Mas seu coração não para de doer, enquanto ela vasculha nas sombras por não ter onde morar no momento, por ser uma estranha na maior cidade do mundo e por não saber onde vai poder recostar a cabeça naquela noite.

E, se Deus quiser, ela sobreviverá até o amanhecer e somente terá a esperança de encontrar quem ama, quem está procurando. E mais e mais fundo ela se embrenha nas sombras e nas ruas sujas e pobres do porto no distrito leste de Londres. Sozinha.



Capítulo primeiro



Eu gostaria muito de saber por que minha mãe me deu o nome de “Enola”, que, de trás para a frente, lê-se *alone*, que quer dizer solitária. Mamãe era, e talvez ainda seja, apaixonada por criptografia e devia ter algo em mente, como um presságio ou algum tipo de bênção às avessas, ou para terminar algum plano, até porque meu pai ainda não havia falecido.

– Você vai se sair muito bem sozinha, Enola – dizia-me, qua-se todos os dias enquanto eu crescia. De fato, essa sempre foi sua maneira de dizer adeus inconscientemente, enquanto saía carregando seu caderno de rascunho, pincéis e tintas para perambular pela zona rural. E, realmente, sozinha foi como ela me deixou quando, numa tarde de julho, no meu aniversário de quatorze anos, simplesmente teve a desconsideração de não voltar para Ferndell Hall, nossa casa.

Enquanto eu comemorava sem saber de nada com o sr. Lane, o mordomo, e sua esposa, a cozinheira, a ausência de minha mãe não me incomodou no início. Embora tenhamos sido muito cordiais quando nos encontramos, mamãe e eu não falamos sobre o que aconteceu. Eu presumi que alguns assuntos urgentes a mantiveram ocupada em outro lugar, especialmente porque ela já havia instruído a sra. Lane a me entregar alguns embrulhos na hora do chá.

Os presentes de minha mãe consistiam em:

- um *kit* de pintura: papel, lápis grafite, um canivete para apontá-los e borrachas; tudo muito bem organizado em uma caixa fina de madeira que, quando aberta, formava um cavalete;

- um livro bem grosso intitulado *O significado das flores: incluindo também notas de rodapé escritas por estudiosos, lenços de bolso, cera para lacrar e selos postais*;
- um livro bem menos grosso de criptografias.

Embora apenas conseguisse desenhar de forma muito limitada, minha mãe encorajou o pouco talento que eu tinha. Ela sabia que eu gostava de desenhar e de ler qualquer tipo de livro, sobre qualquer assunto – mas quanto às criptografias, sabia que eu *não* ligava muito para elas. Todavia, fez esse livrinho para mim com suas próprias mãos, como eu claramente podia ver: dobrado, com as páginas coladas e decoradas com graciosas flores de aquarela.

Obviamente ela trabalhou nesse presente por um bom tempo. “Nunca deixou de pensar em mim”, dizia para mim mesma. Firmemente. Diversas vezes durante aquela tarde.

Embora eu não tivesse a menor ideia de onde mamãe poderia estar, esperava que ela voltasse para casa ou que mandasse uma mensagem durante a noite. Eu dormi muito bem.

Entretanto, na manhã seguinte, o sr. Lane negou com a cabeça. Não, a dona da casa não havia voltado. Não havia nenhuma mensagem dela.

Lá fora, a garoa cinzenta caía, complementando meu estado de espírito que se tornava cada vez mais apreensivo.

Depois do café da manhã, corri de volta para o andar de cima, para o meu quarto, um refúgio agradável onde o guarda-roupa, o banheiro e tudo o mais eram pintados de branco com florzinhas rosas e azuis nos cantos. “Mobília artesanal”, diziam as pessoas, coisas baratas que serviam apenas para uma criança, mas eu gostava delas. Na maior parte do tempo.

Mas não hoje.

Eu não podia ficar dentro de casa; na verdade, não conseguia me sentar pacientemente nem para colocar as botas de chuva. Eu vestia camisa e bombachas, roupas confortáveis que haviam pertencido aos meus irmãos mais velhos, e sobre elas colocava

uma capa de chuva. Toda encapotada, desci correndo a escadaria e peguei um guarda-chuva no suporte perto da entrada. E, então, saí pela cozinha, dizendo para a sra. Lane:

– Vou dar uma volta por aí.

Curioso, essas são as mesmas palavras que eu digo quase todos os dias quando saio à procura de coisas que, geralmente, não sei o que são. Qualquer coisa. Eu costumo subir em árvores só para ver o que deve existir ali: caramujos com listras marrons e amarelas, cachos de nozes, ninhos de pássaros. E se eu encontrasse um ninho de pica-pau, procuraria coisas dentro dele: botões de sapatos, pedaços de fita, o brinco perdido de alguém. Eu fingia que algo de muito valor estava perdido e procurava...

Só que, desta vez, não estava fingindo.

A sra. Lane também sabia que desta vez seria diferente. Ela deveria ter gritado:

– Cadê o seu chapéu, srta. Enola? – já que nunca uso chapéu. Mas ela não disse nada enquanto me via sair.

Sair para procurar minha mãe.

Eu realmente achava que poderia encontrá-la.

E quando percebi que estava fora do campo de visão da cozinha, comecei a correr para lá e para cá, como um cãozinho de guarda caçando qualquer sinal de mamãe. No dia anterior de manhã, como presente de aniversário, deixaram que eu ficasse na cama; por essa razão, não cheguei a ver minha mãe saindo. Mas achei que ela fosse, como sempre, passar algumas horas desenhando estudos de plantas e flores; por isso, fui procurar primeiro nos terrenos de Ferndell.

Como era do seu feitio, mamãe gostava de deixar as coisas crescerem sozinhas. Passei como um trovão pelos jardins de flores, pelos quietos gramados cheios de tojos e arbustos, pelos bosques cobertos de vinhas e heras. E, por todo esse tempo, a chuva cinzenta caía sobre mim.

O velho Reginald, um cole, acompanhou-me até ficar cansado de se molhar, e me deixou e foi procurar um abrigo. Que criatura

sensata. Ensopada até os joelhos, eu sabia que deveria seguir seu exemplo, mas não podia. Minha ansiedade havia se acelerado junto com meus passos; até agora o medo havia me guiado a chicotadas. O medo de encontrar minha mãe caída em algum lugar, machucada ou doente ou – um medo que não conseguia negar completamente, já que mamãe não era mais tão jovem – que seu coração tivesse parado. Ela poderia ter... mas eu não deveria pensar nisso de maneira tão grosseira, existem outras palavras... Expirado... Passado para o outro lado. Descansado. Ido se juntar ao meu pai.

Não, por favor.

Podem pensar que, por mamãe e eu não sermos tão “próximas”, não ligaria muito para seu desaparecimento. Mas, ao contrário, senti-me aterrorizada, porque pareceria que tudo se-ria culpa minha se algo de errado acontecesse com ela. Eu sempre me sentia culpada por – sei lá, respirar – já que surgi indecentemente tarde na vida de mamãe, um escândalo, um fardo.

E sempre contei que poderia retribuir tudo assim que começasse a crescer. Algum dia, esperava, de algum modo, faria da minha vida uma luz brilhante que me tiraria da sombra da desgraça.

E então, sabe, minha mãe me amaria.

Por isso ela tinha que estar viva.

E eu *precisava* encontrá-la.

Procurando, cruzei florestas onde muitas gerações de fazendeiros haviam caçado lebres e galos silvestres. Subi e desci rochas cheias de musgo na gruta que ficava na propriedade que tinha seu nome – um lugar que amava, mas onde hoje não podia demorar. Continuei até o limite da propriedade, onde os bosques terminam e as terras cultivadas começam.

E procurei por todos os campos, já que mamãe sempre ia até eles pelo bem das flores. Não sendo tão longe da cidade, os moradores de Ferndell pegaram o hábito de cultivar jacintos, amores-perfeitos e lírios em vez de vegetais, pois assim poderiam prosperar mais entregando flores novas diariamente em Covent Garden. Aqui crescem fileiras de rosas, safras de coreopsis, trilhas

brilhantes de zínias e papoulas, e tudo para Londres. Olhando para os campos floridos, sonhei com uma cidade brilhante onde, todos os dias, donzelas sorridentes colocam buquês frescos em cada cômodo de cada mansão e onde, toda tarde, damas e senhoras da realeza embelezam e perfumam seus cabelos e vestimentas com anêmonas e violetas. Londres, onde...

Mas, hoje, os campos cheios de flores são docemente encharcados pela chuva, e todos os meus sonhos em relação a Londres duram apenas um fôlego ou dois antes de evaporarem como a névoa que evapora dos campos. Campos vastos, quilômetros de campos.

Onde está minha mãe?

Em meus sonhos, sabe – sonhos sobre minha mãe, não sobre Londres –, eu a encontrava e seria uma heroína, ela me olharia fixamente em gratidão e adoração, quando eu a resgatasse.

Mas eram apenas sonhos, e eu sou uma idiota.

Até agora, havia percorrido apenas um quarto da propriedade e muito menos das áreas de cultivo. Se mamãe estivesse deitada, ferida, já teria desistido da vida antes que eu conseguisse encontrá-la sozinha.

Virei-me e voltei correndo para casa.

Lá, o sr. e a sra. Lane vieram para cima de mim como se fossem um par de rolinhas sobre o ninho; ele arrancando meu casaco ensopado, o guarda-chuva e as botas; ela me arrastando até a cozinha para me aquecer. Como não era sua função me dar broncas, ela tentou deixar claro seu ponto de vista:

Uma pessoa não deve estar bem da cabeça para ficar na chuva por tantas horas – disse para a lareira, enquanto arregalava os olhos – Não importa se é uma pessoa comum ou da aristocracia, se ela pegar um resfriado, pode morrer. Isso ela disse para o bule que colocou no fogão. – Essas doenças terríveis não respeitam pessoas nem circunstâncias – disse para a lata de chá. Não tinha por que eu responder, já que ela não estava falando comigo. Ela não tinha permissão de falar nada desse tipo *para* mim. – Tudo bem uma

pessoa ter uma mente independente, mas não precisa sair procurando uma pleurisia ou uma pneumonia ou até coisa pior – disse para as xícaras de chá. E, então, ela se voltou para mim e o tom de sua voz também voltou ao normal. – Com licença, srta. Enola, você quer almoçar? Não quer colocar sua cadeira mais perto do forno?

Vou queimar como uma torrada se fizer isso. Não, não quero almoçar. Alguma notícia da minha mãe? – apesar de já saber a resposta, o sr. e a sra. Lane já teriam me dito caso soubessem de algo – mesmo assim, não consegui deixar de perguntar.

– Nada, senhorita – ela cruzou as mãos na altura do peito como se estivesse embrulhando um bebê. Fiquei sem ação.

– Então, preciso escrever alguns bilhetes.

– Srta. Enola, não há fogo na biblioteca. Deixe-me trazer as coisas para você escrever aqui na mesa, senhorita.

Senti-me quase feliz por não ter que me sentar naquela enorme cadeira de couro naquele cômodo triste. A sra. Lane trouxe-me papel impresso com o timbre da família, o pote de tinta e a caneta de bico de pena que estavam na mesa da biblioteca, junto com alguns papéis para rascunho.

Mergulho a caneta na tinta e no papel cor de creme, escrevo algumas palavras para a força policial local, informando que minha mãe havia se perdido, solicitando que eles organizassem uma busca.

Então, pensei: “Será que realmente é preciso?”.

Infelizmente, sim. Eu não podia mais adiar isso.

Escrevi outro bilhete, mais devagar, que em breve seria enviado por telégrafo, a quilômetros de distância, para ser impresso por um teletipo:

SRA EUDORIA VERNET HOLMES DESAPARECIDA DESDE
ONTEM PONTO FAVOR NOTÍCIAS PONTO ENOLA HOLMES

Enderecei esse telégrafo a Mycroft Holmes, de Pall Mall, em Londres.

E mandei também a mesma mensagem para Sherlock Holmes, de Baker Street, também em Londres.

Meus irmãos.



Capítulo segundo



Depois de beber o chá que a sra. Lane tanto insistiu, troquei minhas bombachas e comecei a me preparar para entregar os bilhetes na vila.

– Mas a chuva, a umidade – Dick os entrega – ofereceu a sra. Lane, cruzando as mãos sobre o peito novamente.

Ela se referia ao seu filho mais velho que sempre fazia trabalhos ocasionais por toda a propriedade, enquanto Reginald, o velho cole mais inteligente que muita gente, supervisionava-o. Em vez de dizer para a sra. Lane que não confiaria em Dick para uma incumbência tão importante, eu disse:

– Quero aproveitar para fazer algumas perguntas enquanto estiver lá. Vou levar a bicicleta.

Não era uma dessas velhas bicicletas sacudidoras de ossos com o pneu dianteiro enorme, mas sim uma versão atualizada, uma bicicleta “anã” com rodas pneumáticas, totalmente segura.

Pedalando na garoa, parei por um momento na guarita – Ferndell é pequena; é apenas uma casa de pedras com o peito estufado, por assim dizer, mas tinha que ter uma entrada, um portão e, portanto, uma guarita.

– Copper – chamei pelo guarda – você abriria o portão para mim? E, aproveitando: você se lembra de tê-lo aberto para minha mãe ontem?

Pergunta à qual, sem querer mascarar sua perplexidade, respondeu negativamente. Em nenhum momento a sra. Eudoria Holmes passou por aquele caminho.

Depois de me deixar sair, pedalei a curta distância até a Vila de Kineford.

Enviei meus telegramas pela agência dos correios e falei com o comandante antes de começar minhas rondas. Parei no vicariato, no verdureiro, na padaria, na confeitaria, no açougue, na peixaria e assim por diante, perguntando sobre minha mãe o mais discretamente possível. Ninguém a havia visto. A esposa do pastor, entre outras, levantou as sobancelhas para mim. Eu suponho que deve ter sido por causa das bombachas. Você sabe, para andar de bicicleta em público, deve estar vestindo “calças femininas” – calçolas cobertas por uma saia à prova d’água – ou qualquer tipo de saia longa o suficiente para cobrir os tornozelos. Eu sabia que minha mãe sempre foi criticada por não manter cobertas apropriadamente as superfícies vulgares como o porta-carvão, a parte de trás do piano e eu.

A criança escandalosa que eu era.

Nunca questioneei minha desgraça e, por isso, tento trazer à tona assuntos que uma “boa” garota não deveria tomar conhecimento. Tenho observado, entretanto, que a maioria das mulheres casadas desaparece dentro de suas casas a cada ano ou dois, surgindo muitos meses depois com um filho novo, ou com uma quantidade de, talvez, uma dúzia, até que cessam ou morrem. Minha mãe, em comparação, apenas produziu meus dois irmãos, muito mais velhos do que eu. De algum modo, esse precedente conferiu à minha chegada tardia uma enorme vergonha para um sensato e racional cavalheiro e sua bem educada e artística esposa.

As levantadoras de sobancelhas juntaram suas cabeças e começaram a sussurrar enquanto eu pedalava mais uma vez por Kineford, desta vez perguntando na pousada, na ferraria, na tabacaria, nos bares, em lugares onde “boas” mulheres não deveriam colocar os pés.

Não descobri nada.

E, apesar do meu sorriso simpático e das minhas boas maneiras, quase consegui ouvir as excitantes fofocas, conjecturas e rumores pelas minhas costas enquanto retornava para Ferndell Hall num estado de espírito muito infeliz.

– Ninguém a viu – respondi à pergunta indireta e quase muda da sra. Lane – ou não têm a menor ideia de onde ela possa estar.

E novamente acenando para me oferecer o almoço – apesar de já ser quase hora do chá – fui para o andar de cima, para o quarto de minha mãe e parei na porta, do lado de fora, refletindo. Mamãe mantinha a porta trancada. E para livrar a sra. Lane de qualquer preocupação, supostamente – o sr. e sra. Lane eram os únicos empregados da casa – mamãe limpava ela mesma o quarto. Dificilmente permitia a entrada de alguém, mas sob tais circunstâncias...

Eu decidi ir em frente.

Pousando minha mão sobre a maçaneta, me enchi da esperança de não ter que pegar a chave com o sr. Lane.

Mas a maçaneta girou quando a segurei.

A porta se abriu.

E naquele momento eu saberia, se já não soubesse antes, que tudo havia mudado.

Olhando ao meu redor, no silêncio do quarto de minha mãe, percebi que sentia mais respeito ali do que se estivesse em uma igreja. Eu havia lido os livros de lógica de meu pai, sabe, Malthus e Darwin. Como todos meus familiares, eu também mantinha pontos de vistas racionais e científicos – mas estar no quarto de mamãe me fez sentir como se quisesse acreditar. Em qualquer coisa. Em alma, talvez, ou em espírito.

Mamãe havia transformado seu quarto em um santuário do espírito artístico. Painéis japoneses com lótus estampadas enfeitavam as janelas, recuados para deixar a luz fina entrar e bater sobre as mobílias entalhadas à mão, parecidas com bambus, bem diferente das pesadas mobílias de mogno escuro da sala de visitas. Lá embaixo toda a madeira havia sido envernizada, tecidos pesados tapavam as janelas e as paredes, austeros retratos a óleo dos nossos ancestrais nos encaravam, mas aqui, no quarto de minha

mãe, a madeira havia sido pintada de branco. Nas paredes em tom pastel haviam sido penduradas centenas de delicadas aquarelas: a alegria de mamãe, adoráveis versões de flores em quadros bem finos, cada flor menor ou do tamanho de uma folha de papel.

Por um momento, senti como se mamãe estivesse aqui, neste quarto, como se já estivesse aqui o tempo todo.

E ela deveria estar.

Lentamente, como se pudesse incomodá-la, saí na ponta dos pés e entrei no quarto adjacente, seu estúdio: um quarto modesto com poucas janelas por causa da luz, e chão de carvalho por causa da limpeza. Procurando pelos cavaletes, a mesa de arte torta, as resmas de papéis e os materiais, uma caixa de madeira me chamou a atenção e isso me preocupou.

Onde quer que mamãe tenha ido, ela não levou seu *kit* de aquarela com ela.

Mas achei que...

Que estupidez da minha parte. Eu deveria ter olhado aqui primeiro. Ela não havia saído para estudar flores. Ela havia saído – para algum lugar, por algum motivo, eu simplesmente não sabia, e como posso ter achado que a encontraria sozinha? Eu fui estúpida, estúpida.

Meus passos estavam mais pesados agora; andei até a próxima porta, onde estava a cama de mamãe.

E parei ali, surpresa por várias razões. Primeiro, e principalmente, pelo estado da moderna e brilhante cama de ferro de minha mãe: desfeita. Todas as manhãs da minha vida, mamãe fazia com que eu arrumasse minha cama e meu quarto imediatamente após o café da manhã, e, francamente, ela deixaria seu próprio quarto com lençóis jogados e travesseiros amassados e edredons caídos em cima dos tapetes persas?

Além do mais, suas roupas não haviam sido guardadas de maneira apropriada. Sua blusa marrom de caminhada havia sido cuidadosamente jogada sobre o espelho.

Mas se não estava com sua roupa de caminhada costumeira – sua saia com cordões que permitiam subi-la, para que só sua anágua se molhasse ou se sujasse, e descê-la, caso fosse percebida a presença de algum homem surgindo no horizonte –, e se isso não fosse uma prática e moderna peça de vestuário para se usar no campo, então o que usaria?

Abri as cortinas de veludo para que entrasse luz pelas janelas e fui direto para o guarda-roupa, e então parei dando-me conta da mistura de roupas que havia lá dentro: lã, flanela, musselina e algodão. Mamãe era, como dá para perceber, uma mente livre, uma mulher de personalidade, uma partidária do direito de voto e da reforma do guarda-roupa feminino, incluindo os leves, soltos e harmoniosos vestidos defendidos pelo escritor Ruskin e, também, quer ela gostasse ou não, era uma nobre viúva com certas obrigações. E lá estavam não só as roupas de caminhada e calções femininos, mas também vestidos de visita bem formais, vestidos de jantar com gola baixa, um manto de ópera e um vestido de baile – o mesmo vestido arroxeadado que mamãe usou por anos; ela nunca se importava em estar na moda. E nunca jogava nada fora. Estavam lá aqueles vestidos negros de luto que usou por um ano depois que meu pai faleceu. Havia uma capa verde que usou em seus dias de caça às raposas. Havia a roupa cinza-cimento que ela usava na cidade. Havia casacos de pele, jaquetas de cetim acolchoadas, saias estampadas, blusas sobre blusas... Eu não saberia dizer quais peças de roupas estavam faltando naquela confusão malva, sépia, azul-acinzentada, lavanda, verde, negra, âmbar e marrom.

Fechando as portas do guarda-roupa, me peguei intrigada olhando ao meu redor.

O quarto inteiro parecia estar desarrumado. As duas metades, ou “espartilhos”, de um corpete e outras coisas que não dá para mencionar jaziam sobre a superfície do lavatório e, sobre o camiseiro, havia um objeto diferente, algo como uma almofada, mas mais parecido com um acolchoado feito de cachos e tufo de crina de cavalo branca. Levantei essa coisa estranha, muito flexível ao

toque, sem fazer a menor ideia do que era, e levei-a comigo para fora do quarto de minha mãe.

Na escadaria, encontrei o sr. Lane polindo os adornos de madeira. Mostrei o achado e perguntei:

– Sr. Lane, o que é isto?

Como um mordomo, ele se esforçou muito para se manter inexpressivo, mas gaguejou levemente enquanto respondia:

– Isto é, hum, ah, um aperfeiçoador de vestimentas, srta. Enola. Aperfeiçoador de vestimentas? Oh, mas certamente não é para a parte da frente. Portanto, deve ser para a parte de trás.

E eu segurava nas mãos, em plena sala, na presença de um homem, algo impronunciável que se esconde nas ancas de uma dama, sustentando suas dobras e tecidos.

– Sinto muito! – exclamei, sentindo o calor de meu rosto

ficando vermelho – Eu não fazia a menor ideia. Nunca havia usado anquinha e nunca tinha visto uma antes.

– Mil desculpas – mas um pensamento mais urgente acabou vencendo meu embaraço. – Sr. Lane – perguntei – como minha mãe estava vestida quando saiu de casa ontem de manhã?

É difícil lembrar, senhorita.

Ela estava carregando algum tipo de bagagem ou pacote?

Com certeza não, senhorita.

Nem mesmo uma bolsa ou uma sacola?

– Não, senhorita. – Mamãe tinha que estar carregando alguma coisa. – Eu acho que teria percebido se estivesse – completou o sr. Lane.

– Por acaso ela estava vestindo um traje com uma, hum...

– a palavra *anquinha* seria indelicada para se dizer a um homem.

– Com uma cauda, um apoio? Não era muito de seu feitio, mas não custava. Mas com a memória surgindo em seus olhos, o sr. Lane sacudiu a cabeça.

– Eu não consigo me lembrar de seu traje exato, srta. Enola, mas lembro que ela estava usando um blusão com a cintura baixa. O tipo de blusa que acomodaria uma anquinha.

– E seu chapéu alto cinza.

Eu conhecia aquele chapéu. Um tipo militar na aparência, lembrando um vaso de flores de ponta-cabeça, vulgarmente chamado três-andares-e-um-porão.

– E ela levava seu guarda-chuva de caminhada. Um objeto longo e negro que usava como bengala, robusto como a bengala dos cavalheiros.

Muito estranho minha mãe ter saído com um guarda-chuva e um chapéu masculinos e adornada com uma das mais elegantes peças de vestuário feminino, uma anquinha.



Capítulo terceiro



Um pouco antes da hora do jantar, um garoto trouxe a resposta dos meus irmãos:

CHEGANDO PRIMEIRO TREM MANHÃ EM
CHAUCERLEA PONTO FAVOR ENCONTRAR NA ESTAÇÃO
PONTO M & S HOLMES

Chaucerlea, a cidade mais próxima com uma estação de trem, fica a 16 quilômetros de Kineford.

E, para que eu chegasse no horário do primeiro trem da manhã, teria que sair ao amanhecer.

Como preparativo, naquela noite tomei banho – incômodo, arrastar a banheira de metal debaixo da cama e colocá-la próxima à lareira, carregar baldes de água escadaria acima e então trazer chaleiras com água fervendo para aquecer o banho. E a sra. Lane não ajudava, pois – mesmo sabendo que era verão – ela precisava montar uma fogueira no meu quarto, tudo isso enquanto dizia para a lenha, para o carvão e, finalmente, para as chamas, que ninguém em sã consciência tomaria banho em um dia tão úmido. Eu também queria lavar o cabelo, mas não poderia sem a ajuda da sra. Lane que acabou desenvolvendo um súbito reumatismo em seus braços, enquanto falava para as toalhas que aquecia:

– Mal se passaram três semanas desde a última vez, e o tempo ainda não esquentou o suficiente.

Deitei-me na cama, totalmente agasalhada, logo depois do banho e a sra. Lane, ainda resmungando, colocou bolsas de água quente aos pés da cama.

De manhã, escovei meu cabelo com pelo menos cem boas escovadas, tentando deixá-lo bem liso, e então o amarrei para trás

com uma fita branca para combinar com meu vestido – garotas da alta sociedade *devem* vestir branco, você sabe, para que apareça qualquer partícula de sujeira. Vesti meu mais novo, ou menos usado, vestido com uma linda roupa de baixo de rendas brancas e as tradicionais meias pretas com botas pretas recém-polidas pelo sr. Lane.

Depois de vestir tanta roupa, tão cedo, acabei ficando sem tempo para o café da manhã. Apanhei um xale do armário no *hall* de entrada – porque era uma manhã bastante gelada –, sentei-me em minha bicicleta, e pedalei rapidamente para que pudesse chegar a tempo.

Pedalar, descobri, permite que você pense sem ter medo de que alguém observe suas expressões faciais. E isso era um alívio, mais ainda um conforto, para pensar

nos acontecimentos enquanto eu acelerava por Kineford e virava para a estrada de Chaucerlea.

Eu me perguntava o que poderia ter acontecido com minha mãe.

Tentando não me demorar nesse pensamento, me perguntei se teria dificuldade em encontrar a estação de trem e meus irmãos.

E me perguntei sobre o que fez minha mãe dar os nomes dos meus irmãos de “Mycroft” e “Sherlock”. De trás para a frente, seus nomes ficavam *Tforcym* e *Kcolrehs*.

Eu imaginava que, de alguma forma, minha mãe estava certa.

Pense como se fosse Mycroft e Sherlock.

Eu também me perguntava se conseguiria reconhecê-los na estação de trem. Eu não os via desde que tinha quatro anos de idade, no funeral de papai. Tudo o que me lembrava deles é que pareciam muito altos, vestindo suas cartolas pretas, e muito austeros em seus trajes pretos, com suas luvas pretas, suas braçadeiras pretas e suas brilhantes botas pretas de couro.

E me perguntava se meu pai havia realmente morrido de humilhação devido à minha existência, como as crianças da vila gostavam de me contar, ou se ele havia sucumbido à febre e à pleurisia, como mamãe havia dito.

E também imaginava se meus irmãos iriam me reconhecer após dez anos.

Porque eles não visitavam mamãe e eu e porque nós não os visitávamos, eu sabia, claro, que por causa da desgraça que eu havia trazido para a família após meu nascimento. Meus irmãos não podiam arcar com os males de uma associação com a gente. Mycroft era um homem ocupado e influente com uma carreira em um cargo público em Londres, e meu irmão Sherlock era um famoso detetive com um livro escrito sobre ele, *Um estudo em vermelho*, por seu amigo e companheiro de quarto dr. John Watson. Mamãe havia comprado uma cópia...

Não pense em mamãe.

...e nós duas o havíamos lido. Desde então, tenho sonhado com Londres, o grande porto, a base da monarquia, o centro da alta sociedade e ainda, de acordo com o dr. Watson, “aquela grande fossa para onde todos os indolentes e preguiçosos do império são sugados”. Londres, onde homens de gravatas brancas e mulheres cheias de diamantes vão à ópera enquanto, nas ruas, cocheiros sem coração levam os cavalos à exaustão, segundo meu outro livro favorito, *Beleza negra*. Londres, onde os estudantes leem no Museu Britânico e multidões abarrotam teatros para serem hipnotizadas. Londres, onde pessoas famosas fazem sessões para se comunicarem com os espíritos dos mortos, enquanto outras pessoas famosas tentam explicar cientificamente como um espiritualista havia levitado por uma janela e pousado em uma carruagem.

Londres, onde garotos muito pobres se vestem com trapos e correm soltos pelas ruas, sem nunca terem ido à escola. Londres, onde vilões assassinam mulheres da noite – não tinha a menor ideia do que seria isso – e pegam seus bebês para vender como escravos. Em Londres, onde há músicos magistras, artistas magistras e criminosos magistras que raptam crianças e as forçam a trabalhar em antros de perversidade. Eu também não tinha a menor ideia do que seria isso. Mas sabia que meu irmão Sherlock às vezes era contratado pela realeza, aventurava-se nos antros de

perversidade para usar sua inteligência contra assassinos, ladrões e princesas do crime. Meu irmão Sherlock era um herói.

Lembrei-me da lista de habilidades do meu irmão que o dr. Watson fez: intelectual, químico, violinista soberbo, perito atirador, esgrimista, pugilista e um brilhante e dedutivo pensador.

Então, formulei mentalmente minha própria lista de habilidades: capacidade de ler, escrever e fazer contas, de encontrar ninhos de pássaros, de procurar minhocas e pescar peixes e, ah sim, de andar de bicicleta.

Sendo essa comparação tão desanimadora, resolvi parar de pensar e destinar minha atenção total para a estrada, já que tinha chegado aos limites de Chaucerlea.

A multidão nas ruas pavimentadas me deixou um pouco assustada. Eu tinha que abrir meu caminho entre pessoas e veículos desconhecidos nas alamedas de Kineford: homens vendendo frutas em carrinhos de mão, mulheres com cestas vendendo doces, babás empurrando carrinhos de bebês, muitos pedestres tentando não ser atropelados por carroças, carruagens e carros, vagões de cerveja, de carvão e de lenha e, até mesmo, um ônibus puxado por não menos do que quatro cavalos. E, no meio de tudo isso, como eu encontraria a estação de trem?

Espere. Vi alguma coisa. Subindo sobre os telhados das casas, como a pena de avestruz sobre o chapéu de uma dama, a fumaça da locomotiva a vapor.

Pedalando em sua direção, logo ouvi um ronco, um som agudo e os tinidos – o motor sendo desligado. Eu cheguei à plataforma no momento em que ele parou por completo.

Apenas uns poucos passageiros saltaram e, entre eles, não tive dificuldade em reconhecer dois londrinos altos que deviam ser meus irmãos. Eles vestiam trajes de cavalheiros do campo: ternos de *tweed* escuro com barras trançadas, gravatas finas, chapéus de coco. E luvas de pelica. Apenas nobres usam luvas no meio do verão. Um dos meus irmãos havia se tornado um pouco corpulento, deixando à mostra uma parte do seu colete de seda. Esse devia ser

Mycroft, eu supunha, sete anos mais velho. O outro – Sherlock – permanecia reto como um ancinho e magro como um cão de corrida em seu terno risca de giz e suas botas negras.

Balançando suas bengalas de passeio, eles viravam suas cabeças de um lado para o outro procurando por algo, mas suas buscas passavam direto por mim.

Enquanto isso, todos que estavam na plataforma direcionavam olhares e comentários para eles.

E, para minha maior irritação, percebi que estava trêmula quando desci da bicicleta. Uma tira da renda das minhas pantalonas, uma maldita coisa delicada, enroscou-se na corrente, rasgou e ficou pendurada por cima da minha bota esquerda.

Tentando arrancá-la, acabei derrubando meu xale.

Isso não podia acontecer. Respirando fundo, deixei o xale na bicicleta, que ficou encostada em uma das paredes da estação, e me aproximei direto dos dois londrinos, não muito bem-sucedida em manter a cabeça erguida.

– Sr. Holmes – perguntei – e, hum, ou outro sr. Holmes?

Dois pares de olhos cinzentos bem afiados se fixaram em mim. Dois pares de sobrancelhas aristocráticas se levantaram.

Eu disse:

– Vocês, hum, pediram que eu os encontrasse aqui.

– *Enola!* – os dois exclamaram juntos e depois alternando rapidamente:

– O que você está fazendo aqui? Por que você não mandou a carruagem?

– Nós devíamos tê-la reconhecido; ela se parece muito com você, Sherlock – então, o alto e magro era mesmo Sherlock. Eu gostei de seu rosto ossudo, seus olhos de gavião, seu nariz parecido com um bico, mas percebi que parecer com ele não era nenhum elogio.

Achei que ela fosse uma menina de rua.

Com uma bicicleta?

Por que a bicicleta? Onde está a carruagem, Enola? Estranhei.

– Carruagem? Há um landau e um faetonte enferrujando na garagem de casa, mas há anos não temos cavalos, desde que o velho hunter de mamãe partiu para pastos mais verdes. Eu devia ter alugado cavalos, acho – disse lentamente – mas não saberia como controlá-los ou direcioná-los.

O mais parrudo, Mycroft, perguntou:

Por que estamos pagando um tratador e um cavaliço, então?

Desculpe, não entendi.

Você está me dizendo que não há cavalos?

– Depois, Mycroft. Você! – com uma calma voz de comando, Sherlock intimou um garoto que vadiava por ali. – Vá alugar uma carruagem para nós.

Ele jogou uma moeda para o garoto, que tocou a boina e saiu correndo.

– É melhor esperarmos lá dentro – disse Mycroft. – Aqui fora com o vento o cabelo de Enola vai ficar cada vez mais e mais parecido com um ninho de gralha. Onde está seu chapéu, Enola?

E por aí, de alguma forma, já havia passado o momento de eu dizer “Como vai você?” ou de eles dizerem “É tão bom vê-la de novo, querida” e apertarmos as mãos, ou algo desse tipo, até que lembrei que eu sou a vergonha da família. Então, comecei a perceber que aquele FAVOR ENCONTRAR NA ESTAÇÃO havia sido uma requisição de transporte, não de que eu estivesse presente pessoalmente.

Bem, se eles não desejavam o prazer de minha conversa, até era uma boa coisa: permaneceria muda e estúpida.

– Ou as suas luvas – repreendeu-me Sherlock, segurando-me pelo braço e me levando pela estação – ou roupas decentes e apropriadas de qualquer tipo? Você agora é uma jovem dama, Enola.

Aquela declaração me fez querer falar.

Eu acabei de completar quatorze anos. Em um tom intrigado, quase queixoso, Mycroft murmurou:

Mas nós temos pagado por uma costureira...

Falando comigo, Sherlock decretou daquele seu jeito espontaneamente imperial:

Você deveria estar usando saias longas desde que fez doze anos. O que a sua mãe estava pensando? Suponho que ela deva ter ido de vez viver entre as sufragistas.

Eu não sei para onde foi – disse, e para minha própria surpresa, como ainda não tinha chorado até aquele momento, explodi em lágrimas.

Outras menções de mamãe foram deixadas de lado até que nos sentamos na carruagem alugada, com minha bicicleta amarrada na parte de trás, balançando enquanto atravessávamos Kineford.

– Nós somos uma dupla de brutos imprudentes – Sherlock comentou com Mycroft em determinado ponto, enquanto me entregava um grande e muito engomado lençinho que mal dava para encostar no nariz. Tenho certeza de que eles pensaram que eu estava chorando por causa de mamãe, e eu estava. Mas, para ser sincera, também estava chorando por minha causa.

Enola – Alone.

Um ao lado do outro, no assento oposto ao meu, meus irmãos sentaram-se juntos, de frente para mim, mas olhando para qualquer outra coisa. Claramente, eles me achavam uma vergonha.

Eu me acalmei alguns minutos depois de deixar a estação, mas não conseguia pensar em nada para dizer. A carruagem, que era um pouco maior do que uma caixa com pequenas janelas, não encorajava conversas, até mesmo se estivéssemos inclinados a comentar sobre as belezas da natureza, o que eu definitivamente não estava.

– Então, Enola – perguntou Mycroft asperamente, depois de um tempo. – Está se sentindo bem o suficiente para nos contar o que aconteceu?

Eu me sentia, mas havia muito pouco a acrescentar ao que eles já sabiam. Mamãe havia saído de casa cedo, em uma terça-feira de manhã, e não havia retornado desde então. Não, ela não havia

deixado nenhuma mensagem nem explicação de nenhum tipo. Não, não há razão para pensar que ela talvez tivesse ficado doente; sua saúde era excelente. Não, ninguém sabia dela. Não, em resposta às perguntas de Sherlock, não havia marcas de sangue, não havia pegadas, não havia sinais de arrombamento, e eu não sabia de nenhum estranho que estivesse espreitando por ali. Não, não havia pedido de resgate. Se mamãe tinha inimigos, eu não sabia. Sim, eu havia notificado o departamento de polícia de Kineford.

– Então posso até ver – comentou Sherlock, inclinando-se para a frente a fim de espiar pela janelinha da carruagem enquanto passávamos por Ferndell Park – por aí, junto com qualquer vagabundo da vila, cutucando os arbustos e bisbilhotando da maneira mais ineficaz possível.

– Eles esperam encontrá-la se protegendo debaixo de um espinheiro? – resmungando, enquanto um espaço aberto surgia à sua frente, Mycroft se inclinou para olhar a janela do seu lado. Suas sobancelhas grossas se levantaram até a altura do chapéu.

– O quê? – gritou. O que vocês fizeram com a propriedade? Chocada, protestei.

– Nada!

– Absolutamente nada foi feito, aparentemente por anos! Está toda cheia de mato...

– Interessante – Sherlock murmurou.

– Uma barbaridade! – Mycroft retrucou. A grama está com um metro de altura, os brotos estão surgindo, arbustos cheios de espinhos e quase sem folhas...

– São rosas selvagens – eu gosto delas.

– Crescendo onde deveria ser o gramado frontal? Para que, por Deus, o jardineiro ganha seu salário?

– Jardineiro? Não há jardineiro. Mycroft se virou para mim como um gavião cai sobre sua presa.

– Mas vocês têm um jardineiro! Ruggles é o nome do homem, e tenho pagado a ele doze xelins por semana pelos últimos dez anos!

Confesso que fiquei boquiaberta por muitas razões. Como Mycroft poderia sofrer da ilusão absurda de que nós tínhamos um jardineiro? Eu não conhecia ninguém chamado Ruggles. Além do mais, não fazia ideia de que o dinheiro vinha de Mycroft. Acho que pensava que o dinheiro, como o corrimão da escada, os candelabros e outros móveis, tivesse vindo com a casa.

Sherlock interveio.

– Mycroft, se existisse tal indivíduo, tenho certeza de que Enola teria conhecimento dele.

– Ah. Ela não estaria ciente de...

Sherlock interrompeu, embora endereçasse sua observação para mim.

– Enola, deixe para lá. Mycroft fica de muito mau-humor quando é desviado de sua órbita usual entre sua casa, o escritório e o clube Diogenes. Ignorando-o, inclinou-se na minha direção, perguntando:

– Enola, não existem mesmo cavalos, nem cavalaria, nem tratador?

Não... quer dizer, sim... sim, não há nada disso.

Bem, o que é? Não ou sim?

– Mycroft! – Sherlock interveio. – A cabeça da garota, como pode observar, é muito menor em proporção ao seu corpo notavelmente alto. Deixe-a em paz. Não adianta confundi-la e

chateá-la uma vez que você poderá descobrir tudo por si próprio em breve.

Com certeza, naquele momento a carruagem parou em frente a Ferndell Hall.



Capítulo quarto



Entrando no quarto de mamãe com meus irmãos, notei, em cima da mesa de chá, um vaso japonês com flores dentro, as pétalas estavam ficando marrons. Mamãe deve ter arrumado aquele buquê um dia ou dois antes de desaparecer.

Peguei o vaso e abracei-o contra meu peito.

A varredura de Sherlock Holmes passou por mim. Ele havia rejeitado as boas-vindas do sr. Lane, declinado a oferta de uma xícara de chá da sra. Lane e recusado parar por ao menos um instante antes de começar sua investigação. Olhando de relance para o quarto iluminado e bem arejado de mamãe, com suas muitas aquarelas de flores, ele caminhou a passos largos através do estúdio e avançou até a cama. Ali o ouvi fazendo uma exclamação mordaz.

– O que foi? – chamou Mycroft, chegando um pouco depois e andando lentamente após papear com o sr. Lane, enquanto deixava sua bengala, chapéu e luvas aos cuidados do mordomo.

– Deplorável! – gritou Sherlock de dentro do quarto referindo-se, creio eu, à bagunça em geral e às roupas que não ousava mencionar. – Indecente! – sim, definitivamente ele se referia às não mencionáveis. Continuando com seus passos largos, ele reapareceu no estúdio. – Parece que ela saiu com muita pressa.

Parece – pensei.

– Ou talvez tenha se tornado mais relaxada em seus hábitos pessoais – adicionou, mais calmo. – Ela tem, afinal, sessenta e quatro anos.

O vaso de flores em minhas mãos exalou um odor de água parada e raízes apodrecidas. Mas, quando ainda fresco, esse buquê

devia ter um cheiro maravilhoso. Percebi que as flores, quase secas, haviam sido ervilhas-de-cheiro. E cardos.

– Ervilhas-de-cheiro e cardos? – exclamei. Que estranho...

Os dois homens apontaram seus olhos em minha direção com exasperação.

– Sua mãe *era* estranha – disse Sherlock, seco.

– E ainda é, presumivelmente – acrescentou Mycroft mais gentilmente e em meu favor, a julgar pela olhadela de repreensão que deu para seu irmão.

Então, eles também tinham medo de que ela *estivesse*... morta. No mesmo tom mordaz, Sherlock disse:

– Pelo estado das coisas aqui, parece-me que ela agora progrediu da esquisitice para a demência senil.

Sendo um herói ou não, ele e seus modos estavam começando a me irritar. E a me magoar, já que minha mãe também era a mãe dele. Como ele conseguia ser tão frio?

Naquele momento eu não sabia, e nem tinha como saber, que Sherlock Holmes vivia sua vida em um tipo de sombria frieza. Ele sofria de melancolia e, às vezes, tinha crises tão fortes que, por uma semana ou mais, se recusava até a se levantar da cama.

– Senilidade? – perguntou Mycroft. – Você pode chegar a uma dedução um pouco mais útil?

Qual, por exemplo?

Você é o detetive. Saque aquelas suas lentes. *Detecte*.

Eu já fiz isso. Não há nada para ser visto aqui.

Lá fora, então?

– Depois de um dia inteiro de chuva? Não haverá mais rastros para dizer aonde ela foi. Mulher tola. Desanimada pelo seu tom e por seu comentário, saí carregando o vaso de flores mortas escada abaixo em direção à cozinha.

Lá, encontrei a sra. Lane ajoelhada no chão com uma escova. Ela esfregava o assoalho de carvalho tão ferozmente que suspeitei que também estivesse preocupada com alguma coisa.

Joguei o conteúdo do vaso japonês dentro do balde de madeira cheio de lavagem, em cima de restos de vegetais e coisas do tipo.

De joelhos e apoiada nas mãos, a sra. Lane falou olhando para o chão:

– Eu estava tão ansiosa para rever o sr. Mycroft e o sr. Sherlock. Coloquei o vaso verde fino na parte metálica da pia de madeira e abri a torneira da cisterna para que ele se enchesse de água. A sra. Lane continuou falando:

– E foi a mesma velha história, a mesma disputa idiota; eles nunca deram sequer uma palavra gentil para a própria mãe, e agora ela talvez esteja caída em algum lugar lá fora... Sua voz estava entrecortada. Eu não disse nada, tentando não deixá-la mais chateada. Fungando e escovando, a sra. Lane declarou:

– Não me surpreende que sejam solteiros. Querem ter tudo do jeito deles. Acham que estão sempre certos. Nunca suportariam uma mulher de cabeça feita.

Um sino tocou, um dos inúmeros sinos suspensos por barbantes sujos, ao longo da parede em cima do fogão.

– Aí, pronto, é o sino da sala de estar. Suponho que eles estejam esperando pelo almoço, e eu até o pescoço com a sujeira deste chão.

Como não tomei café da manhã, também não rejeitaria o almoço. Eu também queria saber o que estava acontecendo. Saí da cozinha e fui para a sala de estar.

À pequena mesa informal estava sentado Sherlock fumando um cachimbo e olhando para Mycroft, que estava sentado à sua frente.

Os dois melhores pensadores da Inglaterra têm a obrigação moral de resolver isso – dizia Mycroft. – Agora, será que a mãe saiu voluntariamente ou ela estaria planejando voltar? O estado desordenado do seu quarto...

Pode querer dizer que ela saiu impulsivamente e com pressa, ou pode refletir o desleixo inato da mente de uma mulher – interrompeu Sherlock. – E de que adianta a razão quando se trata de lidar com uma mulher, ainda mais com uma que está à beira da senilidade?

Os dois voltaram a atenção para mim quando entrei na sala, com esperanças de que eu fosse uma criada, apesar de que já deveriam saber naquele momento que não havia nenhuma.

– Almoço? – perguntou Mycroft.

– Só Deus sabe – respondi, enquanto me juntava a eles na mesa.

– A sra. Lane tem uma cabeça um tanto peculiar.

– De fato.

Fiquei observando meus altos, bonitos e brilhantes irmãos – para mim, pelo menos. Eu os admirava. Eu queria gostar deles. Eu queria que *eles*...

Besteira, Enola. Você se sai muito bem sozinha.

Quanto aos meus irmãos, não prestaram mais atenção em mim.

– Eu lhe asseguro que mamãe não está à beira da senilidade, nem da demência – disse Mycroft para Sherlock. – Nenhuma mulher senil poderia compilar as contas que ela me mandou nos últimos dez anos, perfeitamente claras e ordenadas, detalhando as despesas da construção de um banheiro...

Que não existe – interrompeu Sherlock em um tom ácido.

...um quarto de banho...

Idem.

– ...e o constante aumento de salário dos criados, das arrumadeiras, da cozinheira e das faxineiras...

Inexistentes.

...do jardineiro, do assistente do jardineiro, do reparador...

Igualmente inexistentes, a menos que consideremos o Dick.

Que é bastante estranho – Mycroft concordou. Uma piada, ainda que não tenha surgido nenhum sorriso ou ao menos um pequeno movimento labial de nenhum dos meus irmãos. – Estou surpreso de que a mãe não tenha listado um tal de Reginald Cole, que é indiscutivelmente um empregado em seus gastos. Ela listou cavalos e pôneis imaginários, carruagem, cocheiro, tratadores e cavaleiros que não existem...

– Não há como negar que nós fomos tristemente enganados.

– ...e, para Enola, uma professora de música, um instrutor de dança, uma governanta... Olhei chocada de um para o outro, como se um problema lógico houvesse repentinamente ganhado rosto e cabelo, e os dois juntos viraram seus olhares para mim.

– Enola... – exigiu Sherlock – Você ao menos *tem* uma governanta, não tem?

Eu não tinha. Mamãe havia me mandado para a escola com as crianças da vila e, depois que aprendi tudo o que podia lá, ela me disse que poderia aprender tudo muito bem sozinha, e considerei que podia mesmo. E li cada livro da biblioteca de Ferndell Hall, desde *Um jardim de poemas infantis* até a *Enciclopédia Britânica* completa.

Como demorei para responder, Mycroft refez a pergunta:

– Você teve a educação apropriada para uma jovem dama?

– Já li Shakespeare – respondi – e Aristóteles, e Locke, e os romances de Thackeray, e os ensaios de Mary Wollstonecraft.

Seus rostos congelaram. Parece que ficaram mais horrorizados do que se eu tivesse contado que aprendi a me apresentar em um trapézio de circo.

Então Sherlock voltou-se para Mycroft e disse calmamente:

– É culpa minha. Não há como se confiar em uma mulher. Por que deveríamos abrir uma exceção para nossa mãe? Eu devia ter vindo aqui verificar como iam as coisas pelo menos, não importa o quanto isso pudesse ter sido desagradável. Mycroft falou com a mesma calma e tristeza:

– Ao contrário, meu caro Sherlock, fui eu que negligenciei minha responsabilidade. Sou o filho mais velho...

Uma tosse discreta fez-se ouvir, e a sra. Lane entrou com uma bandeja de sanduíches de pepino, frutas fatiadas e um jarro de limonada. Houve um silêncio por alguns momentos, até que o almoço foi servido. Durante esse silêncio, uma pergunta surgiu em minha mente.

– O que tudo isso – perguntei, depois que a sra. Lane se retirou – tem a ver com encontrar mamãe? Em vez de me responder, Mycroft voltou sua atenção totalmente ao prato.

Sherlock bateu com os dedos na mesa, ribombando na toalha de mesa engomada.

Estamos formulando uma teoria – disse ele, finalmente.

E qual é essa teoria? Silêncio novamente. Eu perguntei:

Eu vou ter minha mãe de volta ou não?

Nenhum deles olhou para mim, mas, depois do que pareceu ser um longo tempo, Sherlock olhou para seu irmão e disse:

– Mycroft, acho que ela tem o direito de saber.

Mycroft respirou fundo, balançou a cabeça, baixou o resto do seu terceiro sanduíche e me encarou.

Estamos tentando concluir – disse ele – se o que está acontecendo agora está relacionado com o que aconteceu antes. A mor... hum, o falecimento de papai. Você não deve se lembrar, suponho.

Eu tinha quatro anos de idade – disse. – Lembro-me mais dos cavalos negros.

Sim. Bem, depois do enterro, nos dias seguintes, houve um desentendimento...

– Ele está colocando de um jeito gentil – Sherlock se interpôs. – A expressão mais certa seria “batalha real”. Ignorando-o, Mycroft seguiu em frente.

– Desentendimentos sobre o que aconteceria com a propriedade. Nem Sherlock nem eu queríamos morar aqui; então, a mãe achou que o dinheiro do aluguel deveria ir direto para ela e que ela deveria cuidar do Ferndell Park.

Bem, ela cuidou, não cuidou? Mycroft havia dito aquilo como se ele considerasse a ideia absurda.

– Como eu sou o filho mais velho, a propriedade é minha – continuou – e mamãe não discutiu isso, mas não conseguia entender por que ela não poderia gerenciar as coisas por mim, assim

como se acontecesse o contrário. Quando Sherlock e eu a lembramos que, legalmente, ela não tinha sequer o direito de viver aqui, a não ser que eu permitisse, ela se tornou um tanto quanto irracional e deixou claro que nós não seríamos mais bem-vindos ao lugar onde nascemos.

Oh, meu Deus! Tudo parecia virar de cabeça para baixo em minha mente, como se eu estivesse pendurada pelos joelhos, balançando em um galho de árvore. Durante toda a minha vida tive a certeza de que meus irmãos mantiveram distância por causa da minha vergonhosa existência, e agora eles estavam dizendo que o problema era com minha mãe?

Eu não saberia dizer exatamente como me senti; talvez, um tanto quanto desorientada. Mas algo bem secreto fez com que meu coração se agitasse.

– Eu enviei para ela um subsídio mensal – continuou Mycroft

– e ela me enviou uma carta bastante comercial requisitando um aumento. Eu respondi pedindo uma prestação de contas sobre como o dinheiro vinha sendo gasto, e ela concordou. Suas contínuas requisições por fundos adicionais sempre foram muito razoáveis, e nunca recusei nenhuma delas. Mas o que foi feito de todo esse dinheiro, bem, não faço a menor ideia.

Eu notei sua hesitação.

– Mas você tem uma teoria – eu disse.

– Sim – ele respirou profunda e longamente. – Nós achamos que ela vinha economizando todo esse tempo, enquanto planejava uma fuga – outra respirada profunda e ainda mais longa. – Achamos que agora ela pegou o dinheiro que considerava ser seu e, bem, foi para algum lugar para, hum, nos esnobar, por assim dizer.

Mas que diabos ele estava dizendo? Que mamãe havia me abandonado? Fiquei sentada, surpresa e com minha boca entreaberta.

– Poupe a capacidade cerebral da garota, Mycroft – sussurrou Sherlock para o irmão, e voltando-se gentilmente para mim, disse:

Enola, em suma, achamos que ela fugiu. Mas isso é absurdo, impossível. Ela não faria isso comigo.

Não – deixei escapar. – Não pode ser.

Pense, Enola – Sherlock soou exatamente como mamãe.

– Toda a lógica aponta para essa conclusão. Se estivesse ferida, a equipe de busca já a teria encontrado e se estivesse envolvida em algum acidente, nós teríamos ouvido algo a respeito. Não há razões para que alguém a machuque, e não há sinais de que seja apenas uma brincadeira. Não há razão para que alguém a tenha sequestrado, a não ser que seja pelo pedido de resgate, o que também não existe. Ele parou para respirar antes de continuar.

– Se, entretanto, ela estiver viva, em perfeito estado físico, e fazendo seja lá o que a agrada...

Como sempre... – acrescentou Mycroft.

Seu quarto bagunçado pode ser simplesmente uma pista falsa.

– Para nos deixar sem ação – concordou Mycroft. – E isso certamente mostra que ela esteve tramando e planejando isso por anos...

Foi neste momento que dei um pulo da cadeira onde estava sentada, ao perceber algo importante.

– Mas se ela podia ter partido a qualquer momento

– lamentei – por que ela fez isso no dia do meu *aniversário*?

Agora foi a vez deles se esticarem na cadeira com suas bocas rudemente abertas. Eu os havia deixado sem fala.

Bem, naquele momento triunfante me ocorreu, com um arrepio, que mamãe *havia* instruído a sra. Lane para entregar-me meus presentes caso não voltasse a tempo para o chá.

Ou para sempre.



Capítulo quinto



Por causa das lágrimas nos meus olhos, creio que abandonei o almoço um tanto quanto apressadamente.

Eu precisava ir para fora. O ar puro esfriaria os sentimentos que me queimavam. Parando apenas para pegar o *kit* de pintura que mamãe havia me dado, saí correndo pela porta da cozinha, passando pela horta, pelos estábulos vazios, pelo gramado crescido além da conta e fui para uma parte do terreno repleta de árvores. E então, totalmente sem fôlego, andei por entre os carvalhos, sentindo-me um pouco melhor.

Parecia que estava sozinha na floresta. Os policiais e os outros da equipe de busca haviam ido para campos e pântanos mais distantes.

Havia uma ladeira nesta região arborizada e, no fundo do declive, estava o meu lugar favorito: um pequeno vale rochoso onde as samambaias drapejavam como se fossem o echarpe de seda verde de uma dama colocado sobre as pedras, rastejando sob a trilha de uma pequena corredeira que formava um charco embaixo de um salgueiro inclinado. Apesar de estar vestindo saia e pantalonas, passei pelas pedras e rochas até que cheguei ao salgueiro. Abraçando seu tronco grosso, encostei meu rosto em sua casca musgosa. E então me agachei e rastejei até um espaço sombreado entre a árvore e o charco.

Aquele recanto calmo era meu esconderijo secreto, conhecido apenas por mim. Ali eu guardava as coisas que gostava, coisas que a sra. Lane teria jogado fora se eu as houvesse levado para dentro da casa. Enquanto meus olhos se acostumavam com as sombras, me ajeitei em minha toca suja de terra, olhando ao redor para as pequenas prateleiras de pedra que havia construído. Sim, ali

estavam meus caracóis, minhas pedrinhas coloridas, minhas bolotinhas, algumas penas brilhantes de gaio, uma abotoadura, um camafeu quebrado e alguns outros tesouros que encontrei nos ninhos dos corvos.

Respirando aliviada, dobrei meus joelhos sob meu queixo, numa posição em que uma dama nunca deveria ficar, com os braços ao redor da canela, e fiquei tocando com meus pés a água que chegava à margem, a centímetros dos meus pés. Filhotes de truta nadavam no charco. Observando-os nadar rápido e se juntar em grupos, nadar e se juntar, eu normalmente ficaria encantada e até um pouco entorpecida.

Mas hoje não. Tudo em que podia pensar era no que podia ter acontecido com mamãe, em como teria que voltar para casa e não encontrá-la esperando por mim, e sim meus irmãos. E que, quando entrasse em casa assim com a roupa toda suja, eles diriam...

Às favas com meus irmãos, não é Enola?

Colocando meus joelhos na posição correta, abri meu *kit* de pintura para pegar um lápis e algumas folhas de papel. Em uma delas desenhei um rápido, e nada bonito, retrato de Mycroft com suas polainas, seu monóculo e sua grossa corrente de relógio que atravessava seu protuberante colete.

Depois, desenhei um rápido retrato de Sherlock com suas pernas magras, e seu grande nariz e seu queixo.

Então, quis desenhar mamãe porque eu também estava brava com ela. Eu queria desenhá-la do jeito que ela devia estar no dia em que foi embora, com seu chapéu como as pétalas de uma das flores de ponta-cabeça, o casaco com detalhes extravagantes nas costas e as anquinhas tão ridículas... – E ela nem havia levado seu *kit* de pintura e não pretendia voltar para comemorar meu aniversário. Ela *havia*, de fato, planejado alguma coisa. Por mais que isso doesse, eu tinha que admitir.

Aos diabos com ela, durante todo o tempo em que eu a estive procurando, em pânico, ela estava indo muito bem, aproveitando alguma aventura sem mim.

Eu deveria estar feliz por concluir que pelo menos ela estava viva. Mas muito pelo contrário. Eu me sentia infeliz. Ela havia me abandonado.

Por que ela simplesmente não me expulsou logo no começo? Por que não me colocou em uma cesta e me largou em alguma porta quando eu nasci? Por que tinha me abandonado agora? Para onde podia ter ido?

Em vez de desenhar, fiquei pensando. Deixando os desenhos de lado, anotei uma lista de perguntas:

Por que mamãe não me levou com ela?

Se ela tinha que ir para um lugar distante, por que não usou a bicicleta?

Por que ela se vestiu de maneira tão estranha?

Por que ela não saiu pelo portão da frente?

Se ela resolveu atravessar o campo a pé, aonde estaria indo?

Supondo que ela tenha encontrado transporte, novamente, aonde estaria indo?

O que ela fez com todo o dinheiro?

Se ela estava fugindo, por que não levou bagagem?

Por que ela fugiria no dia do meu aniversário?

Por que ela não me deixou nenhuma palavra de explicação ou despedida?

Coloquei o lápis de lado e fiquei observando as pequenas ondas na borda da corredeira, os filhotes de truta passando como se fossem pequenas lágrimas negras.

Alguma coisa farfalhou uma das moitas que rodeavam o salgueiro. Quando me virei para olhar, uma cabeça peluda familiar cutucou minha mão.

Ah, Reginald – reclamei. – Deixe-me sozinha. – Mas me inclinei para ver o que havia atrás do velho cole. Ele apertava seu largo e

áspero focinho contra meu rosto, balançando sua pata, enquanto colocava meus braços ao redor do seu pescoço.

Obrigado, Reginald – disse uma voz refinada. Meu irmão Sherlock estava parado atrás de mim.

Engasgando, empurrei Reginald para longe e tentei alcançar os papéis. Eu os havia deixado no chão. Mas não fui rápida o suficiente. Sherlock os pegou antes.

Ele olhou estupefato para os desenhos que fiz dele e de Mycroft e então jogou a cabeça para trás e riu de maneira quase silenciosa e aparentemente sincera, balançando-se para a frente e para trás, até que teve de se sentar em uma das prateleiras de pedra ao lado do salgueiro, sem fôlego.

Senti-me irritada por causa da humilhação, mas ele estava sorrindo.

– Muito bom, Enola – disse, ainda rindo para si mesmo, quando conseguiu dizer algo.

Você realmente tem dom para caricatura. Devolveu-me os desenhos.

Talvez seja melhor que Mycroft não os veja.

Ele não estava zombando do meu esconderijo, pelo me-nos, mas senti um pouco de reprovação em suas palavras e um certo desejo de que eu saísse dali. Franzindo as sobrancelhas, acabei saindo.

Ele perguntou:

– O que é esse papel que você tem nas mãos? Posso ver? Minha lista. Entreguei a ele dizendo para mim mesma que não me importava mais com o que ele pensasse de mim. Sentei-me, repentinamente, em outra pedra que estava em cima de uma rocha maior enquanto ele lia. Ele prestou muita atenção à minha lista. De fato, ponderava alguma coisa, seu rosto comprido e seu nariz de gavião estavam agora muito sérios.

– Certamente você cobriu os pontos evidentes – disse ele, finalmente, com um leve ar de surpresa. – Eu acho que podemos imaginar que ela não saiu pelo portão porque não queria que o

porteiro visse em qual direção estava indo. E, pela mesma razão, não quis usar as estradas onde poderia encontrar alguma testemunha. Ela foi esperta o suficiente para nos deixar sem nenhuma pista sobre a direção tomada.

Concordei com um movimento de cabeça, sentando-me mais ereta, e sentindo-me infinitamente melhor. Meu irmão Sherlock não havia dado risada dos meus pensamentos. Ele estava conversando comigo.

Aquela agitação ainda sem nome – que inundava meu coração – eu começava a perceber agora o que era.

Havia começado quando eu descobri que a bronca dos meus irmãos era com minha mãe e não comigo.

Isso era uma esperança. Um sonho. Um desejo vivo, realmente. Agora poderia haver uma chance de verdade.

Eu queria que meus irmãos... eu não ousava pensar em termos de afeição, mas queria que eles se importassem comigo, só um pouco, de alguma forma.

Sherlock estava dizendo:

– Sobre suas outras dúvidas, Enola, espero esclarecê-las muito em breve. Eu concordei novamente.

– Uma questão que não entendi. Quando pedi para a sra. Lane descrever a vestimenta de sua mãe, falhei em perceber o quanto era estranha.

Eu enrubesci relembrando o erro grave que cometi com sr. Lane, e apenas consegui murmurar:

– A... hum... anquinha. –Ah,a anquinha – para ele,parecia estar tudobemem dizeraquilo.

– Como a história do canibal que perguntou à mulher do missionário se todas as mulheres eram deformadas como ela. Bem, não há o que se discutir sobre as maneiras como as damas escolhem para se enfeitar. Os caprichos do belo sexo desafiam a lógica – disse. Ele encolheu os ombros e finalizou o assunto:

– Enola, retorno a Londres dentro de uma hora e a encontrei a tempo de me despedir e dizer-lhe que foi muito bom vê-la novamente após todos esses anos. Ele me estendeu sua mão – de luvas, é claro. Eu engasguei, e por um instante não conseguia falar.

– Mycroft permanecerá aqui por alguns dias – continuou Sherlock. Pelo menos enquanto aguentar ficar longe do seu querido clube Diogenes.

Depois de engolir seco para recuperar a voz, perguntei:

– O que você vai fazer em Londres?

– Abrir uma investigação junto à Scotland Yard. Procurar nas listas de passageiros das empresas de viagem de navio por mulheres que viajaram sozinhas, no caso de nossa mãe desaparecida ter deixado a Inglaterra para ir ao sul da França ou qualquer outra Meca artística... ou talvez ela esteja fazendo alguma peregrinação até algum santuário sufragista – lançou-me um olhar de igual para igual. – Enola, você sabe bem mais de nossa mãe do que eu. Aonde você acha que ela pode ter ido?

O grande Sherlock Holmes querendo saber o que eu achava? Mas eu não tinha nada para lhe oferecer. Eu tinha, afinal, uma capacidade cerebral mínima. Sentindo mais uma vez a queimação de meu rosto ficando vermelho, balancei a cabeça.

– Bem, o departamento de polícia não reportou nenhum sinal dela pelas proximidades, portanto, preciso ir – ele se levantou, tocou a aba do chapéu num gesto cortês, mas não apontando diretamente para mim. – Não desanime – disse ele. Não há indicação de que ela esteja, de alguma forma, ferida.

E então, balançando sua bengala, passou pelas rochas do vale com uma dignidade tranquila, como se estivesse subindo a escadaria de algum palácio de Londres. Chegando ao topo, sem se virar, levantou sua bengala e a balançou em um tipo de dispensa ou despedida, e seguiu para a casa a passos largos, com o cão correndo adoravelmente junto a ele.

Eu o observei até desaparecer entre as árvores da floresta – olhei para ele como se soubesse que, apesar de não ser sua culpa, não

teria com ele outra conversa como essa, e por muito, muito tempo.

De volta à casa, fui procurar pelo item que o sr. Lane havia chamado “aperfeiçoador de vestimentas”, encontrando-o onde o havia deixado, de maneira muito inapropriada, na sala de visitas. Perguntei-me por que mamãe havia colocado a almofada de penas sobre sua penteadeira e não dentro da sua anquinha. Ponderando, eu o peguei e subi as escadas para recolocá-lo no quarto no caso de ela querer usá-lo quando... retornasse?

Mas não havia razão para pensar que ela retornaria. Afinal, ela havia escolhido partir. Por vontade própria.

Afundando nos braços de uma cadeira de madeira dura da sala de estar, eu me larguei ali como se estivesse em coma sobre a áspera almofada de crina de cavalo que segurava. Fiquei nessa posição por um longo tempo.

Finalmente, levantei minha cabeça, pensamentos vingativos endureciam minha mandíbula. Se mamãe havia me deixado para trás, parte dos seus pertencentes certamente seria minha, e eu considerava isso muito justo.

Essa foi uma decisão tomada, em boa parte, por raiva, mas também por necessidade. Como tinha estragado meu vestido, eu precisava trocá-lo. Os outros poucos que tinha, que antes eram totalmente brancos, estavam agora com um tom amarelo-esverdeados, cheios de manchas de terra e grama. O estado deles era, portanto, consideravelmente pior. Decidi, então, escolher algo apropriado no guardaroupa de mamãe.

Levantei-me, subi as escadas a passos largos e, quando cheguei à porta do quarto de mamãe, girei a maçaneta.

Nada aconteceu. A porta estava trancada.

Este era um dos dias mais irritantes da minha vida. Seguindo até o topo da escada e me inclinando sobre o corrimão, permiti que minha voz se levantasse até alcançar um tom maldoso.

– Sr. Lane!

– Shhhh! – surpreendentemente, já que ele poderia estar em qualquer lugar da casa, da chaminé ao sótão, o mordomo surgiu

abaixo de mim na mesma hora. Com uma das mãos vestindo uma luva branca encostada nos lábios, ele me informou – Srta. Enola, o sr. Mycroft está cochilando.

Revirando os olhos, acenei para que o sr. Lane subisse. Quando ele se aproximou, eu disse da maneira mais silenciosa possível:

– Preciso da chave do quarto de mamãe.

– O sr. Mycroft deu ordens para que esses quartos fossem mantidos trancados. O assombro aumentou minha irritação.

E por que isso?

Não cabe a mim perguntar, srta. Enola.

Muito bem. Eu não preciso da chave se você apenas destrancar o quarto para mim.

Eu tenho que pedir permissão para o sr. Mycroft, srta. Enola, e se acordá-lo, ele vai ficar consternado. O sr. Mycroft deu ordens para que eu...

Sr. Mycroft isso, sr. Mycroft aquilo. O sr. Mycroft pode enfiar a cabeça em um barril de água de chuva e se afogar. Com os lábios cerrados, mostrei ao sr. Lane o aperfeiçoador de vestimentas, dizendo-lhe:

– Preciso colocar isso no lugar.

O mordomo ficou vermelho, o que me deixou satisfeita já que eu nunca o havia visto ficar assim antes.

– Além do mais – continuei calmamente entre meus dentes apertados – preciso procurar algo para vestir no guarda-roupa de mamãe. Se descer para jantar com este vestido, o sr. Mycroft ficará bem mais do que consternado. Ele vai espumar pela boca. Destranque a porta.

Sem nenhuma outra palavra, o sr. Lane a destrancou. Mas ele ficou com a chave, parado perto da porta esperando por mim.

Assim, tomada por um espírito perverso, demorei todo o tempo que me foi necessário. Mas, enquanto vasculhava os vestidos de minha mãe, pensei sobre esse novo rumo que as coisas estavam

tomando. As portas do quarto de mamãe trancadas, entrada apenas com a permissão de Mycroft – isso não deveria acontecer.

Perguntei-me se mamãe poderia ter deixado para trás sua própria chave.

Esse pensamento me assustou, porque se tivesse se vestido para sair por um dia, ela tinha intenção de voltar e deveria ter levado a chave com ela. Entretanto, se ela a deixou para trás, o significado disso estaria evidente.

Levei alguns instantes, e várias tomadas de fôlego, até ter coragem de chegar até suas vestes de caminhada. Elas não haviam sido guardadas, e ainda se encontravam dependuradas sobre o espelho.

Achei a chave na primeira olhada, dentro do bolso do casaco.

Ela pesou em minha mão. Fiquei parada, olhando para ela como se nunca a tivesse visto antes. Uma alça oval de um lado da haste, um retângulo dentado do outro lado. Um estranho objeto de ferro – Ela não planejava voltar.

Foi então que aquele odiável esqueleto de metal se tornou, de repente, minha posse mais preciosa. Apertando-a com força, puxei um vestido do guarda-roupa de minha mãe para escondê-la e saí do quarto.

– Muito bem, sr. Lane – disse calmamente, e ele trancou a porta mais uma vez.

Durante o jantar, Mycroft fez a cortesia de não dizer nenhuma palavra sobre meu vestido emprestado: um vestido largo, flutuante e antiestético, que mantinha meu pescoço escondido junto com o resto de mim como se fosse um lençol amarrado em um cabo de vassoura. Em compensação, embora eu fosse tão alta quanto mamãe, me faltava sua presença feminina, mas em todo caso eu diria que escolhera o vestido por sua cor: pêssego, com um tom de creme, que eu amava – e não por qualquer pretensão de que me servisse. Ele estava arrastando no chão, mas resolvi esse problema

muito bem com minhas botas de salto alto. Eu havia amarrado uma fita ao redor do meu corpo fino como um pedaço de pau para parecer que tinha uma cintura. Coloquei um colar e até tentei arrumar meu cabelo, apesar de que sua cor acastanhada, de um tom indefinido, dificilmente me deixaria realmente bonita. E, juntando tudo, tinha certeza de que estava parecendo uma criança que gosta de brincar de se vestir e tinha plena consciência disso.

Mycroft, apesar de não ter dito nada, claramente não havia gostado. Assim que o peixe foi servido, ele me falou:

– Mandarei vir de Londres uma costureira para lhe fazer algumas roupas mais apropriadas.

Balancei a cabeça, concordando. Seria bom ter algumas roupas novas e, se não gostasse delas, poderia voltar a usar minhas confortáveis calças no momento em que ele virasse as costas. Mas eu disse:

Há uma costureira bem aqui, em Kineford.

Sim, estou ciente disso. Mas a costureira de Londres saberá exatamente do que você precisa para o colégio interno. Do que ele estava falando? Muito pacientemente eu disse:

– Eu não vou para o colégio interno. E tão paciente quanto eu, ele respondeu:

– Claro que vai, Enola. Eu enviei um pedido de matrícula para diversos estabelecimentos reconhecidos e perfeitos para jovens damas.

Mamãe havia me falado de tais estabelecimentos. Suas revistas racionalistas estavam cheias de avisos sobre como criavam a figura da mulher “ampulheta”. Em uma destas “escolas”, a diretora amarrava um corpete em cada uma das garotas que entravam. E ali o corpete ficava, dia e noite, quer a jovem estivesse andando ou dormindo, exceto durante uma hora por semana, quando era retirado para a “ablução”, isto é, para que a garota pudesse se lavar. E então ele era recolocado, bem apertado, privando quem o usava da habilidade de respirar normalmente, o quê, a qualquer momento, poderia causar um desmaio. O que é considerado “charmoso”. E

que também é considerado moral, já que o corpete “está sempre presente como um monitor que obriga quem o usa a exercitar o autocontrole” – em outras palavras, tornando impossível que a infeliz vítima consiga dobrar o tórax ou relaxar a postura. Os corpetes modernos, diferente dos antigos de minha mãe que eram feitos de barbatana de baleia, são tão longos que precisam ser confeccionados em aço para que não se quebrem, e sua rigidez desloca os órgãos internos e deformam a caixa torácica. Uma dessas garotas teve seu pulmão perfurado por uma costela, o que lhe causou uma morte prematura. Sua cintura, medida quando ela estava no caixão, tinha 38 centímetros.

Tudo isso passou pela minha mente durante o instante em que meu garfo caiu no prato fazendo barulho. Fiquei sentada, surpresa, completamente horrorizada por minha situação e, ainda assim, incapaz de demonstrar minhas objeções para meu irmão. Era impensável falar tão intimamente sobre as formas femininas com um homem. Eu apenas consegui engasgar...

Mas mamãe...

Não há garantia de que sua mãe irá voltar logo. E não posso ficar aqui indefinidamente. Graças a Deus, pensei.

E você não pode ficar aqui sozinha vegetando, pode, Enola?

Mas o sr. e a sra. Lane não continuarão aqui?

Ele franziu a testa, colocou a faca com a qual passava manteiga no pão em cima da mesa e disse:

– É claro, mas os empregados não são capazes de lhe oferecer instruções e supervisão adequada.

– Eu ia dizer que mamãe não ia gostar...

– Sua mãe falhou em suas responsabilidades com você – seu tom de voz havia se tornado consideravelmente mais afiado do que a lâmina da faca. – O que vai ser de você se não adquirir alguma educação, uma boa conduta social, algum tipo de refinamento em sua postura? Você nunca será capaz de se apresentar em uma sociedade bem educada, e as possibilidades de matrimônio serão...

– São de pequenas a nulas em qualquer dos casos – disse – já que me pareço muito com Sherlock. Acho que minha sinceridade o balançou.

– Minha cara menina – seu tom ficou mais macio. – Isso irá mudar, ou nós o mudaremos.

Sentada por horas intermináveis, com um livro em cima da cabeça enquanto pratico piano, suponho. Dias passados em atormentados corpetes, aperfeiçoadores de vestimentas e cabelos falsos, apesar de ele não falar sobre isso.

– Você vem de uma família de qualidade e, com algum polimento, tenho certeza de que não vai nos envergonhar. E aí eu disse:

– Eu sempre fui uma vergonha, sempre serei uma vergonha e não serei enviada para nenhuma instituição cujo objetivo seja transformar e polir jovens damas.

– Sim, você vai.

Nós nos encaramos, um de cada lado da mesa sob a fraca luz das velas, e já havíamos até desistido de nossa pretensão de jantar. Com certeza ele sabia, assim como eu, que o sr. e a sra. Lane estavam escutando tudo, escondidos na sala de estar, mas eu não me importava.

Então, levantei a voz.

– Não. Arrume uma governanta para mim se você quiser, mas não irei para nenhum colégio interno. E você não pode me obrigar. Ele até abrandou seu tom de voz, mas disse:

Sim, eu posso. E irei.

O que você quer dizer? Você vai me levar para lá amarrada? Ele revirou os olhos.

É exatamente como a mãe – declarou para o teto, e então fixou em mim um olhar tão martirizado, tão condescendente que congelei. Em um tom docemente racional, ele disse:

Enola, legalmente tenho controle completo sobre sua mãe e você. Eu posso, se quiser, trancar você em seu quarto até que você tome juízo, ou tomar quaisquer outras medidas que sejam necessárias

para que eu alcance o resultado desejado. E, além disso, como seu irmão mais velho, tenho responsabilidade moral sobre você, e me parece óbvio que você andou solta demais, por tempo demais. Mas talvez ainda haja tempo de eu salvar essa sua vida desperdiçada. Você *fará* o que eu disser para fazer.

Naquele momento entendi exatamente como mamãe havia se sentido durante os dias após a morte de meu pai. E porquê ela fez o esforço de nunca visitar meus irmãos em Londres, ou de lhes aceitar em Ferndell Park.

E porque surrupiou o dinheiro do meu irmão.

Levantei-me.

– Acho que perdi a fome. Tenho certeza de que irá me dar licença. – Eu gostaria de dizer que saí do recinto com uma fria dignidade, mas a verdade é que tropecei na barra do vestido e fui cambaleando em direção às escadas.



Capítulo sexto



Naquela noite não consegui dormir. Na verdade, sequer consegui ficar parada. Fiquei andando e andando pelo quarto, de camisola, como imaginava que o leão do zoológico de Londres andava em sua jaula. Mais tarde, quando diminuí a luz da lamparina, apaguei as velas e fui para a cama, não consegui fechar os olhos. Eu ouvi quando Mycroft se retirou para o quarto de hóspedes, ouvi quando o sr. e a sra. Lane subiram para seus alojamentos no andar superior e ainda continuei olhando para as sombras.

O motivo para estar chateada não era tão óbvio como podia parecer. Havia sido Mycroft quem me deixara brava, mas foram meus pensamentos sobre mamãe, que mudavam constantemente, que me deixavam preocupada e quase enjoada. É muito esquisito pensar em uma mãe como uma pessoa como qualquer outra, não apenas uma mãe, por assim dizer. Mas era assim e pronto: ela havia sido tão fraca como forte. Ela havia se sentido encurralada, como eu me sentia. Havia sentido a injustiça de sua situação tão fortemente quanto eu. Ela havia sido forçada a obedecer, assim como eu seria forçada a obedecer. Ela quis se rebelar, assim como eu ansiava desesperadamente em me rebelar, mas sem saber como diabos conseguiria isso.

Mas, no final, ela conseguiu dar conta de tudo. Uma rebelião gloriosa.

Mas ainda assim eu me sentia confusa. Por que não me levou com ela?

Chutando as cobertas para fora da cama, aumentei a luz da lamparina e fui para a escrivaninha, mas nem sua borda de florzinhas pintadas foi capaz de me animar. Peguei papel e lápis do meu *kit* de pintura e fiz um desenho de minha mãe furiosa, toda

enrugada e queixuda, com sua boca fina como uma linha e um chapéu com três andares e um ninho de passarinhos e seu casaco com detalhes extravagantes, ostentando seu guarda-chuva como se fosse uma espada, e a cauda do vestido sobre uma ridícula anquinha.

Por que ela não teve confiança em mim? *Por que* ela me deixou para trás?

Ah, tudo bem, eu até conseguia entender. Mesmo assim era doloroso saber que ela não queria confiar seu segredo a uma criança... mas por que não me deixou sequer uma mensagem de explicação ou despedida?

E por que, oh, por que, ela escolheu partir no dia do meu aniversário? Mamãe nunca, em toda a sua vida, deu um ponto sem nó. Ela devia ter uma razão. Qual poderia ser?

Foi por causa...

Sentei-me extremamente reta na mesa com a boca meio aberta. Agora conseguia ver.

Pelo ponto de vista de mamãe, e fazia o mais completo sentido. Mamãe havia sido muito inteligente. Inteligente, inteligentíssima.

Ela *havia* me deixado uma mensagem.

Em forma de presente.

No meu aniversário. Por isso ela escolheu esse dia entre todos os outros para partir. Um dia em que poderia me dar um presente sem ninguém achar estranho...

Levantei-me em um salto. Onde será que eu o havia colocado? Eu teria que acender uma vela para levar comigo e procurar pelo quarto. Não estava na estante de livros. Não estava em nenhuma das cadeiras, nem na camiseira, nem no lavatório, nem na minha cama. Não estava enfiado na Arca de Noé ou no cavaleiro de balanço que herdei dos meus irmãos. Amaldiçoei minha cabeça estúpida, confusa. Onde será que eu coloquei... ali! Na minha casa de bonecas esquecida. De todos os lugares possíveis, estava lá: um fino maço de papéis pintados ou escritos à mão, dobrados precisamente ao meio e amarrados na dobra.

Lancei-me sobre ele: o livrinho de criptografias que minha mãe havia criado para mim.

AHN IZO SER UCO RPS ONU EMS OME TNA SIR CEA MAMED

O texto estava escrito com a letra caprichosa de mamãe, e uma rápida olhada na primeira criptografia me fez fechar os olhos e querer chorar.

Pense, Enola.

Era quase como se eu pudesse ouvir minha mãe me repreendendo dentro da minha cabeça: “Enola, você vai se sair muito bem sozinha”.

Abri meus olhos e encarei a linha de letras misturadas, e pensei. Muito bem. Antes de tudo, uma sentença normalmente não tem apenas palavras de três letras.

Peguei uma folha de papel do meu *kit* de pintura, puxei a lamparina para mais perto com uma mão e a vela com a outra e, então, copiei a criptografia deste jeito:

AHNIZOSERUCORPSONUEMSOMETNASIRCEAMAMED

A primeira palavra pulou diante dos meus olhos: Solitária. Ou seria Enola? Afinal, solitária ou sozinha em inglês é *alone*. E ALONE de trás para a frente é...ENOLA. Tudo deveria ser lido *de trás para a frente!*

DEMAMAECRISANTEMOSMEUNOSPROCURESOZINHA

Meus olhos passaram pela primeira parte e perceberam as palavras DE MAMAE. Mãe? Mamãe havia me mandado uma mensagem sobre ela mesma?

NOS PROCURE SOZINHA

A ordem das palavras parecia também estar de trás para a frente.

SOZINHA ENOLA PROCURE NOS

Oh, pelo amor de Deus. Crisântemos de mamãe. As flores pintadas nas margens da folha deveriam ter me feito perceber. Crisântemos dourados e vermelhos.

Eu havia resolvido o criptograma.

Eu não era totalmente estúpida.

Ou talvez fosse, afinal, o que diabos queria dizer “Enola, procure nos crisântemos de mamãe”? Será que mamãe havia enterrado algo num vaso de flores em algum lugar? Muito improvável. Duvido que alguma vez ela tenha segurado uma pá em toda a sua vida. Dick sempre fazia tais trabalhos e, em todo caso, mamãe não tinha jardineiro. Mamãe gostava de deixar as flores crescerem robustas, assim como os crisântemos que sabem to-mar conta de si mesmos.

Os crisântemos lá de fora. Mas o que será que *ela* considera *seus* crisântemos?

Lá embaixo o relógio bateu duas horas. Nunca antes eu ha-via ficado acordada até tão tarde da noite. Minha mente pare-cia estar flutuando como se não estivesse mais ancorada em minha cabeça.

Senti-me cansada e calma o bastante para ir para a cama. Mas não queria mais.

Espere. Mamãe havia me dado outro livro. *O significado das flores*. Peguei-o e consultei o índice, procurando crisântemos.

“Ganhar um crisântemo indica ligação familiar e, portanto, afeição.” Afeição implícita era melhor do que nada.

Por diversão, procurei por ervilha-de-cheiro.

“Adeus e obrigado por momentos tão adoráveis. Um presente feito para partidas.”

Partidas.

Depois, procurei cardo.

“Rebeldia.”

Não pude deixar de sorrir.

Então mamãe havia deixado uma mensagem. Partida e rebeldia em um vaso japonês. No seu quarto arejado com centenas de aquarelas na parede.

Aquarelas de flores.

Eu pisquei, abrindo um imenso sorriso.

– Enola – sussurrei para mim mesma – é isso!

Crisântemos “de mamãe”. O quadro de crisântemos que mamãe havia pintado.

Emoldurado e colocado na parede de seu quarto. Eu sabia.

Sem ter a menor ideia de como alguma coisa poderia estar “em” uma pintura de mamãe ou o que poderia ser, eu só sabia que teria que entender tudo aquilo da maneira correta e sabia que precisava ir até lá para ver. Neste exato momento. Na mais negra hora da noite. Quando mais ninguém, especialmente meu irmão Mycroft, ficaria sabendo.

Supostamente, garotas deveriam gostar de brincar com bonecas. E, ao longo dos anos, adultos bem intencionados me haviam presenteado com várias bonecas. Eu sempre detestei bonecas, arrancava suas cabeças sempre que conseguia, mas agora, finalmente, havia encontrado um bom uso para elas. Dentro da cabeça vazia de uma boneca de cabelos amarelos, eu havia escondido a chave do quarto de minha mãe. E, em poucos segundos, a peguei.

Então, abaixando a chama da lamparina a óleo e levando uma vela comigo, abri lentamente a porta do meu quarto.

A porta do quarto da minha mãe ficava no fim do corredor, bem do lado oposto de onde ficava o meu. Para chegar lá era preciso passar pelo quarto de hóspedes.

Onde meu irmão Mycroft estava dormindo. Pelo menos eu esperava que ele estivesse dormindo. E esperava que tivesse um sono pesado.

Descalça, com a vela em uma mão e a preciosa chave na outra, segui na ponta dos pés pelo corredor. Pude ouvir pela porta fechada do quarto de Mycroft um zumbido desagradável, parecido com o de um porco cochilando sob o sol. Evidentemente meu irmão roncava. Uma bela indicação de que certamente estava dormindo. Excelente.

O mais silenciosamente possível, inseri e virei a chave na fechadura da porta do quarto de minha mãe. Mesmo assim, o ferrolho rangeu. E, quando girei a maçaneta, o trinco estalou.

Uma bufada interrompeu o ritmo do ronco de Mycroft. Olhando por cima do ombro para a porta de seu quarto, eu gelei.

Ouvi alguns barulhos dele se mexendo, como se virasse para o lado. O estrado da cama estalou. E então o ronco continuou.

Deslizando para dentro do quarto particular de mamãe, fechando a porta atrás de mim, finalmente consegui soltar a respiração.

Levantando a vela, olhei para as paredes. Tantas aquarelas que minha mãe havia pintado e tantos tipos diferentes de flores.

Procurei nas quatro paredes, apertando os olhos para ver as figuras com a luz fraca da vela. E, por fim, encontrei uma interpretação de crisântemos que mamãe fez, avermelhados e dourados, como os do meu livro de criptogramas.

Parada na ponta dos pés, quase conseguia alcançar a parte de baixo da moldura – uma bem frágil, entalhada como os móveis do quarto da minha mãe para parecer galhos de bambu, com as pontas se cruzando e se projetando para fora. Delicadamente levantei a moldura, soltando o fio de trás do prego na parede, e a trouxe para baixo. Carreguei-a até a mesa de chá, coloquei a vela ao lado e a estudei.

Enola, procure nos crisântemos de mamãe.

Frequentemente eu via mamãe emoldurando seus quadros. A moldura era a primeira, colocada com a frente virada para baixo sobre a mesa. Depois vinha o vidro, muito limpo. Depois, um tipo de moldura interna, cortada num papel grosso colorido. Em seguida, a borda superior da aquarela era levemente colada. E, por fim, um fundo de madeira bem fina pintada de branco. Pequenos preguinhos

colocados na lateral da moldura seguravam tudo junto e, finalmente, mamãe colaria um pedaço de papel pardo na parte de trás da moldura para esconder os preguinhos e protegê-la do pó.

Eu virei o quadro dos crisântemos e olhei para o papel pardo.

Respirando fundo, descolei um dos cantos com as unhas, tentando puxar o papel de uma vez só. Mas, em vez disso, uma longa tira de papel pardo se rasgou. Mas tudo bem. Pois havia algo aninhado no fundo do quadro, entre o papel pardo e a madeira branca. Algo dobrado. Algo branco. Era um bilhete de mamãe!

Uma carta explicando sua deserção, expressando seu arrependimento e sua afeição, talvez até me convidando para me juntar a ela...

Com meu coração gritando *por favor, por favor*, e com meus dedos tremendo, pesquei o áspero retângulo de papel. Trêmula, eu o abri.

Sim, era uma carta de mamãe. Mas não era o tipo de carta que estava esperando. Era uma nota no valor de cem libras. Mais dinheiro do que qualquer cidadão comum veria num ano inteiro. Mas não era dinheiro o que eu queria de minha mãe.

Devo admitir que chorei muito até dormir. Mas, quando finalmente dormi, fui direto até a manhã seguinte e ninguém me perturbou, com exceção da sra. Lane que veio me acordar e me perguntar se eu estava me sentindo mal. Eu disse que não, que só estava cansada, e ela saiu. E a ouvi dizendo para alguém, talvez para seu marido, no corredor:

– Ela está quase desmoronando, e não é de se surpreender, pobrezinha.

Quando acordei, já no começo da tarde, embora quisesse tanto o café da manhã quanto o almoço, nem pensei em sair da cama. Em vez disso, continuei deitada por alguns momentos e tentei considerar a minha situação com a mente mais limpa.

Muito bem. Embora não fosse o que eu esperava, dinheiro já era alguma coisa.

Mamãe havia secretamente deixado uma quantia considerável para mim.

Uma quantia que ela havia pegado, sem dúvida, de Mycroft, e por meios desonestos. Seria certo eu guardar?

E não era um dinheiro que Mycroft havia *merecido*. Tanto que, pelo que pude entender, era dinheiro que ele havia recebido por ser o primeiro filho de nosso pai.

Era a herança de um senhor de família. Séculos de dinheiro vindo de rendas, com mais a cada ano. E por quê? Para o bem de Ferndell Hall e sua propriedade.

E, para dizer a verdade, o dinheiro e os candelabros, *iriam* embora junto com a casa.

Que era, ou deveria ser, a casa de minha mãe.

Legalmente, o dinheiro não era nem meu nem de mamãe. Mas moralmente – muitas e muitas vezes mamãe me explicou como as leis são injustas. Se uma mulher trabalhava e se esforçava para publicar um livro, por exemplo, todo o dinheiro adquirido com ele supostamente deveria ir para seu marido. Que tipo de absurdo é esse?

E quão absurdo seria também se eu devolvesse estas cem libras para o meu irmão Mycroft apenas porque ele nasceu primeiro?

As “legalidades” podem ir se afogar no lago, eu decido pela minha satisfação. Moralmente, este dinheiro é meu. Mamãe ha-via se sacrificado e lutado para arrancá-lo da propriedade. E ha-via passado para mim.

E quanto mais desse dinheiro deveria existir? Ela me deixou várias criptografias.

O que mamãe pretendia fazendo tudo isso?

Desde já, mesmo que vagamente pelo seu exemplo, eu já sabia a resposta para essa pergunta.

Capítulo sétimo

Cinco semanas depois, eu estava pronta.

Quer dizer, aos olhos de Ferndell Hall, estava pronta para ir para o colégio interno.

E, na minha cabeça, estava pronta para uma aventura de outro tipo.

Sobre o colégio interno: a costureira já havia chegado de Londres, hospedado-se em um quarto vago que pertencia à arrumadeira de uma senhora, debruçado-se sobre uma velha máquina de costura e tomado as minhas medidas. Cintura: 50 cm. Tsc. Muito grande. Busto: 53 cm. Tsc. MUITÍSSIMO pequeno. Quadril: 55 cm. Tsc. Terrivelmente inadequado. Mas tudo isso podia ser consertado. Em uma revista de moda que minha mãe nunca permitiu em Ferndell Hall, a costureira encontrou o seguinte anúncio:

AMPLIADOR: O CORPETE IDEAL PARA MANEQUIM PEQUENO. PALAVRAS NÃO DESCREVEM SEUS EFEITOS ENCANTADORES QUE NÃO SÃO ALCANÇADOS NEM ATINGIDOS POR NENHUM OUTRO CORPETE DO MUNDO. REGULADO-RES SUAVEMENTE ACOLCHOADOS POR DENTRO – COM OUTRAS MELHORIAS QUE COMBINAM MACIEZ, LEVEZA E CONFORTO – QUE PODEM SE ADEQUAR À VONTADE DE QUEM O VESTE PARA OFERECER O ENCHIMENTO DESEJADO PARA AS GRACIOSAS CURVAS DE UM BUSTO BELAMENTE PROPORCIONAL. O CORPETE PODERÁ SER ENVIADO EM EMBRULHO COMUM, MEDIANTE O RECEBIMENTO DO VALOR EM NOSSO CAIXA. GARANTIDO. O DINHEIRO SERÁ DEVOLVIDO CASO A CLIENTE NÃO FIQUE SATISFEITA. EVITE OS SUBSTITUTOS QUE NÃO VALEM A PENA.

Esse aparato foi prontamente encomendado. A costureira começou a produzir vestidos sombrios e formais com colarinhos altos de barbatana de baleia para me estrangular, saias esticadas sobre meia dúzia de babados de seda e anáguas tão próximas ao chão que eu mal conseguia andar. Ela se propôs a costurar dois

vestidos com 49 cm de cintura e mais dois com 48 cm de cintura e, depois, mais dois com 47 cm e diminuindo, na expectativa de que quanto mais eu crescesse, mais emagrecesse.

Nesse meio tempo sucintos telegramas de Sherlock Holmes informavam que ele ainda não tivera nenhuma pista de mamãe. Ele havia procurado os amigos antigos dela, seus companheiros artistas, as colegas sufragistas; ele até havia viajado para a França para investigar suas relações mais distantes, os Vernets, mas não teve nenhum sucesso. Eu havia começado a ficar com medo por mamãe novamente. Por que até mesmo o maior detetive de todos não era capaz de encontrá-la? Será que havia acontecido algum acidente com ela? Ou pior, algum crime hediondo?

Meu pensamento mudou, entretanto, no dia em que a costureira terminou o primeiro vestido.

Naquele momento eu esperava vestir o Corpete Ideal – que havia chegado, como prometido, em um pacote discretamente embrulhado num papel pardo – com reguladores extras frontais e laterais e, naturalmente, um aperfeiçoador de vestimentas patenteado que nunca mais permitiria que minhas costas descansassem quando me sentasse em uma cadeira. Também esperava ter que prender o cabelo em coque com grampos que perfurariam meu couro cabeludo, e manter uma franja de cachos falsos atravessando minha testa simetricamente para um dos lados. E, como recompensa, eu colocaria meu vestido e sapatos novos tão torturantes quanto o resto, e caminharia ao redor da sala para praticar o exercício de ser uma jovem dama.

Naquele dia me dei conta, com certeza irracional, embora completa, de que sabia para onde minha mãe havia ido: para algum lugar onde não existissem grampos de cabelo, nem corpetes de qualquer tipo ou aperfeiçoadores de vestimentas patenteados.

Enquanto isso, meu irmão Mycroft havia mandado um telegrama informando que estava tudo arranjado – eu deveria me apresentar em tais e tais “escolas particulares para moças da sociedade” – casas dos horrores –, em tais e tais datas – e instruindo a sra. Lane

a me acompanhar e se certificar de que eu chegasse a cada uma delas.

O mais importante a respeito da minha própria aventura: passei o máximo que pude dos meus dias em um vestido velho, fechada em meu quarto tirando cochilos, apelando para uma prostração nervosa. A sra. Lane, que frequentemente me trazia gelatinas de frutas e coisas do tipo – pequenas delícias que eu desperdiçava! – começou a ficar tão preocupada que se comunicou com Mycroft. Este assegurou-lhe que no colégio interno, onde eu só comeria cereais no café da manhã e vestiria roupas de lã, minha saúde voltaria ao normal. Todavia, ela chamou primeiro o farmacêutico local e depois um médico de Harley Street, que veio lá de Londres, mas nenhum dos dois encontrou nada de errado comigo.

E eles estavam certos. Eu simplesmente estava evitando ter que vestir corpetes, grampos de cabelo, sapatos apertados e até mesmo ter que me maquiar para não aparentar que vinha dormindo mal. Ninguém sabia que, todas as noites, depois que ouvia o resto da casa ir para a cama, eu me levantava e trabalhava no meu livro de criptografias a noite inteira. Eu acabei gostando das criptografias apesar de tudo, porque adorava descobrir as coisas, e as criptografias de mamãe me mostravam novas formas de conseguir isso: primeiro, descobrindo os significados escondidos e depois, os tesouros. Cada criptografia que decifrava me levava para o quarto de mamãe, onde procurava por mais riquezas que ela havia escondido para mim. Eu não consegui resolver algumas criptografias, o que me frustrou tanto que quase decidi rasgar todos os fundos das pinturas de mamãe – mas isso não me parecia leal. Além do que, ali havia tantas e tantas pinturas, mas nem todas as criptografias me levavam a elas.

Houve, por exemplo, uma página do meu livro que estava decorada com uma trilha de heras sobre uma cerca de estacas. Logo de cara, sem nem estudar a criptografia, corri para o quarto de mamãe procurando alguma pintura de heras. Encontrei duas e rasguei o fundo de ambas sem sucesso, o que me fez voltar para meu quarto e encarar a criptografia:

AOEHONOAUAANMMC
LNELORDXPDHIAA

Que diabos poderia ser? Eu procurei por *heras* no livro *O significado das flores*. A erva relacionada significava “fidelidade”. Apesar de tocante, saber disso não me ajudou em nada. Debrucei-me sobre o livro por muito tempo até que consegui pescar meu nome nas três primeiras letras da linha de cima combinadas com as duas primeiras letras da linha de baixo. E então percebi como mamãe havia pintado as heras ziguezagueando de um jeito não muito natural para cima e para baixo pela cerca. A hera também crescia da direita para a esquerda. Revirando os olhos, segui o mesmo padrão e reescrevi a criptografia.

CAMAMINHADAPUXADORNOOLHEENOLA

CAMA MINHA DA PUXADOR NO OLHE ENOLA

Ou, lendo as palavras da direita para a esquerda:

ENOLA OLHE NO PUXADOR DA MINHA CAMA

E, à noite, fui pé ante pé até o quarto de minha mãe, removi o puxador da cama e imediatamente descobri que uma impressionante quantidade de dinheiro vivo podia ser enfiada na estrutura de uma cama de latão.

Eu, por minha vez, tive que encontrar lugares inteligentes para escondê-lo no meu quarto para que a sra. Lane não descobrisse nada em suas ocasionais invasões para remoção de pó. Os trilhos da minha cortina, feitos de latão como a cama da minha mãe e também com puxadores nas extremidades, serviram ao propósito.

E tudo teve que ser feito antes que os Lane se levantassem de manhã.

Juntando tudo isso, minhas noites eram muito mais ativas e satisfatórias do que meus dias.

E não encontrei o que mais desejava – algum bilhete de despedida, uma relação afetiva ou explicação de mamãe. Mas, na verdade, naquele ponto não era necessária muita explicação. Eu sabia que ela havia praticado seus pequenos golpes para o meu bem, pelo menos em parte. E sabia que o dinheiro que ela havia tão espertamente passado para mim tinha a finalidade de me libertar.

Graças à mamãe, entretanto, foi com uma esperança surpreendente e um estado de espírito um tanto quanto nervoso que, em uma manhã de sol, no final de agosto, eu me sentei em uma charrete que me levaria para longe do único lar que eu havia conhecido.

O sr. Lane havia conseguido com um fazendeiro local o aluguel de um cavalo e um tipo de geringonça híbrida, que mais parecia uma “ratoeira”. Era basicamente um vagão de bagagem com um assento estofado para mim e para o condutor.

Eu iria viajar pela estrada com algum conforto mas sem nenhum estilo.

– Espero que não chova – comentou a sra. Lane, parada perto da saída, vendo minha partida. Não chovia havia semanas. Desde o dia em que eu tinha ido procurar minha mãe.

– Improvável, não há nenhuma nuvem no céu – disse o sr. Lane, oferecendo-me a mão para que eu pudesse subir o degrau e tomar meu lugar como uma dama. Correspondi, apresentando-lhe uma de minhas mãos enluvadas, enquanto empunhava minha sombrinha branca rendada com a outra.

Sorrindo para o sr. e a sra. Lane, ajeitei minha anquinha, que ocupava a parte detrás do assento. A sra. Lane havia arrumado meu cabelo na parte de trás da minha cabeça, como estava na moda; assim, meu chapéu, que parecia um prato raso decorado com fitas, pendia para a frente sobre meus olhos. Eu vestia um terninho cinza-amarronzado que escolhi cuidadosamente por sua cor discreta, certamente horrível, e sua cintura de 48 cm, uma saia longa e blusão combinando. Sob o blusão, deixei a cintura da saia

desabotoada para que pudesse ficar o menos apertada possível, quase confortável, e assim eu conseguiria respirar.

E eu iria precisar respirar em breve.

– Você está realmente parecida com uma dama, srta. Enola – disse o sr. Lane, dando um passo para trás. – Você será o orgulho de Ferndell Hall, eu lhe asseguro. Mal sabia ele.

– Vamos sentir sua falta – tremulou a voz da sra. Lane e, por um momento, meu coração me reprovou, pois vi lágrimas em seu doce e velho rosto.

– Obrigada – mal consegui dizer, tentando conter minha própria emoção. – Dick, podemos ir.

Por todo o caminho até o portão, fixei meus olhos nas orelhas dos cavalos. Meu irmão Mycroft havia contratado homens para “limpar” o gramado da propriedade, e eu não queria ver que minhas roseiras selvagens haviam sido cortadas.

– Adeus, srta. Enola, e boa sorte – disse o caseiro quando abriu os portões para nós.

– Obrigada, Cooper.

Enquanto o cavalo trotava a caminho de Kineford, suspirei e permiti que meu olhar vagasse, despedindo-me do açougue, do armazém, das casinhas cobertas de palha e pintadas de branco, do bar, da central de correios e telégrafos, da delegacia, de mais casinhas no estilo Tudor, com pequenas janelas escondidas atrás dos pesados portões, da pensão, do ferreiro, da casa do vigário, da capela cor de granito com seu telhado cheio de musgo e seu caminho de pedras que seguia dali para o cemitério...

Quase passamos antes que eu dissesse, de repente, no exato momento em que pensei:

Dick, pare. Quero dizer adeus ao meu pai. Ele puxou o cavalo para brecá-lo.

O que foi, srta. Enola? Ao lidar com Dick, não era preciso dar muitas explicações.

Eu gostaria de visitar o túmulo de meu pai – disse, pacientemente, uma palavra por vez. – E orar por ele na capela. Pobre papai, ele não iria querer tal prece. Era um homem lógico e descrente. Mamãe uma vez me contou que não que-ria funeral. Ele havia pedido para ser cremado, mas, depois de seu falecimento, seus desejos foram ignorados por medo de que Kineford nunca se recuperasse do escândalo.

Em seu passo lento e preocupado, Dick disse:

– Eu tenho que levá-la até a estação de trem, senhorita.

– Ainda temos muito tempo. Você pode tomar um drinque no bar enquanto espera por mim.

– Oh! – ele virou o cavalo, voltou pela estrada e parou na porta da capela. Ficamos sentados por um momento na carruagem até que ele se lembrou das suas maneiras e, então, colocou de lado as rédeas, desceu e deu a volta até o meu lado para me ajudar.

– Obrigada – disse, enquanto tirava minhas mãos enluvadas de seu pulso enrigecido pelo trabalho duro. – Volte para me buscar em dez minutos. É claro que eu sabia que ele demoraria meia hora ou mais no bar.

– Sim, senhorita – e tocou sua boina. Ele conduziu a carruagem para longe, enquanto eu entrei na capela, segurando minha saia e anáguas.

Como gostaria e esperava, encontrei a capela e seus bancos totalmente vazios. Abri um largo sorriso, joguei minha sombrinha na caixa de donativos para os pobres, levantei a saia acima dos joelhos e corri para a porta dos fundos.

E para fora, pelo cemitério iluminado pelo sol. Desci correndo, por um caminho sinuoso de terra pisada por entre as lápides, mantendo a capela entre mim e qualquer

testemunha que pudesse estar passando pela rua da vila. Quando cheguei ao fundo, no limite das terras da capela, saltei mais do que escalei a cerca, virei para a direita, corri um pouco mais e sim, com certeza, sim! Lá estava minha bicicleta me esperando, escondida no meio da cerca viva, onde eu a havia deixado no dia

anterior. Ou melhor, na noite anterior. Nas horas mais claras, sob a luz de uma lua quase totalmente cheia.

Na bicicleta, estavam colocados dois recipientes: uma cesta na frente e uma caixa na parte de trás, as duas cheias de sanduíches, pickles, ovos cozidos, garrafas de água, curativos em caso de acidente, um *kit* de reparo de pneus, calças largas, minhas velhas e confortáveis botas, escova de dentes e tudo o mais.

Escondidos, embaixo do terninho, trazia comigo dois outros recipientes, um na frente e outro atrás. O da frente era um realçador de busto bem peculiar que eu havia secretamente costurado à mão com materiais furtados do guarda-roupa de mamãe. O de trás, era um tipo novo de aperfeiçoador de vestimenta, totalmente imaginado por mim.

Por que, ao sair de casa, minha mãe havia usado uma anquinha e deixado para trás o seu forro?

Agora a resposta me parecia bem óbvia: para que ali coubesse toda a bagagem de que precisava para fugir.

E eu, como fui abençoada com um peitoral reto, havia elevado seu exemplo a um outro nível. Meus muitos e apropriados reguladores, realçadores e aperfeiçoadores haviam ficado em Ferndell Hall, bem escondidos dentro da chaminé. Em vez deles, vesti meus acesssórios e os recheei com inúmeras notas de dinheiro embrulhadas. E, além disso, escolhi cuidadosamente um vestido reserva e o amarrei nas minhas costas, entre minhas anáguas, onde ele preencheu perfeitamente o espaço da cauda da minha saia. Nos bolsos do meu terno, eu tinha um canivete, um pedaço de sabão, escova para o cabelo, meu precioso livro de criptografias, saís de banho e alguns doces para me manter alimentada... de fato, estava trazendo somente o essencial.

Montando na bicicleta, deixando minhas anáguas e saias modestamente presas em meus tornozelos, saí pedalando pelo campo.

Uma boa ciclista não precisa de uma estrada. Eu fui seguindo os pastos e trilhas das fazendas. Lugares onde o chão era duro como

ferro, para não deixar pistas.

Eu imaginava que, no dia seguinte, meu irmão Sherlock Holmes estaria se esforçando para localizar não somente a mãe, como a irmã desaparecida.

Ele poderia esperar que eu fugisse na direção contrária. Mas, em vez disso, eu fugiria em sua direção.

Ele vivia em Londres. Assim como Mycroft. Levando isso em conta, e também porque é a maior e mais perigosa cidade, lá seria o último lugar na terra para o qual qualquer um dos dois imaginaria que eu fosse me aventurar.

Entretanto, era para lá que iria.

Eles esperariam que eu fosse me disfarçar de garoto. Eles já haviam ouvido falar de minhas calças largas e sabiam que nas peças de Shakespeare, e em muitas outras obras de ficção, as garotas que fugiam sempre se disfarçavam de garotos.

Entretanto, eu não faria isso.

Eu me disfarçaria da última coisa que meus irmãos imaginariam que pudesse me disfarçar, conhecendo-me como uma menininha desajeitada usando saias que mal cobriam os joelhos. Eu me disfarçaria de uma mulher crescida.

E, assim, prepararei-me para encontrar minha mãe.

Capítulo oitavo

Eu poderia ter pedalado direto para Londres pela estrada principal, mas nunca conseguiria fazer isso. Muita gente me veria. Não, meu plano para chegar até Londres era simples, e bastante ilógico. Pretendia chegar lá justamente sem ter um plano previamente definido. Desse modo, se nem eu mesma soubesse exatamente o que estava fazendo, então, como meus irmãos poderiam adivinhar?

Eles iriam formular hipóteses, é claro, e diriam:

– Mamãe costumava levá-la a Bath; então, talvez, ela esteja lá – ou, talvez dissessem: Em seu quarto há um livro sobre o País de Gales, com marcações a lápis no mapa, talvez ela tenha ido para lá – espero que eles encontrem o livro, que coloquei dentro da casa de bonecas, para ser uma pista falsa.

Entretanto, *O significado das flores*, era muito grande para carregar comigo, e acabei escondendo-o entre as centenas de livros grossos na biblioteca do primeiro andar. Mycroft e Sherlock aplicariam seu raciocínio indutivo; por isso, imaginei que deveria acreditar no acaso. Eu deixaria que a sorte me mostrasse o caminho em direção ao leste, escolhendo as trilhas de pedra ou qualquer outra em que não deixasse sequer as marcas dos pneus.

Eu não ligava para onde iria parar no fim do dia, daquele ou do próximo. Eu jantaria pão com queijo, dormiria ao ar livre como uma cigana e, eventualmente, seguiria meu caminho sozinha, até encontrar um trilho de trem. Seguindo o trilho, em qualquer direção eu encontraria uma estação e, contanto que essa estação *não* fosse a de Chaucerlea, onde meus irmãos certamente perguntariam por mim, qualquer outra estação da Inglaterra serviria, pois todos os trens seguem para Londres.

Eu não me preocuparia mais com a ideia de ser obrigada a ter uma cintura de 43 cm, comer aveia no café da manhã, usar blusa de lã encostada na pele e ter perspectivas matrimoniais, ou seja, cumprir os objetivos de uma jovem dama etc.

Aqueles eram meus pensamentos felizes à medida que eu pedalava pelos pastos cheios de gado, ao longo dos campos gramados e por dentro dos pântanos abertos e para longe daquela área campestre que conhecia tão bem.

No azul do céu à minha frente, as cotovias cantavam como o meu coração.

Enquanto me mantive nos caminhos alternativos e evitei vilarejos, pouquíssimas pessoas me viram. Um fazendeiro por quem passei olhou por cima do seu campo de nabos, sem esboçar nenhuma surpresa ao ver uma distinta dama em cima de uma bicicleta; isso porque o número de entusiastas do ciclismo havia crescido consideravelmente nos últimos tempos. De fato, encontrei outra dessas figuras de roupa bege passando por uma trilha de cascalho e balançamos a cabeça uma para a outra quando nos cruzamos. Ela parecia estar brilhando por causa de todo o exercício. Os cavalos suam, sabe, os homens transpiram, as damas, contudo, apenas brilham. E tenho certeza de que eu também estava tão brilhante quanto ela. Eu podia sentir todo aquele brilho escorrendo por debaixo do meu corpete, deixando a armação de ferro embaixo do meu braço ainda mais irritante.

Quando o sol chegou ao seu ápice, senti que já estava preparada para um lanche e um pouco mais, já que não havia dormido na noite anterior. Sentada sob um amplo olmo, sobre uma almofada de musgo, desejava desesperadamente deitar minha cabeça ali e dormir por um tempo. Mas, depois de comer, me obriguei a voltar para a bicicleta e continuar pedalando. Pelo que sabia, tinha que ir o mais longe possível, antes que comessem a me perseguir.

Naquela tarde, com disposição suficiente para continuar com meus pensamentos ciganos, encontrei uma caravana de nômades com suas casas-vagões brilhantes de teto redondo. Gente interessante, muitas vezes menosprezada como os ciganos, mas

mamãe já havia permitido que alguns deles acampassem nos terrenos de Ferndell, e, como eu era criança, fiquei fascinada por eles. Até mesmo agora parei a bicicleta para vê-los passar, observando ansiosamente seus cavalos de várias cores balançando e jogando as cabeças para trás para aliviar o calor, com os condutores se esforçando para mantê-los seguindo em frente. E acenei sem medo para os viajantes que estavam nos vagões, pois, de todas as pessoas do mundo, as que menos fariam de mim para a polícia seriam os ciganos.

Os homens misteriosamente me ignoraram, mas algumas das mulheres de cabeça, pescoço e braços quase nus acenaram de volta, e todas as crianças maltrapilhas também acenaram, gritaram e me chamaram pedindo coisas. Desavergonhados, sujos, ladrõezinhos, é o que a sra. Lane diria sobre eles, e até acho que ela estaria certa. Se eu estivesse levando algumas moedas comigo, as teria atirado para eles.

Naquela tarde, enquanto passava pela estrada de um campo, encontrei também um caixeiro-viajante com sua carroça cheia de utensílios de cozinha, cestas, guarda-chuvas, esponjas, gaiolas, tábuas de passar e todos os tipos de quinquilharias penduradas. Parei-o e fiz com que me mostrasse tudo o que tinha em seu estoque, de chaleiras de cobre a pentes de casco de tartarugas para prender o cabelo, tudo isso para disfarçar meu único propósito: comprar uma sacola bem grande.

Pendurei-a no guidão e continuei pedalando.

Eu vi outros viajantes andando a pé ou em carroças velhas de quatro rodas, além de carrinhos puxados por burros, mas minhas memórias foram se tornando fracas à medida que meu cansaço deixava o dia mais e mais desfocado. Quando a noite caiu, todos os pedaços de mim doíam, e me senti mais cansada do que já me senti em toda a minha vida. Andando, agora, por um gramado que fora destruído pelas ovelhas, empurrando minha bicicleta e me apoiando nela, me esforçava para subir lentamente uma colina em cujo topo havia um bosque de faias. E, uma vez que cheguei ao abrigo de árvores, deixei minha bicicleta cair onde ela quis, enquanto eu

mesma me deixava despencar sobre a terra e as folhas velhas e secas, e meu estado de espírito sumia junto com a tarde do mesmo jeito que ele surgira forte com o dia. Isso me fez perguntar: “Será que encontraria forças para subir nesta bicicleta de novo amanhã?”.

Eu poderia ficar onde estava. A não ser que... pela primeira vez pensei: “E se chovesse?”.

O meu plano de não ter planos parecia mais idiota a cada vez que eu inspirava dolorosamente.

Depois de me desesperar por um tempo, tratei de me levantar cambaleando e, escondida pela escuridão, liberei-me do chapéu, dos grampos de cabelo e da bagagem que carregava comigo, junto com o corpete que tanto me atormentava. Estava tão cansada, até mesmo para pensar em comer, deixei-me cair no chão novamente e, vestindo somente minhas anáguas e meu terninho muito sujo como coberta, caí no sono imediatamente.

Entretanto, meus hábitos haviam se tornado tão noturnos que às vezes eu acordava no meio da noite.

Logo, depois de dormir um pouco, senti-me faminta.

Mas não havia lua naquela noite. O céu estava cheio de nuvens. Certamente iria chover. E, sem a luz da lua ou das estrelas, eu não conseguia enxergar nada e nem conseguia ver onde estava a comida que havia empacotado numa caixa e colocado na bicicleta. Tampouco conseguia buscar alguma iluminação, pois não sabia onde estava a caixa de fósforos que havia estupidamente guardado no mesmo lugar. Eu me sentiria uma sortuda se, de repente, tropeçasse e caísse sobre a bicicleta.

– Maldição – murmurei com maldade, sentindo galhinhos de faia arranhando meu rosto e pegando minhas roupas enquanto tateava com os pés.

Mas, no instante seguinte, eu esqueci a comida. Parei e observei, a uma distância não muito grande eu vi luzes.

Luzes de lampiões. Vislumbrando entre os troncos das árvores, as luzes cintilavam à distância como estrelas terrestres. Uma vila. Eu havia subido por um lado da colina sem saber, e muito cansada

para descobrir, que havia um vilarejo do outro lado. Aliás, uma cidade grande o bastante para ter iluminação a gás.

Uma cidade com, talvez, uma estação de trem.

E, quando pensei nisso, surgiu flutuando diretamente para meus ouvidos, através da escuridão da noite, o longo som do apito de um trem.

Muito, muito cedo na manhã seguinte, emergi do bosque de faias – e esperava que fosse tão cedo, que poucas pessoas pudessem me ver, talvez, com um pouco de sorte, nenhuma. Não que estivesse com medo de que alguém me reconhecesse. É que seria um tanto esquisito que uma viúva bem vestida, a pé e carregando uma enorme sacola, saísse de um abrigo tão primitivo.

Sim, uma viúva. Dos pés à cabeça, eu vestia o traje negro de luto que havia retirado do guarda-roupa de minha mãe. A vestimenta, que indicava que eu já havia sido casada, adicionava uma década ou mais à minha idade e ainda permitia que vestisse minhas velhas e confortáveis botas, que ninguém poderia notar, e que meu cabelo ficasse preso em um coque simples, que eu mesma podia fazer. E, o melhor de tudo, deixava-me quase irreconhecível. Pendurado na aba do meu chapéu negro de feltro, um denso véu preto que encobria toda a minha cabeça, fazia parecer que estava pronta para lidar com uma colmeia de abelhas. Luvas de couro preto cobrindo minhas mãos – eu me certifiquei deste detalhe, já que me faltava uma aliança de casamento – e, finalmente, um triste manto de seda negra que me cobria do queixo até os pés.

Dez anos atrás, mamãe havia sido muito magra, por isso seu vestido me cabia tão bem, e o corpete nem precisava ficar muito apertado; na verdade, o corpete nem teria sido necessário se não estivesse segurando minha bagagem improvisada. O que estava carregando na bicicleta eu havia colocado na bolsa ou nos meus bolsos. Como não gostava de carregar bolsas, minha mãe tratou que todos os seus vestidos tivessem bolsos grandes para lencinhos, balas de limão, moedas e notas etc. Abençoada seja a teimosa e

independente cabeça de minha mãe, que também havia sido a única que me ensinara a andar de bicicleta. Eu me arrependia de ter que abandonar aquele fiel pedaço de aço no bosque, mas, com certeza, não me arrependia de abandonar meu horrível terninho.

Na meia-luz cinzenta do amanhecer, desci a colina até a margem de uma trilha. Muito tensa por conta dos exercícios do dia anterior, me dei conta de que meus incômodos e dores de agora eram na verdade bênçãos: eles me forçavam a andar devagar. Desse modo, andando do jeito que uma dama tem que andar, fiz meu caminho ao longo da trilha até a estrada de pedras e por ela até a cidade.

O amanhecer havia progredido para uma fraca luz do sol e uma chuvinha leve. Os comerciantes estavam começando a abrir suas portas, o vendedor de gelo estava colocando a sela em seu cavalo para começar suas rondas, uma donzela, que acabara de acordar, jogava um balde de alguma coisa irreconhecível na sarjeta, uma mulher mal vestida varria a calçada. Garotos carregavam pesados fardos dos jornais do dia para vender. Um vendedor de fósforos sentado na esquina – um mendigo, na verdade – gritava:

– Deixe haver luz; um fósforo para o cavalheiro? – E alguns dos que passavam eram realmente cavalheiros usando cartolas, outros eram trabalhadores com roupas de flanela e boinas e ainda havia outros quase maltrapilhos, mas ele gritava “cavalheiro” para todos. Ele não tentou vender um fósforo para mim, é claro, pois damas não fumam.

Barbearia Belvidere declarava as letras douradas pintadas no vidro de uma porta ao lado de um totem espiralado vermelho e branco. Ah, eu já tinha ouvido falar de uma cidade chamada Belvidere, satisfatoriamente distante de Kineford. Olhando para cima de onde estava, vi BanCo de Belvidere esculpido sobre o painel de pedra frontal de um edifício. Muito bom, eu havia alcançado meu objetivo. *Muito bem*, pensei, caminhando entre as fezes dos cavalos, *para uma mera garotinha com capacidade cerebral limitada*.

– Cebolas, batatas, cenouras! – gritava um homem empurrando um carrinho de mão.

– Cravos frescos para o bolso de um cavalheiro! – gritava uma mulher, enrolada em um xale, oferecendo flores em uma cesta.

– Sequestro chocante! Leia tudo! – anunciava um dos garotos que vendiam jornal. Sequestro?

– O Visconde Tewksbury sequestrado de Basilwether Hall!

Eu realmente gostaria de ler tudo sobre isso, mas primeiro queria encontrar a estação de trem.

Com isso em mente, segui um cavalheiro usando cartola, capa e luvas que havia acabado de colocar um cravo em sua lapela. Vestido tão formalmente, talvez estivesse indo passar o dia na cidade.

Confirmando minha hipótese, logo ouvi o ronco e o som de uma locomotiva se aproximando, pude sentir até o calçamento tremendo sob minhas botas. Então, pude ver o teto branco das torres da estação, com seu relógio mostrando que havia passado um pouco das sete e meia. Pude ouvir a brecada e o som dos freios do trem sendo puxados.

Se meu acompanhante involuntário também viajaria para Londres, nunca saberei, já que quando chegamos à plataforma da estação toda a minha atenção foi tomada pela cena que se desdobrava ali.

Uma multidão estupefata havia se formado. Muitos policiais haviam formado uma linha para manter os curiosos a distância, enquanto mais oficiais de uniforme azul chegavam em passos firmes e iam ao encontro do trem que havia acabado de chegar: uma locomotiva puxava um único vagão imponentemente rotulado de expresso policial. De dentro dele saíram vários homens com capas de viagem. Saíram do trem de maneira impressionante, mas as abas das capas de viagem que todos usavam amarradas acima da cabeça pareciam pequenas orelhas de coelho quando balançavam, uma coisa meio idiota que notei quando comecei a avançar em meio à multidão em direção à bilheteria da estação.

Era como se eu tivesse entrado em um caldeirão fervente, tudo ao meu redor borbulhava e as vozes eram animadas:

É a Scotland Yard, certamente. Detetives com roupas civis.

Eu ouvi dizer que eles foram enviados por Sherlock

Holmes, também... Ai meu Deus! Detive-me e passei a escutar com atenção.

– ...mas ele não virá, foi chamado pela família...

O interlocutor passou por mim, misturando-se à multidão, e não consegui ouvir mais nada sobre meu irmão, porque todos estavam falando muito.

– Meu primo trabalha como segundo assistente no segundo andar da grande casa...

– A duquesa fez uma viagem para clarear a mente, é o que as pessoas estão dizendo.

...e então ela disse que...

E o duque é muito magro, fácil de amarrar.

– O velho caixa do banco disse que ainda estão esperando pelo pedido de resgate.

– Quem iria querer aquele garoto a não ser por um resgate?

Hummmm. Parece que o tal “Sequestro Chocante!” aconteceu por perto. De fato, vi quando os detetives se empilharam em cima de um adorável landau e seguiram em direção a um parque não muito longe da estação de trem. Acima das árvores era possível ver as torres góticas de cor cinza de Basilwether Hall – pelo que falaram ao meu lado.

Muito interessante. Mas primeiro as coisas urgentes. Eu tinha que comprar uma passagem...

Entretanto, de acordo com a grande tabela de horários colocada no muro da estação, não haveria nenhum trem para Londres. Em nenhuma hora do dia ou da noite.

– O filho do Duque está desaparecido! Leia tudo a respeito! – berrou um dos garotos que vendia jornais embaixo dos horários.

Já que eu não acreditava em coincidências, tive que acreditar que foi a sorte que me colocou ali no meio daquele cenário de crime, e o meu irmão, o grande detetive, em outro lugar. Meus pensamentos

se tornaram desobedientes, e suas iscas irresistíveis. Abandonei minha intenção de chegar até a janelinha da bilheteria e, em vez disso, comprei um jornal.

Capítulo nono

Em uma casa de chá ao lado da estação de Belvidere, eu me sentei em uma mesa de canto virada para a parede, de modo que pudesse levantar meu véu. Eu precisava fazer isso por dois motivos: para tomar meu café da manhã com chá e bolinhos e para ver a fotografia do jovem visconde.

Ocupando quase metade da página frontal do jornal, uma foto formal, de estúdio, mostrava o garoto vestido com... – Deus tenha piedade, esperava que ele não costumasse usar veludos e babados todos os dias – mas onde mais poderia ir com esse belo cabelo, artisticamente arrumado com cachinhos pendurados sobre seus ombros? Aparentemente sua mãe havia se apaixonado pelo *Pequeno Lorde Fauntleroy*, um livro infeliz, responsável pelas agonias de uma geração de garotos bem-nascidos. Metido em um figurino à moda de Fauntleroy, o pequeno Lorde Tewksbury vestia sapatos de couro afivelados, meias brancas, calças pretas de veludo com laços de cetim dos dois lados e uma faixa de cetim sob seu casaco de veludo preto com punhos e colarinhos em flutuantes rendas brancas. Ele encarava a câmera sem nenhuma expressão em seu rosto, mas parecia possível notar uma dureza em seu maxilar.

A manchete no jornal gritava:

O JOVEM HERDEIRO DO DUQUE
DESAPARECEU DE MANEIRA HORRÍVEL

Pegando um segundo bolinho, eu li:

UMA CENA DE IMPLICAÇÕES MAIS DO QUE ALARMANTES SE DESDOBROU NA MANHÃ DE QUARTA-FEIRA EM BASILWETHER HALL, LAR ANCESTRAL DOS DUQUES DE BASILWETHER, PERTO DA PRÓSPERA CIDADE DE BELVIDERE, QUANDO UM AJUDANTE DE JARDINEIRO NOTOU QUE UMA DAS PORTAS FRANCESAS DA SALA DE BILHAR HAVIA SIDO ARROMBADA. OS FUNCIONÁRIOS DA CASA FORAM

ALERTADOS, A PRÓXIMA DESCOBERTA FOI DE QUE A FECHADURA INTERNA DA SALA FORA FORÇADA, A MADEIRA MOSTRAVA MARCAS DE UMA VIOLENTA FACADA. NATURALMENTE, TEMENDO UM ARROMBAMENTO COM ROUBO, O MORDOMO VERIFICOU A PRATARIA NA COPA E DESCOBRIU QUE NADA HAVIA DESAPARECIDO. NEM MESMO OS PRATOS OU OS CANDELABROS DA SALA DE JANTAR FORAM TOCADOS, NENHUM DOS INÚMEROS OBJETOS DE VALOR DA SALA DE ESTAR, DA GALERIA, DA BIBLIOTECA OU DE QUALQUER OUTRO LUGAR DA EXTENSA CONSTRUÇÃO DE BASILWETHER HALL. DE FATO, NENHUMA OUTRA PORTA HAVIA SIDO FORÇADA NO ANDAR PRINCIPAL DA CASA. E NADA FOI ENCONTRADO ATÉ QUE AS ARRUMADEIRAS DO SEGUNDO ANDAR COMEÇARAM A LEVAR AS COSTUMEIRAS BACIAS DE ÁGUA QUENTE PARA OS QUARTOS DA FAMÍLIA DUCAL PARA SUAS ABLUÇÕES MATINAIS, E VIRAM QUE A PORTA DO QUARTO DO VISCONDE TEWKSBURY, O MARQUÊS DE BASILWETHER, ESTAVA ENTREABERTA. SEUS MÓVEIS, ESPALHADOS PELO QUARTO, MANTINHAM-SE COMO MUDAS TESTEMUNHAS DE UMA LUTA DESESPERADA, E NÃO HAVIA SINAL DESSE NOBRE PERSONAGEM. O VISCONDE, HERDEIRO DE LORDE BASILWETHER E, DE FATO, SEU ÚNICO FILHO, UMA MERA CRIANÇA DE DOZE ANOS...

– Doze? – exclamei incrédula.

O que houve, madame? – perguntou a atendente atrás de mim.

Ah, nada – rapidamente coloquei o jornal na mesa e meu véu para cobrir o rosto – achei que ele fosse mais jovem.

Muito mais jovem, com seus cachinhos e roupinhas de contos de fadas. Doze! O garoto devia estar vestindo um blusão pesado de lã e calças confortáveis, uma camisa de gola com gravata e um corte de cabelo decente e masculino...

Pensando bem, me dei conta de que foi com trajes semelhantes a esse que meu irmão Sherlock me encontrou.

– O pobre Lorde Tewksbury desaparecido, você disse? Ai, sua mãe o mantinha como um bebê. Ouviram dizer que ela está enlouquecendo de tristeza, pobre mulher.

Afastei a cadeira, deixando uma moeda na mesa, saí da casa de chá e, depois de guardar minha bolsa em um armário da estação de trem, caminhei na direção do Basilwether Park.

Isso seria muito melhor que procurar por seixos brilhantes e ninhos de pássaros. Algo que tinha um valor real tinha que ser encontrado, e eu queria encontrar. E acredito que talvez consiga. Eu sabia onde Lorde Tewksbury poderia estar. Eu simplesmente sabia, embora não pudesse provar isso. Por todo o caminho pautado por

álamos gigantes, andei em uma espécie de transe, imaginando para onde ele poderia ter ido.

Os primeiros portões eram mantidos abertos, mas no segundo portão um porteiro me deteve, seu dever era manter longe os curiosos, repórteres e coisas do tipo. Ele me perguntou:

Seu nome, por favor, madame?

Enola Holmes – disse sem pensar.

Instantaneamente senti-me uma estúpida sem perdão. Eu queria desaparecer bem ali naquele lugar. Eu era uma fugitiva, é claro que tinha que escolher um nome novo para mim: Ivy Meshle. “Ivy” que é a palavra inglesa para hera e significava fidelidade – para com minha mãe, é claro. “Meshle” era também um tipo de criptografia. Pegue “Holmes”, divida em *hol mes*, inverta isso e teremos *mes hol, Meshol*, e, então, soletramos da maneira como é pronunciado: Meshle. Somente uma alma rara conseguiria fazer a conexão do meu nome com qualquer outra pessoa na Inglaterra – “Você é parente dos Meshles de Sussex de Tottering Heath?” – menos ainda a alguém chamado Holmes. Ivy Meshle. Tão esperto. Ivy Meshle! E agora como uma imbecil eu havia acabado de dizer para aquele porteiro, “Enola Holmes.”

A julgar pelo seu rosto impassível, o nome não significou nada para ele. Contudo, estava claro que se alguma caçada sobre mim já havia começado, as informações não chegaram até este homem.

– E quais seriam seus assuntos aqui, sra., hum, Holmes?

– perguntou.

Estava ali para bancar uma idiota, conclui, e eu podia fazer isso muito bem. Mas disse:

– Como o sr. Sherlock Holmes não pode cuidar desse assunto pessoalmente, ele me pediu para vir dar uma olhada. A testa do porteiro se enrugou e ele deixou escapar:

– Você é parente do *detetive*, madame?

– De fato – respondi, tentando me manter calma, e passei direto, em direção a Basilwether Park.

A casa, que emergia diante de mim no horizonte circular do fim da estrada, poderia comportar dez Ferndells – mas não me aproximei por sua larga escadaria de mármore ou por suas portas sustentadas por imensos pilares. Meu interesse não estava naquela nobre residência, nem nos jardins formais ao redor dela, repletos de topiarias e brilhando com rosas bem dispostas. Distanciando-me da entrada, atravessei o gramado na direção dos terrenos dentro da propriedade, quer dizer, as regiões arborizadas ao redor da casa e dos jardins.

Andando sob as árvores, esperava encontrar algumas moitas, uma ou duas trilhas de musgo, algumas plantas altas mas, em vez disso, só encontrei grama macia aparada, curta o bastante para que se pudesse jogar croqué sobre ela.

Que lugar sem graça. Andando por ali, não descobri nenhum buraco, vale ou gruta interessante, o terreno de Basilwether era liso e desprovido de estilo. Muito decepcionante, pensei quando voltava para o gramado.

– Sra. Holmes! – gritou uma louca voz de soprano, e me virei para ver a transtornada mãe, a duquesa, lançando-se em minha direção. Eu sabia que era ela por conta da riqueza de seus trajes: um vestido malva franzido com uma saia em cetim cinza, a pesada fita e o ornamento em sua capa dourada e prateada que a cobria. Mas não havia nada de riqueza nas lágrimas que rolavam por seu rosto cansado e nada da nobreza na maneira que ela se atirou sobre mim entre as árvores como um cisne ferido de morte, com fios de cabelo quase brancos caindo debaixo de seu chapéu e batendo em seus ombros.

Um par de arrumadeiras assustadas corria atrás dela. Com seus aventais brancos e toucas, deviam estar correndo atrás dela desde a casa.

– Vossa Alteza – elas gritavam. – Vossa Alteza, por favor, volte para dentro, venha tomar sua xícara de chá. Por favor, vai começar a chover. Mas a duquesa parecia não ouvi-las.

– Sra. Holmes – senti suas mãos nuas tremendo quando ela me agarrou – Você é uma mulher, com o coração de uma mulher; diga-me, quem pode ter feito essa coisa hedionda? Onde meu Tewky pode estar? O que tenho que fazer?

Segurando suas mãos trêmulas com as minhas, me senti agradecida por ter um pesado véu escondendo meu rosto assombrado, agradecida pelas luvas que separavam minhas mãos quentes das dela, tão frias.

– Tenha coragem, Vossa Alteza, e, humm... – eu não encontrava palavras. – Mantenha a esperança...

Eu podia estragar tudo, mas continuei.

– Deixe-me perguntar-lhe uma coisa: há algum lugar... –
do jeito que ela o amava, poderia tê-lo espionado, ou suposto algo – ...na propriedade onde seu filho costumava ir para ficar sozinho?

– Ficar sozinho? – seus olhos vermelhos e inchados piscaram para mim sem compreender nada. – O que você quer dizer com isso?

– Esqueça, isso não importa – proclamou uma voz alta atrás de mim. Esta viúva insignificante não sabe de nada. – Eu irei encontrar a criança perdida, Vossa Alteza.

Quando me virei, peguei-me olhando para a mais estranha mulher que já tinha visto, ainda mais alta do que eu e ainda mais robusta e, desprovida de um chapéu. Seus cabelos soltos, vermelhos, quase escarlata, cobriam-lhe os ombros, enquanto seus olhos resplandeciam de seu rosto cheio de pó de arroz como a fuligem negra no coração de uma papoula. Só depois de perceber como era seu rosto e seus cabelos é que notei sua roupa. Só tive a vaga impressão de que era algodão, talvez vindo do Egito ou da Índia, em algum padrão carmesim primitivo, petalado ao redor de seu imenso corpo tão selvagemmente como seus cabelos vermelhos ao redor de seu rosto.

A duquesa engasgou:

– Madame Laelia? Oh, você veio, como implorei, Madame Laelia!

Madame o quê? Logo presumi que se tratasse de uma Madame Médium Espiritualista, já que este era o papel em que as mulheres demonstravam superioridade moral e espiritual em relação aos homens. Mas tais personagens – ou charlatãs, como minha mãe dizia – evocavam os espíritos dos mortos. E certamente a duquesa tinha esperança de que seu filho não fosse um deles; então, o que essa mulher acima do peso estaria fazendo ali...

– Madame Laelia Sibyl de Papaver, Vidente Astral, a seu serviço – proclamou a exótica mulher. – Qualquer coisa que esteja perdida, eu consigo achar com certeza, pois os espíritos estão em todos os lugares, sabem tudo, veem tudo e são meus amigos.

A duquesa, agora, olhava para as enormes mãos da mulher, enfiadas em enormes luvas amarelas, enquanto eu e as duas arrumadeiras, ficamos paradas, boquiabertas e atônitas. Mas, no meu caso, não foi por causa da aparência grotesca dessa mulher. Nem por ela falar com os espíritos. Embora quisesse acreditar que eu iria, de algum modo, continuar me comunicando depois que meu corpo se fosse; afinal, eu imaginava que se isso um dia fosse acontecer eu certamente teria coisas melhores para fazer do que batucar em móveis, tocar campainhas e balançar mesas. Nem foi a palavra *astral* que me impressionou. De todas as coisas que Madame Laelia Sibyl de Papaver havia dito, foi uma única palavra que me deixou sem ação e sem o que dizer: a palavra *vidente*, que vinha do latim *videns*, e que significava “adivinho”, ou seja, vidente: aquela que adivinha onde está o que foi perdido.

Mas... como ela ousava, com toda sua bobagem de espíritos, intitular-se tão nobremente? Expert em desaparecidos, a mulher que sabe tudo sobre os que se perdem, a encontradora dos que desaparecem: isso era o que eu fazia.

Eu era uma vidente. Ou seria uma, mas não dependeria dos astros. Seria uma detetive profissional. Na ordem, uma vidente profissional, e meu trabalho seria baseado na lógica e na ciência. Tudo em apenas um suspiro de inspiração, e eu sabia disso com a mesma certeza com que sabia que meu verdadeiro nome era Holmes.

Eu mal consegui acreditar na maneira como as arrumadeiras acompanharam a duquesa e Madame Laelia para dentro da casa, talvez fosse para um chá, talvez para uma sessão espírita; eu não ligava. De volta para a área arborizada que rodeava Basilwether, andei sem rumo, sem notar o chuveiro que começava a cair, meus pensamentos corriam soltos, excitados, passando por cima do meu plano original de encontrar mamãe.

Aquele plano continuava simples: depois de desembarcar em Londres, tomaria um táxi, pediria para o motorista me levar para um hotel respeitável, jantaria e teria uma boa noite de sono. Ficaria no hotel até encontrar acomodações apropriadas e depois abriria uma conta no banco – não, primeiro iria até

o Mercado de Pulgas e deixaria “mensagens pessoais” nas publicações que eu sabia que mamãe costumava ler. Onde quer que estivesse, ela não continuaria lendo suas revistas favoritas? Claro que sim. E iria esperar até que mamãe respondesse. Apenas esperar.

Isso seria o suficiente, se, é claro, mamãe estivesse viva e bem.

Em todo o caso, esperar era só o que eu poderia fazer ou era o que eu pensava. Mas agora, que havia encontrado minha vocação na vida, poderia fazer tantas outras coisas. Deixar meu irmão Sherlock ser O Único Detetive Particular Consultor do Mundo, como ele gosta, e eu seria A Única Vidente Particular Consultora do Mundo. E, dessa maneira, poderia me associar a mulheres importantes que se encontram em seus próprios salões de chá em Londres – mulheres que podem até conhecer mamãe! – e com os detetives da Scotland Yard – onde Sherlock já havia aberto um inquérito a respeito de mamãe – e com outros dignitários, e talvez também com pessoas de má reputação que tinham informações para vender, e... – oh, tantas possibilidades. Eu havia nascido para ser uma vidente. Uma descobridora que ama os desaparecidos. E...

Eu devia parar de ficar sonhando e começar a fazer alguma coisa. Já! A única possibilidade que considerei antes de ser interrompida, parecia ser talvez uma árvore.

Refazendo meu caminho pelas áreas arborizadas, bem cuidadas, porém entediadas de Basilwether, me concentrei em encontrar uma árvore em especial. Ela não deveria ficar muito perto de Basilwether Hall e de seu jardim privado, e também não muito perto dos limites do parque, mas bem no meio da mata, o lugar onde os adultos menos pensariam em procurar. E, assim como era o meu refúgio sob o salgueiro em Ferndell Park, tinha que ser um local tanto quanto discreto. Diferente. Digno de um esconderijo. A chuva fina havia parado, o sol havia saído e eu já tinha quase terminado de percorrer a propriedade quando encontrei.

Não era uma árvore, na verdade, mas quatro que cresciam de uma única base. Quatro mudas de bordo que haviam sido plantadas no mesmo lugar, e todas haviam sobrevivido para formar um agrupamento simétrico no qual os quatro troncos se ergueram em um ângulo bem íngreme de um para o outro, formando um retângulo perfeito de espaço entre eles.

Plantando um dos pés sobre um nó na madeira e agarrando em um dos galhos mais baixos, me pendurei a talvez uns dois metros acima do chão dentro do V formado pelos galhos, um eixo perfeito no centro de um universo quadrangular rodeado de galhos. Delicioso.

E ainda mais delicioso: eu vi que alguém, provavelmente Lorde Tewksbury, também havia estado ali. Ele havia fixado um grande prego – um cravo de estrada de ferro, na verdade – no tronco de uma das árvores, pela parte de dentro. Ninguém que passasse por perto conseguiria notá-lo, mas ali estava ele, firmemente saliente.

Para pendurar algo? Não, um prego bem menor serviria para isso. Eu sabia para o que aquele cravo serviria.

Para apoiar o pé. E escalar.

Oh, dia glorioso, escalar uma árvore novamente depois de tantas semanas de confinamento; e se alguém estivesse me observando? Uma viúva numa árvore?

Eu procurei ao redor, não vi ninguém, e decidi arriscar. Livrei-me do meu chapéu e véu, escondendo-os nas folhas acima de mim,

deixei minha anágua e a saia penduradas em um galho na altura dos meus joelhos, mantendo-as seguras com os grampos do chapéu. E, então, apoiei meu pé no cravo e, segurando-me em um galho, pendurei-me.

Os ramos desarrumavam meus cabelos, mas eu não ligava. Com exceção das pontadas no rosto, com as quais eu já estava acostumada, foi fácil como subir uma escada – uma coisa boa, já que meus braços doloridos reclamaram a cada centímetro do caminho. Mas Lorde Tewksbury, para minha alegria, havia colocado cravos onde não havia nenhum galho em que se apoiar. Um rapaz brilhante, esse jovem visconde. Sem dúvida, ele havia conseguido os cravos nos trilhos que passam perto das propriedades de seu pai. Espero que nenhum trem tenha descarrilado por causa disso.

Depois que escalei uns seis metros mais ou menos, me detive para ver aonde estava indo. Inclinei minha cabeça para trás e...

Meu santo Deus!

Ele havia construído uma plataforma na árvore.

Uma estrutura que não podia ser vista do chão quando as árvores estão cheias de folhas mas, de onde eu estava, podia admirá-la o suficiente: uma estrutura quadrada feita de pedaços de madeira, colocada entre os quatro bordos. Vigas de suporte iam de um galho a outro, cunhados em três partes ou mais e amarrados com cordas nos cantos. Tábuas foram colocadas sobre as vigas, formando uma espécie de assoalho. Eu conseguia imaginá-lo xeretando em todos os lugares – do bosque até a adega, passando pelos estábulos ou sabe-se lá Deus por onde – e arrastando tudo o que encontrava para cá, talvez no meio da noite, para carregar todas essas coisas até o topo da árvore com uma corda e colocá-las no lugar.

E durante todo esse tempo sua mãe fazendo cachinhos em seu cabelo e o vestindo com cetim, veludo e rendas. Deus tenha piedade.

Em um dos cantos da plataforma ele havia deixado uma abertura por onde entrar. Assim que enfiei minha cabeça nela, meu respeito

pelo jovem Lorde Tewksbury só aumentou. Ele havia montado uma tenda de lona, talvez fosse uma cobertura de carroça, que servia para o seu esconderijo. Nos cantos, havia levado mantas de sela de cavalos, presumivelmente “emprestados” do estábulo, dobradas para servirem de almofadas para se sentar. Dentro dos quatro troncos das árvores ele havia colocado pregos onde prendeu cordas e pendurou quadros de navios, um apito de metal e todo tipo de coisas interessantes.

Eu me arrastei para olhar. Mas logo minha atenção foi atraída por uma visão chocante no meio do chão de tábuas.

Recortes, fragmentos, pedacinhos cortados, rasgados de forma tão pavorosa que eu demorei alguns instantes para reconhecer o que eram: veludo negro, renda branca, cetim azul-bebê. Restos do que um dia foram uma roupa.

E em cima daquele monte de ruínas, cabelos. Longos e dourados cachos de cabelo.

Ele havia praticamente raspado sua cabeça.

Depois, transformou sua fina vestimenta em retalhos.

O Visconde Tewksbury havia entrado neste refúgio. Por sua própria vontade. Nenhum sequestrador havia ou poderia tê-lo trazido para cá.

E, pela aparência das coisas, o Visconde Tewksbury havia deixado seu esconderijo do mesmo jeito que havia chegado, por vontade própria. Mas para não ser nunca mais o Visconde Tewksbury, o Marquês de Basilwether.



Capítulo décimo



Novamente no chão, com as saias colocadas de volta no lugar, meu chapéu negro preso com os grampos, cobrindo meu cabelo mal cuidado e com o véu puxado para baixo, escondendo meu rosto, eu caminhei às cegas. Eu não sabia o que fazer.

Ao redor de um dos meus dedos, eu enrolava um cacho de cabelo, loiro e encaracolado por cima da luva. O resto tive que deixar onde encontrei. Eu imaginei que os pássaros selvagens logo pegariam fio por fio para construir seus ninhos.

Pensei na mensagem muda mas cheia de raiva que o pequeno fugitivo havia deixado em seu esconderijo secreto.

Pensei nas lágrimas que havia visto no rosto de sua mãe. Pobre mulher. Mas, igualmente, pobre garoto. Obrigado a vestir veludo e rendas. Uma coisa quase tão ruim quanto um corpete com apoios de ferro.

De maneira nada accidental, pensei em mim. Eu, Enola, fugindo igual ao jovem Lorde Tewksbury; só espero que ele tenha tido o bom-senso de mudar seu nome. Eu fui uma tola de ter vindo aqui e me apresentado como Enola Holmes, arriscando-me. Eu precisava fugir.

Mas, antes, preciso ter certeza de que a pobre duquesa...

Não, não, eu tenho que sair de Basilwether o mais rápido possível, antes que...

Assustadoramente, fui parar no caminho de entrada bem na frente de Basilwether Hall, incerta se deveria seguir em frente ou voltar, quando uma voz me chamou.

– Sra. Holmes!

Escondendo o cacho de cabelo loiro na palma de uma das mãos, eu me virei para ver um homem com roupa de viagem se apressando escadaria abaixo em minha direção. Um dos detetives de Londres.

– Desculpe-me pelo atrevimento de lhe chamar como se a conhecesse – disse quando parou na minha frente – mas o porteiro nos informou que a senhora estava aqui, e eu imaginei que...

Ele era pequeno e magro como uma doninha, não o tipo musculoso que se imagina que um policial deveria ser; mesmo assim senti medo quando seus olhos pequenos e redondos se fixaram em mim como pequenos besouros brilhantes tentando penetrar direto pelo meu véu. Em um tom de voz bem alto, continuou:

Eu conheço o sr. Sherlock Holmes. Meu nome é Lestrade.

Como vai? – eu não ofereci a mão para cumprimentá-lo.

– Muito bem, obrigado. Devo dizer que é um prazer inesperado encontrá-la – seu tom suplicava por mais informações. Ele sabia que meu nome era Enola Holmes. Ele podia ver que eu era uma viúva. Porém, me chamou de senhora, mas se eu fosse meramente relacionada por casamento à família Holmes, ele devia estar pensando: por que Sherlock me mandou em seu lugar?

– Devo dizer que Holmes nunca falou sobre você.

– De fato – concordei polidamente. – E você já teve conversas sobre sua família com ele?

– Não! Eh... quer dizer, a ocasião não se apresentou.

– Claro que não – meu tom se manteve, eu espero, suave, mas meus pensamentos gorjeavam como um tentilhão. Esse bisbilhoteiro iria contar para Sherlock que havia me encontrado e, pelas circunstâncias, seria logo na primeira oportunidade. Não, poderia ser pior! Como inspetor da Scotland Yard, a qualquer minuto poderia enviar uma mensagem a meu respeito. Eu tinha que fugir antes que isso acontecesse. Ele já me parecia bem suspeito. Eu tinha que distrair o inspetor Lestrade para que ele não *me* inspecionasse.

Abrindo minha mão enluvada, revelei o belo cacho de cabelo e entreguei a ele.

– A respeito de Lorde Tewksbury – disse de um jeito autoritário, imitando meu famoso irmão – ele não foi sequestrado. Eu sacudi a mão quando notei que o inspetor iria dizer alguma coisa. – Ele tomou o controle da situação com suas próprias mãos: ele fugiu. E você também fugiria se o vestissem como uma boneca em um terninho de veludo. Ele quer ir de barco para alto-mar. Um navio, quero dizer – no esconderijo do jovem visconde eu havia visto fotos de barcos a vapor, barcos de pesca e todo tipo de embarcações. – Em particular, ele admira aquela enorme monstruosidade, aquele que se parece com um boi flutuante, com velas no topo e uma roda cheia de pás, qual é o nome? Aquele que assentou o cabo transatlântico?

Mas o inspetor Lestrade continuava olhando fixamente para os fios loiros e enrolados na minha mão. Ele balbuciou:

– O que... onde... como você deduziu...

“O Great Eastern.” Finalmente me lembrei do nome do maior navio do mundo.

– Você vai encontrar o Lorde Tewksbury em alguma cidade portuária, provavelmente nas docas de Londres, com toda a aparência de um aspirante a marinheiro ou camareiro, já que esteve praticando como fazer nós de marinheiro. Ele cortou o cabelo. E deve estar usando roupas comuns, talvez as tenha pego emprestado dos garotos do estábulo; você pode querer questioná-los. Depois destas transformações, eu imagino que ninguém na estação o teria reconhecido se ele tivesse tomado um trem.

– Mas a porta quebrada! A fechadura forçada!

– Ele fez isso para que você procurasse um sequestrador em vez de um fugitivo. Um pouco maldoso da parte dele – admitia – preocupar a mãe de tal maneira. Esse pensamento fez com que me sentisse melhor em contar o que eu sabia.

– Talvez você pudesse entregar isto para Vossa Alteza – entreguei o cacho de cabelo para o inspetor Lestrade. Apesar de sinceramente não saber se isso a faria sentir-se melhor ou ainda pior.

Olhando embasbacado para mim, o inspetor mal parecia saber o que estava fazendo quando ergueu a mão direita para aceitar os cabelos do filho do Duque.

– Mas... onde você encontrou isto? – com sua outra mão me segurou como se quisesse me pegar pelo cotovelo e me guiar para dentro de Basilwether Hall. Dei um passo para trás, livrando-me de sua mão, fiquei com medo de que uma terceira pessoa participasse da conversa. No topo da escadaria de mármore, surgindo por entre os balaustres e as colunas gregas, Madame Laelia assistia e ouvia a tudo.

Baixei o tom da minha voz para responder ao inspetor bem suavemente.

– No primeiro andar, por assim dizer, de um bordo com quatro troncos – apontei para a direção onde a árvore ficava, e assim que ele se virou para olhar me afastei, um pouco mais rápido do que uma dama deveria, em direção aos portões.

– Sra. Holmes! – gritou atrás de mim.

Sem alterar o ritmo de meus passos ou olhar para trás, levantei uma mão de um jeito polido, mas acenando um fim de conversa, imitando o jeito que meu irmão havia balançado sua bengala para mim. Tentando conter um impulso de sair correndo, continuei andando.

Quando passei pelos portões, finalmente soltei a respiração.

Como nunca havia viajado de trem antes, me surpreendi ao encontrar o vagão da segunda classe dividido em pequenas cabines em que cabiam quatro pessoas. Os assentos eram de couro e ficavam de frente um para o outro, como em uma carruagem. Eu havia imaginado algo mais aberto, como um ônibus, mas não era. Um condutor me levou por um corredor estreito, abriu uma porta e, de repente, me encontrei em um compartimento com três estranhos,

sentei-me no lugar que estava sobrando, de costas para a direção em que o trem seguiria.

Momentos mais tarde senti como se estivesse sendo carregada, devagar no começo e, então, acelerando segundo a segundo, de costas, rumo a Londres.

Igualmente à minha posição dentro daquele vagão, o inspetor Lestrade havia invertido tanto meus interesses que eu já não conseguia ver o que me esperava adiante.

Já que ele havia falado com uma viúva recente chamada Enola Holmes, e certamente contaria para meu irmão Sherlock, eu precisava abandonar meu disfarce quase perfeito.

De fato, precisava reconsiderar completamente a minha situação.

Ofegante, sentada na ponta do assento por causa da minha anquinha – ou melhor, bagagem – me segurei contra meu progresso ao contrário. O trem guinava e balançava enquanto rumava pelo menos duas vezes mais rápido do que qualquer bicicleta jamais havia descido qualquer colina. Árvores e edifícios passavam pela janela a uma velocidade tão violenta que eu até evitava olhar.

Senti-me um pouco enjoada, e por mais de uma razão.

Meus planos seguros e confortáveis para transporte, hotel, acomodações decentes e calma espera não serviriam mais. Eu havia sido identificada. Vista. Tanto Lestrade quanto meu irmão Sherlock iriam perseguir todos os passos da jovem viúva por Belvidere e descobririam que eu havia tomado o trem da tarde para a cidade. Não adiantaria nem tentar despistá-los para o País de Gales! Apesar de não fazerem ideia de meu bem-estar financeiro, sabiam que eu poderia ir para Londres, e não havia nada que eu pudesse fazer sobre isso. Exceto deixar Londres assim que chegasse lá, no próximo trem para qualquer lugar.

Mas, com certeza, meu irmão iria falar com todos os vendedores de bilhetes, e agora meu vestido negro era minha marca. Se Sherlock Holmes descobrisse que uma viúva havia tomado o trem, vamos dizer... para Houndstone, Rockingham ou Puddingsworth, ele iria investigar. E certamente me encontraria com mais facilidade em

Houndstone, Rockingham, Puddingsworth ou qualquer lugar que não fosse Londres.

E mais ainda, eu *queria* ir para Londres. Não que achasse que mamãe estivesse lá – pelo contrário, na verdade – mas me sentiria mais capaz de encontrá-la se eu própria estivesse lá. E sempre tive sonhos com Londres. Palácios, fontes, catedrais. Teatros, óperas, cavalheiros de fraque e damas cobertas de diamantes.

E também – enquanto trepidava de costas rumo à grande cidade, me surpreendi sorrindo por trás do véu para esse pensamento – a ideia de me esconder debaixo dos narizes de meus irmãos era mais sedutora agora do que eles jamais pensariam. Eu os faria rever suas opiniões sobre a capacidade cerebral de sua acidental irmã caçula.

Muito bem, seria Londres.

Mas as circunstâncias haviam mudado. Eu não poderia chegar à cidade e simplesmente tomar uma condução. Sherlock Holmes iria falar com todos os condutores. Portanto, eu teria que andar. E a noite já estava se aproximando. Agora não podia ficar em um quarto de hotel. Certamente meu irmão investigaria todos os hotéis. Eu teria que percorrer uma longa distância para me hospedar em algum lugar bem longe da estação de trem – mas aonde iria? Se entrasse na rua errada, poderia, de repente, me encontrar com alguém que não fosse uma boa pessoa. Poderia dar de cara com um batedor de carteira ou... ou talvez um assassino.

O que seria bem desagradável.

E, assim que pensei nisso, desviei meu olhar da cena atordoante que vi pela janela do trem para o vidro da porta do corredor.

Eu cheguei muito perto de gritar.

Ali, como uma lua cheia surgindo no céu, um rosto largo espiava dentro do compartimento.

Com seu nariz literalmente pressionado contra o vidro, o homem olhava para dentro, observando cada ocupante, um por vez. Sem nenhuma mudança em sua expressão fria, fixou seu olhar sombrio em mim. E então se virou e saiu.

Engolindo seco, olhei ao redor para meus companheiros passageiros para ver se eles também estavam assustados. Aparentemente, não. No assento ao meu lado, um trabalhador de boina estava roncando, suas botas quadradas e pesadas estavam esticadas no meio do chão. Do lado oposto a ele, um sujeito com calças de pastor e um chapéu de feltro lia o jornal que, julgando pelas gravuras com cavalos e jóqueis, tratava das corridas de cavalos. E perto dele, bem de frente para mim, uma velha mulher, que me olhava fixamente com seus olhos animados.

– Algo a incomoda, pombinha? – ela perguntou.

Pombinha? Um jeito muito peculiar de se referir a alguém, mas eu não podia deixar passar, e simplesmente perguntei:

Quem era aquele homem?

Que homem, pombinha?

Ou ela não o havia visto ou era perfeitamente normal que homens muito grandes e carecas vestindo chapéu de pano espiassem dentro de compartimentos de trens, e eu estivesse sendo tola.

Sacudindo minha cabeça de modo a encerrar a con-versa, murmurei:

Nenhum dano foi causado – apesar de que meu coração me declarava uma mentirosa.

Cê me parece bem branquinha por baixo de todo esse preto – minha nova amiga declarou. Uma velha desdentada, bem comum, que, em vez de usar um chapéu apropriado, usava uma enorme touca fora de moda com uma aba larga como um cogumelo, amarrada com um laço laranja sob seu queixo enrugado. Em vez de um vestido, usava uma blusa que deveria ter sido branca um dia, uma saia roxa com a bainha gasta e um xale muito velho. Olhando-me, como um pássaro aguardando migalhas, ela falou:

– A perda foi recente, pombinha?

Ah, ela queria saber sobre meu querido e fictício esposo falecido. Eu balancei a cabeça concordando.

– E agora cê tá voltando pra Londres? Concordei.

Sempre a velha história, não é, pombinha? – a velha escandalosa havia se inclinado na minha direção com mais alegria do que pena.

Ele te pegou quando era uma garotinha e agora que morreu – ela falava assim mesmo, era bem ignorante –, te deixou sem condições de se alimentar? E pela sua aparência, cê deve tá carregando uma criança no bucho?

No começo eu mal conseguia entendê-la. E como nunca ouvira alguém falar coisas tão indizíveis de maneira tão alta, e em lugar público, e ainda na presença de homens – apesar de que nenhum deles parecesse ter notado –, fiquei totalmente sem palavras. Um rubor forte aqueceu meu rosto.

Minha amigável atormentadora parecia considerar meu enrubescimento como uma afirmação. Balançando a cabeça, se inclinou para mais perto de mim.

– E agora cê tá pensando em fazer umas coisas pra conseguir se sustentar na cidade? Cê nunca teve em Londres antes, querida? Eu tentei balançar a cabeça.

– Bem, não cometa esse velho erro, pombinha, não importa o que os cavalheiros te prometeram – ela se inclinou ainda mais perto, como se fosse me contar um grande segredo, mas mesmo assim não baixou a voz. – Se você precisar de algumas moedas extras em seu bolso, eis um truque: retire uma anágua ou duas de baixo do seu vestido... Eu realmente achei que iria desmaiar. O trabalhador, graças a Deus, ainda roncava, mas o outro homem levantou seu jornal para esconder o rosto.

– ...você nunca vai perdê-las – a velha desdentada continuou falando rápido e alto. – Porque muitas das mulheres em Londres não têm anáguas com seus nomes, e você usa meia dúzia, eu garanto, pelo barulho que fazem debaixo do seu vestido.

Eu queria desesperadamente que a viagem e essa provação acabassem, tanto que arrisquei olhar para a janela. Inúmeras casas passavam agora pelo vidro, e construções altas, todas juntas, de pedras e tijolos.

– Leve-as até uma loja de roupas usadas chamada Culhane em Saint Tookings Lane, do lado da Kipple Street – continuava implacavelmente a velha, cuja presença no momento me lembrava mais a de um sapo do que um pássaro. – Descendo pela East End, cê conhece. Cê pode farejar o caminho pelas docas. E presta atenção: quando você encontrar Saint Tookings Lane, não vai a nenhuma das outras lojas, vai direto para a Culhane, eles vão te dar um valor justo por suas anáguas, se elas forem de seda de verdade. O homem que estava lendo sacudiu o jornal e limpou a garganta. Mantendo-me na beira do meu assento, afastei-me da velha o máximo que minha anquinha permitiu.

– Obrigada – murmurei, já que não tinha a menor intenção de vender minhas anáguas; todavia, aquela velha pavorosa havia me ajudado.

Eu me perguntava como iria me desfazer de minhas roupas de viúva e conseguir outra coisa. Claro que eu tinha dinheiro suficiente para encomendar qualquer coisa que quisesse, mas o preparo das roupas demoraria algum tempo. E, além do mais, certamente meu irmão falaria com as costureiras existentes, e elas iriam se lembrar de mim, toda vestida de preto. Eu deveria vestir qualquer outra cor, menos preto. Talvez cinza com um toque de lavanda ou branco. Depois do primeiro ano de luto, isso era tudo o que supostamente uma viúva deveria vestir, ainda que, dada a esperteza do meu irmão, nada disso iria bastar. Eu não podia simplesmente modificar minha aparência; precisava transformá-la completamente. Mas como? Arrancando vestimentas dos varais?

E agora eu sabia. Lojas de roupas usadas. Saint Tookings Lane, na Kipple Street em East End. E não acho que meu irmão seria capaz de perguntar lá.

Eu só não pensei – e deveria ter pensado – que estaria arriscando minha vida se me aventurasse por lá.



Capítulo décimo primeiro



Do meu assento no trem eu só conseguia rápidos vislumbres de Londres. Mas quando emergi da estação Aldersgate, embora tivesse o propósito de caminhar rapidamente para longe, fiquei parada por um momento, encarando aquela metrópole tão densa e tão vasta. Tudo ao meu redor parecia uma natureza selvagem erguida pelo homem com prédios mais altos e mais ameaçadores do que qualquer árvore que jamais existiu.

Meus irmãos viviam ali?

Naquela grotesca paródia de tijolos e pedras de um mundo que eu jamais havia conhecido? Com tantas chaminés e telhados negros brilhando contra um lúgubre e vaporoso céu laranja? Nuvens cor de chumbo penduradas tão baixas enquanto a luz do sol poente se esvaía; as torres góticas e estáticas da cidade tão festivas quanto agourentas contra um céu incandescente, como velas sobre o bolo de aniversário do diabo.

Continuei olhando até me dar conta das hordas de cidadãos indiferentes que passavam rapidamente por mim, indo tratar de suas vidas. Então, respirei fundo, fechei a boca, engoli seco e dei as costas para esse pôr do sol curiosamente ameaçador.

Aqui em Londres, como em qualquer outro lugar, pensei comigo mesma, o sol se põe no oeste. Portanto, forçando meus membros mais do que cansados a se mexerem, andei por uma larga avenida na direção oposta, pois queria ir para o leste, direto para as lojas de roupas usadas, nas docas, nas ruas pobres em East End.

Depois de alguns quarteirões, entrei em ruas estreitas, sob a sombra de edifícios abarrotados. Atrás de mim, o sol afundava. E na noite da cidade nenhuma estrela nem a lua apareceram. Mas filetes

de luz amarela saíam das vitrines das lojas iluminando o pavimento, como se tentassem afastar

o negro da escuridão do entardecer e das sombras de cada pedestre que surgia como uma visão e desaparecia novamente depois de alguns passos. Como imagens saídas de um sonho, eles apareciam e desapareciam nas esquinas, onde os postes de iluminação a gás lançavam pálidos círculos de luz sobre o chão.

Ou talvez fossem imagens saídas de um pesadelo. Ratos passavam como dardos nas sombras, grandes ratos de cidade que não fugiam quando alguém se aproximava. Eu tentava não olhar para eles, tentava fingir que não estavam ali. Tentei não olhar para um homem com a barba por fazer usando um cachecol vermelho, para um garoto faminto com suas roupas rasgadas, para um homem grande e forte vestindo um avental ensanguentado, ou para uma cigana descalça em uma esquina – então, ha-via ciganos em Londres também! Mas não eram os nômades orgulhosos do campo. Estes eram mendigos sujos, imundos como limpadores de chaminés.

Aquilo era Londres? Onde estavam os teatros e as carruagens, as damas cheias de joias com casacos de pele e vestidos de noite, os cavalheiros galantes com gravatas brancas e *smokings*?

Em vez disso, como se fosse uma casinha de cachorro ambulante, aproximou-se um homem pálido vestindo um quadro de avisos onde estava escrito na frente e atrás:

PARA
CABELOS
IMPECAVELMENTE
BRILHANTES
USE
ÓLEO VAN KEMPT
DE MACASSAR

Crianças sujas corriam ao redor dele, insultando-o, tentando arrancar o chapéu de coco rasgado da sua cabeça. Uma garota bagunceira gritou para ele:

– Onde você guarda a mostarda? – evidentemente uma piada muito boa, pois todos os seus amigos riram alto como um bando de malucos.

As ruas escuras ressoavam com tanto barulho, lojistas gritavam com os garotos de rua: – “Caíam fora daqui!” – enquanto carroças passavam e um vendedor de peixes gritava: – “Bacalhau fresco para o jantar!” – e marinheiros cumprimentando uns aos outros aos gritos. De uma porta suja, uma mulher grande berrava: – “Sarah! Willie!” – e eu imaginava se eram essas crianças que estavam atormentando o homem com o quadro de avisos. Enquanto isso, pessoas passavam rapidamente por mim, conversando em tons vulgarmente altos. Caminhei mais rápido ainda, como se fosse conseguir de algum modo escapar de tudo aquilo.

Com todas aquelas coisas estranhas na minha frente, e com tanta comoção, não consegui ouvir os passos que me seguiam.

E não notei que a noite havia caído e escurecera totalmente – ou era o que pareceu a princípio, mas então percebi que eram as ruas que haviam ficado mais escuras. Não havia mais lojas de onde sair a luz, somente bares resplandecendo nas esquinas, com seus ruídos de bêbados escorregando pela escuridão. Eu vi uma mulher parada em frente a uma porta com seu rosto maquiado – lábios vermelhos, pele branca, sobrancelhas negras –, e achei que estivesse vendo uma dama da noite. Em seu vestido curto espalhafatoso ela parecia estar tão bêbada de gim que eu podia sentir aquele cheiro sobressair até mesmo ao fedor vindo do seu corpo sujo. Mas ela não era a única fonte de mau-cheiro; o East End inteiro fedia a repolho cozido, fumaça de carvão, peixes mortos nas margens do Tâmisa e esgoto. Também fediam as pessoas nas sarjetas.

Eu vi um homem deitado. Estava bêbado ou doente. Eu vi crianças dormindo amontoadas como filhotes de cães, e me dei conta de que elas não tinham casa. Meu coração doía; queria acordar aquelas crianças e dar a elas dinheiro para comprar pão e tortas de carne. Mas me obriguei a continuar andando, esticando o passo. Não era fácil. Eu sentia algum tipo de perigo...

De repente, uma forma escura se aproximou pelo chão à minha frente. Arrastava-se, com suas mãos, joelhos e pés descalços.

Eu hesitei e parei indecisa, encarando completamente chocada, sem ação e desprovida de qualquer bom senso diante da simples visão daquela velha mulher reduzida a tal situação, com um vestido todo rasgado que mal cobria seu corpo, sem nenhuma roupa por baixo. Nada em sua cabeça também, nem mesmo um pedaço de trapo, e nenhum cabelo. Apenas uma massa de feridas cobrindo seu crânio. Eu sufoquei o grito ao ver aquela mulher rastejando como uma lesma sobre suas juntas e joelhos. Então, ela levantou a cabeça alguns centímetros para me olhar. Eu vi seus olhos, pálidos como uma vela prestes a se apagar.

Tive que me manter imóvel por um momento que nunca acabava, mas ouvi o som de passos pesados atrás de mim.

Dei um salto para trás, tentando escapar, mas era tarde demais. Os passos aceleraram-se em minha direção. Algo forte agarrou meu braço. Comecei a gritar, mas uma mão de aço tapou minha boca. E, muito perto do meu ouvido, uma voz grave disse:

– Se você se mexer ou gritar, eu te mato.

O terror me congelou. Com os olhos esbugalhados, encarando a escuridão, não conseguia me mexer. Mal conseguia respirar. Enquanto continuava soluçando, a mão me soltou e, como uma cobra, o braço deslizou ao redor do meu corpo, segurando-me violentamente e me pressionando contra uma superfície que poderia muito bem ser uma parede de pedra, se eu não soubesse que era o peito de um homem. A mão soltou minha boca, e num instante, antes que meus lábios trêmulos pudessem emitir qualquer som, na escuridão da noite, eu vi o brilho do aço. Comprida. Pontuda como uma lasca de gelo. A lâmina de uma faca.

E, vagamente, eu também vi a mão que segurava a faca. Era uma mão grande, vestindo uma luva de um tom fulva.

– Onde ele está? – o homem perguntou, em um tom mais do que ameaçador. O quê? Onde está quem? Eu não conseguia falar.

– Onde está o Lorde Tewksbury?

Aquilo não fazia sentido. Por que um homem em Londres estaria me interrogando sobre o nobre fugitivo? Como ele sabia que eu estivera em Belvidere?

Então, eu me lembrei do rosto que havia visto pressionado contra o vidro, espiando dentro do compartimento do trem.

– Eu vou perguntar mais uma vez, e apenas mais uma vez

– ele sibilou. – Onde está o visconde, Marquês de Basilwether?

Já devia ter passado da meia-noite. Gritos indefinidos soavam dos bares, junto com enormes cantorias, mas a rua e as calçadas continuavam vazias. Ou o que eu podia ver delas. Qualquer coisa poderia ter surgido das sombras. E esse não era o tipo de lugar no qual eu poderia esperar por ajuda.

– Eu... eu... ah.... – comecei a gaguejar. – Eu não tenho a menor ideia do que o senhor está falando.

A lâmina da faca brilhou sob meu queixo e, pelo meu colarinho, conseguia senti-la sendo pressionada contra minha garganta. Engoli seco e fechei os olhos.

– Sem brincadeiras – advertiu meu raptor. – Você está indo se encontrar com ele. Onde ele está?

– Você está enganado – tentei falar calmamente, mas minha voz congelou. – Você está cometendo um grande erro. Eu não sei nada do...

– Mentirosa – senti o assassino nos músculos de seus braços. A faca me atingiu quando sua mão a puxou com violência. Ele tentou rasgar minha garganta, mas em vez disso encontrou apenas meu colarinho de barbatana de baleia. Com o que poderia ter sido meu último sopro de ar, gritei. Debatendo-me nos braços do assassino, agitando-me, eu jogava minha bolsa para cima e para baixo, sentindo que ela o acertara no rosto antes que eu a deixasse cair de vez. Ele xingou muito, mas não me soltou nem um pouco, não me deixaria fugir. Em prantos, senti que ele tentava me apunhalar com a longa lâmina, mas acertou o corpete, e tentou novamente, procurando encontrar uma passagem para a carne. Mas, em vez

disso, fez um grande corte no meu vestido. Eu terminei de rasgá-lo, soltei-me e corri para longe. Eu gritava:

– Socorro! Alguém me ajude – tateando na escuridão, correndo, correndo, sem saber onde estava.

– Aqui, madame – disse a voz de um homem, alta e aguda, vinda das sombras. Alguém, finalmente, havia ouvido meus gritos de socorro. Quase chorando de alívio, me virei para a voz que vinha de um beco estreito entre dois edifícios que fediam a alcatrão.

– Por aqui – senti sua mão magra tocando meu cotovelo, guiando-me por um caminho maluco em direção a algo que brilhava na noite. O rio. Meu guia me puxou por um caminho de madeira que se movia sob meus pés.

Algun tipo de instinto, um pressentimento, fez com que eu empacasse, meu coração batia mais forte do que nunca.

– Aonde estamos indo? – sussurrei.

– Apenas faça o que estou dizendo – rapidamente ele torceu meu braço atrás das minhas costas e me empurrou para a frente, em direção a não sei exatamente o quê.

– Pare com isso! – finquei os saltos das minhas botas nas tábuas, surpreendentemente mais furiosa do que com medo. Afinal, eu tinha sido maltratada, havia perdido minha mala, sido ameaçada com uma faca, estava com a roupa rasgada, meus planos tinham dado errado, e agora aquele que achei que seria meu salvador havia se tornado meu inimigo. Eu fiquei irada.

– Pare, seu patife! – gritei o mais alto que consegui.

– Cuidado com a língua! – torcendo meu braço com força, ele me deu um empurrão. Não pude evitar de sair tropeçando, mas continuei a gritar.

– Maldição, tire suas mãos de mim!

Algo pesado se chocou contra minha orelha direita. Eu caí de lado na escuridão.

Não é muito justo dizer que desmaiei. Eu nunca tinha desmaiado e espero que isso nunca aconteça. Posso dizer que, por algum

tempo, fui tirada de meu estado consciente.

Quando pisquei e abri meus olhos, encontrei-me numa posição esquisita, meio sentada, meio deitada, em um tipo estranho de chão de madeira curvado, minhas mãos atadas atrás das costas e meus tornozelos igualmente amarrados na frente, com uma corda grossa.

Pendurada em um teto tosco e muito baixo, havia uma lamparina a óleo que emitia algum calor e um odor forte enquanto deixava vazar apenas uma luz fraca. Vi grandes pedras agrupadas ao redor de uma poça de água cor de terebintina perto do meu pé, como se fosse uma terrível imitação do esconderijo que eu tinha em casa. Senti-me meio zonha. Fechei meus olhos, esperando que a tontura passasse.

Mas não passou. Quer dizer, eu sentia que estava me movimentando. E percebi que estava meio zonha só porque meu raptor, seja lá quem fosse, havia tirado meu chapéu, talvez por medo dos grampos. Minha cabeça, coberta apenas por meus cabelos desarrumados, estava exposta, e meu mundo parecia sacudir e balançar, mas eu não estava doente.

Eu estava, de fato, deitada no porão de um barco.

No casco, quer dizer. Eu lembrei que era assim que se chamava. Eu não tinha nenhuma experiência com embarcações e navios ou coisas do tipo; já havia passeado em um barco a remo uma ou duas vezes e conseguia reconhecer a flutuação, o movimento de solavancos de estar sentada, por assim dizer, em um barco pequeno. Na água, mas ele estava amarrado a um poste. O teto, onde a lâmpada balançava, era a parte de baixo do convés. A poça imunda sob meus pés era chamada de “estiva”, e as pedras, creio, eram o “lastro”.

Abrindo os olhos, tentando ver na pouca luz, analisei minha prisão obscura e percebi que não estava sozinha.

No lado oposto do casco, com as mãos atrás das costas e com os tornozelos amarrados perto do casco, um garoto me olhava. Analisava-me. Olhos negros como carvão. Mandíbula dura.

Pobre, com roupas que não cabiam nele. Com pés descalços que pareciam muito macios, machucados e brancos. Um resto de cabelo cortado de maneira desigual.

E um rosto que eu já tinha visto antes, apesar de ter sido apenas na página principal de um jornal.

O Visconde Tewksbury, Marquês de Basilwether.

Capítulo décimo segundo

Mas... Mas isso era absurdo. Impossível. Supostamente ele deveria estar fugindo para o mar.

Sem nenhuma apresentação apropriada, exclamei:

O que, em nome de Deus, *você* está fazendo aqui? Ele arqueou suas sobrelhas douradas.

Você presume que nós nos conhecemos, senhorita?

– Pelo amor de Deus, não presumo nada – a indignação e a surpresa me impulsionavam para que me sentasse direito, mas não sem alguma dificuldade. Eu mantive a calma. – Eu *sei* quem você é, Tewky.

– Não me chame assim!

– Muito bem, Lorde Tewksbury-que-gosta-do-mar, o que você está fazendo descalço em um barco?

– E, para ser justo, devo perguntar o que uma garotinha como você está fazendo toda fantasiada de viúva – afiadíssima, sua voz ganhava um tom cada vez mais aristocrático.

– Oh – dei um tiro no escuro – um camareiro com sotaque de colégio interno?

– Oh! Uma viúva sem aliança?

Eu só não percebi que, de onde ele estava, não tinha como ver minha mão amarrada atrás das costas. Mas agora, apoiada pela minha anquinha e mexendo com os dedos na corda que prendia meus pulsos, exclamei:

– Por que ele tirou minhas luvas?

– Eles – corrigiu Vossa Senhoria o Visconde. – Plural. Havia dois deles. Eles queriam roubar a sua aliança e não encontraram nada.

Apesar da sua arrogância e ar de superioridade, pude notar como seu rosto estava pálido, podia ver seus lábios tremendo enquanto ele falava.

– Eles também mexeram nos seus bolsos, encontraram algumas moedas, alguns grampos de cabelo, três barrinhas de alcaçuz e um lencinho bem sujo...

– Claro – tentei não ligar para aquela conversa, já que, pensando bem, enquanto estava desacordada, homens desconhecidos colocaram suas mãos em meus bolsos, e pensar nisso me fazia tremer. Ainda bem que realmente não chegaram a tocar em mim, pois minha bagagem improvisada ainda permanecia comigo. Eu conseguia sentir a anquinha, os reguladores e o aperfeiçoador de vestimenta na posição em que estavam antes.

– ...um pente, uma escova de cabelo, um pequeno livrinho cheio de flores desenhadas...

Senti uma pontada no coração como se eles tivessem matado minha mãe bem na minha frente. Meus olhos queimaram. Mas tive que morder os lábios, não era hora nem lugar para lamentar minha perda.

– ...e, já que um lado do seu vestido está rasgado de cima a baixo, eu consigo ver um pedaço desse corpete rosa escandaloso que você está usando.

– Seu malcriado! – minha aflição se encheu de raiva. Queimando de vergonha e tremendo de fúria, o fulminei com os olhos. – Você merece ficar onde está, amarrado e com o pé...

– E como você, cara garota que não é tão mais velha do que eu, mereceu a mesma coisa?

Eu sou mais velha!

Mais velha quanto?

Eu quase disse, mas antes me lembrei de que não deveria revelar minha idade para ninguém. Maldito, ele era bem esperto. E, apesar da sua bravata, assustado. Tão assustado quanto eu.

Depois de respirar fundo, perguntei calmamente:

– Há quanto tempo você está preso aqui?

– Há somente uma hora. Enquanto o menor estava me sequestrando, parece que o maior estava seguindo você por alguma razão. Eu... Ele ficou em silêncio quando ouvimos os passos pesados sobre nossas cabeças. Eles cessaram, um quadrado iluminado pela luz de uma lanterna se abriu no canto de nosso cativeiro e, então, me dei conta de que assistia a uma estranha visão de um homem surgindo de costas. Vi primeiro as botas de borracha, depois suas roupas, enquanto ele descia para nosso covil por uma escada.

– Não mais que uma hora atrás – disse ele, enquanto descia, para alguém que continuava lá em cima. Eu reconheci sua voz aguda. Magro, mirrado, curvado, esse homem se movimentava como um vira-lata faminto e maltratado.

Eu o achei bem no lugar onde ‘cê me disse pelo telégrafo, vagando pelas docas onde fica o Great Eastern. Nós sabemos o que fazê com ele, mas e com a garota?

Faça o mesmo – resmungou a voz do outro homem, enquanto ele descia na sua vez. Eu também conhecia aquela voz, e observei enquanto a imagem dos pés vestindo botas pretas se completava com um par de pernas desajeitadas. Ele estava vestido com uma roupa negra que deve ter pertencido a um cavalheiro, apesar de agora já estar estragada. Suas luvas pálidas, que agora podia ver pela luz da lanterna que ele trazia, eram na verdade amarelas. Muitos nobres, tanto homens como mulheres, usavam luvas, mesmo amarelas, que serviam para demonstrar alguma classe social.

Entretanto, quando a parte de trás da cabeça do enorme homem se tornou visível, notei que ele não usava o chapéu de um cavalheiro, mas uma boina de trabalhador.

Eu estava preparada para, quando ele se virasse, olhar para seu rosto. E era, de fato, o rosto branco e frio que havia espiado como uma lua cheia dentro do compartimento em que eu estava no trem. Ou talvez fosse uma caveira totalmente branca. Quando ele tirou o boné, vi que era totalmente careca, dava nojo, como um verme,

exceto pelos cabelos vermelhos e grossos que brotavam de suas orelhas.

Eu achei que cê só viria atrás dela caso eu não fizesse minha parte – disse o outro.

Sim, para certificar-me em dobro... – falou lentamente o grandão careca – ...mas também porque ela disse que se chamava Holmes.

Enquanto ele falava com seu comparsa, olhava para o meu rosto com um prazer malicioso, sorrindo com maldade quando meus olhos se arregalaram e meu queixo despencou. Não consegui esconder meu choque por ele saber quem eu era. Como poderia saber?

Satisfeito com minha reação, ele se virou para seu comparsa.

– Ela diz que é parente de Sherlock Holmes. Se isso for verdade, podemos ter algum lucro com ela.

– Então, por que cê tentou matar a moça? Então esse homenzarrão com cabelo nas orelhas era, como eu presumi, o mesmo assassino que me atacou. Ele encolheu seus ombros rudes.

– Ela me deixou irritado – disse, com uma fria indiferença.

Tentei fechar minha boca quando percebi que as coisas começavam a fazer sentido. Ele estava procurando por mim no trem. Ele havia me seguido desde a estação.

Ainda que... ainda que não fizesse sentido. Por que me abordar? Será que ele achava que eu sabia onde estava o Lorde Tewksbury?

Mulherzinha briguenta – o assassino olhou direto para mim com olhos que pareciam gelo negro; havia algo – embora eu não soubesse exatamente o quê – de familiar nesse olhar, apesar de que não nego que me assustou tanto que fiquei congelada. Ele então disse para mim:

A maioria das garotas dessa região não tem dinheiro para comprar corpetes. Eu já abri umas boas barrigas em outros tempos. Não cruze meu caminho novamente.

Continuei em silêncio, incapaz de pensar em alguma resposta cabível. Na verdade, eu estava apavorada.

Mas o outro homem, o raquítico, estragou o efeito ao dizer para seu comparsa:

– Bão, é melhor cê tomar cuidado e não deixar o tal Sherlock Olmes irritado também. Pelo que sei, cê não pode enganar aquele almofadinha. O grandão se virou para ele:

– Eu posso enganar quem eu quiser e tiver vontade – seu tom era tão ameaçador quanto a lâmina da faca. – Eu vou dormir. Você vigia esses dois.

– Essa era mesmo a minha intenção – resmungou o outro, mas só depois que o gigante bruto desapareceu escada acima.

O magricelo, o cachorro vira-lata, ajeitou-se com as costas contra a escada e ficou olhando para nós com olhos cheios de maldade.

Eu o interpelei:

– Quem é você?

Mesmo sob a luz fraca da lamparina a óleo, pude ver aquele sorriso amarelo faltando vários dentes.

Príncipe Charmant de Horseapple, a seu serviço – falou. Uma mentira, obviamente. Olhei para ele furiosa.

Enquanto estamos nos apresentando – disse o jovem Lorde Tewksbury para mim – diga-me qual diabos é seu nome? Eu balancei a cabeça para ele.

– Sem conversa – disse a voz aguda.

– O quê exatamente – perguntei friamente – você e seu amigo pretendem fazer conosco?

– Levar os queridinhos para dançar. Já falei, sem conversa!

Sem vontade de divertir essa pessoa repreensível nem mais um minuto, eu me deitei de lado nas tábuas de madeira com o pedaço do vestido sob mim. Fechei os olhos.

Era difícil dormir, ou até mesmo fingir que dormia, com as mãos amarradas atrás das costas. E, para piorar as coisas, as pontas do meu corpete me espetavam dolorosamente embaixo dos braços.

Meus pensamentos, assim como meu corpo, estavam longe de serem confortáveis. A menção de “lucro” indicava dinheiro, levando-me a concluir que eu era mantida presa por algum res-gate. Não poderia imaginar um jeito mais humilhante de ser devolvida para meus irmãos que iriam, sem dúvida alguma, me mandar para um colégio interno debaixo de pancadas. Eu imaginava se eles pegariam meu dinheiro. Eu imaginava como, como, *como* o grande valentão sabia a meu respeito para me seguir e, ainda mais espantoso, como sabia do Visconde Tewksbury e como teria passado um telegrama sobre ele para o cúmplice vira-lata. Eu imaginava o que “faça o mesmo” significava. Tremendo de terror, resolvi que ficaria alerta a qualquer chance de escapar. E ao mesmo tempo sabia que seria mais sábio se eu respirasse mais devagar, parasse de tremer e recuperasse minha energia tentando dormir.

Por causa do formato do casco do barco, deitei-me em algo inclinado em formato de rede, mas longe de sentir-me tranquila, mesmo com todo o estofamento que vestia. Mudando meus membros de posição, eu buscava ao menos uma posição menos dolorida, sem sucesso porque agora a armação de ferro do meu maldito corpete não machucava apenas meus braços, mas a outra ponta passava pela fenda do meu vestido, lembrando-me claramente de como era a faca daquele assassino...

Aço. Faca. Eu continuei deitada sem me mexer.

Oh, oh, se eu simplesmente conseguisse fazer isso.

Depois de pensar por um momento, abri meus olhos somente o suficiente para espiar o cão de guarda magrelo através dos meus cílios. Que sorte tive por ter me deitado sobre meu lado direito, de frente para ele para esconder meu corpete. Ele continuava sentado com as costas na escada, mas com sua cabeça pendurada. Adormecido.

E como, com ele se mantendo naquela posição perto da escada, poderíamos passar por ele? Mas eu resolveria esse problema mais tarde.

O mais silenciosamente que consegui, virei tronco, tentando colocar meus pulsos amarrados contra um dos ferros salientes do meu corpete.

Não foi fácil, já que o rasgo do meu vestido estava de lado. Mas contorcendo ao máximo um dos meus braços enquanto me apoiava com o cotovelo do outro, apertando os dentes para evitar qualquer som, consegui laçar a corda que prendia meus pulsos ao redor da ponta de uma das armações de aço.

Tão contorcida que mal conseguia me mover, contudo, tentei forçar para baixo o tecido duro de tão engomado que revestia o aço.

Então, ainda mais torta, comecei a tentar cortar as cordas.

Nem uma vez eu olhei para o Lorde Tewksbury. Eu tentava pensar nele o mínimo possível, mas olhei só para me certificar de que ele estava dormindo. De outra forma, eu me sentiria mortificada pela minha postura desajeitada.

Para a frente e para trás, para a frente e para trás, com grande dificuldade eu serrava com minhas mãos e braços enquanto pressionava meus pulsos presos contra o aço. Dolorosamente, por um longo tempo. Eu não conseguiria dizer quantas horas demorei naquilo, pois não havia como dizer se era noite ou dia naquele buraco. E também não havia como dizer se estava ou não fazendo progresso com as cordas, já que não dava para ver o que estava fazendo. Eu pude sentir que estava cortando a *mim mesma*. Mas apertei a mandíbula e tentei esquecer a dificuldade. Meu olhar fixo no guarda adormecido, meus ouvidos atentos para tentar ouvir além da minha respiração pesada. Eu tentava ouvir mais do que o som das ondas e os ocasionais barulhos de batida quando o barco encostava no píer...

O magricelo se coçou como se estivesse infestado de pulgas. Eu só tive tempo de me esticar, com as mãos escondidas atrás de mim, antes que ele abrisse os olhos.

– Olha aqui – reclamou, olhando para mim – pra que cê tá balançando o maldito barco?



Capítulo décimo terceiro



Eu congelei, como um coelho em uma moita. Mas, do outro lado do casco, uma voz arrogante falou.

Para quê? Eu simplesmente desejo que esse barco balance. Eu exijo, não, eu ordeno que esse barco balance – e estava balançando, pois ali estava sentado o jovem Visconde Tewksbury, o Marquês de Basilwether, inclinando-se repetidamente para trás e para a frente, perturbando o repouso do nosso carcereiro.

Você garoto – o olhar duro do magricelo voltou-se para ele –, pare agora com isso!

Venha me fazer parar – disse Lorde Tewksbury de maneira um tanto desafiadora e continuando a balançar o barco com um ar ainda mais arrogante.

Cê qué que eu *faça* você parar? – o magricelo cambaleou para ficar em pé. Cê acha mesmo que é durão, né? Pois vou te mostrar uma coisa.

Com os punhos fechados, ele foi na direção de Tewksbury e, assim, virou as costas para mim.

Eu sentei e me retorci, inclinando-me para um lado, remexendo-me de novo para encontrar a armação do corpete com minhas mãos atadas.

Com violência, nosso raptor chutou a perna do jovem Lorde Tewksbury.

O garoto não fez nenhum som, mas eu teria gritado. Eu que-ria acertar, agarrar, impedir aquele homem mal. De fato, perdi completamente a cabeça lutando contra as cordas que prendiam meus pulsos tão loucamente que parecia que iria desparafusar meus braços fora.

E então algo estalou. E doeu terrivelmente.

O magricelo chutou Tewksbury de novo.

– Continue – o garoto disse. Eu gosto disso. Mas sua voz distorcida mostrava que ele estava mentindo. Meus braços doíam tanto que pensei que tivesse quebrado um osso em vez da corda, até que me dei conta de que estava olhando para minhas mãos, que haviam aparecido na frente do meu rosto como dois estranhos desavergonhados. Machucadas, ensanguentadas e com fiapos de corda enfiados em meus pulsos.

– Cê gosta disso? Tô vendo que gosta disso – grunhiu nosso encurvado e magricelo guarda, chutando Lorde Tewksbury pela terceira vez, bem forte.

Desta vez Tewky gemeu.

Imediatamente me levantei. Meus tornozelos continuavam amarrados, mas não seria preciso andar, já que eu estava parada bem atrás de nosso raptor. Minhas mãos, que pareciam saber o que fazer mais do que eu, selecionaram a maior pedra do lastro bem na hora em que o magricelo levantou a perna para outro chute. E, antes que ele conseguisse chutar, levantei minha arma primitiva e a baixei-a com decisão sobre sua cabeça.

Ele caiu em silêncio e permaneceu parado.

Eu também fiquei parada, olhando para ele.

Idiota, desamarre minhas mãos! – gritou Lorde Tewksbury. O homem caído continuava como estava. Inerte, mas respirando.

Desamarre-me, estúpida!

O tom categórico do garoto fez com que, de fato, eu me mexesse. Virei-me de costas para ele.

– Ei, trouxa, o que você está *fazendo*?

Eu estava preservando a pouca dignidade que me restava, apesar de que não iria dizer isso para ele. Desabotoando parte do meu corpete, enfiei a mão fundo na minha bagagem frontal e encontrei o canivete que havia tirado do meu *kit* de desenho e enfiado no meu “realçador de busto”, junto com uma caneta e

algumas folhas de papel dobradas. Depois de abotoar de novo, abri o canivete, agachei-me e cortei as cordas dos meus tornozelos.

Sem conseguir ver esse procedimento através da minha longa saia preta, Lorde Tewksbury parou de dar ordens e, na verdade, começou a implorar.

– Por favor. Por favor! Eu vi o que você estava fazendo e te ajudei, não ajudei? Por favor, você...

– Shhhh. Só um minuto.

Depois que soltei meus pés, me virei, passei pelo corpo imóvel do nosso guarda e, então, me inclinei sobre o garoto cativo. Com um rápido corte soltei a corda que prendia suas mãos para trás. Então, entreguei a faca para que ele pudesse soltar seus pés. Na saia do meu vestido destruído, limpei o sangue dos meus pulsos. Olhei para os cortes – não eram fundos o suficiente para serem perigosos –, e então verifiquei meus cabelos, que já não estavam mais presos em coque e agora caíam ao redor dos meus ombros. Encontrei alguns grampos no meio dos fios embaraçados e tentei fechar o rasgo do meu vestido com eles.

– Vamos *logo*! – apressou o jovem Visconde Tewksbury, que agora estava de pé e de posse do meu canivete, ainda aberto, seguro com uma arma em sua mão.

Ele estava certo, claro; não havia tempo para que eu me fizesse apresentável. Concordando, me aproximei da escada que nos levaria à liberdade com Lorde Tewksbury ao meu lado. Porém, quando chegamos perto dela, hesitamos e olhamos um para o outro.

– Primeiro as damas? – disse sua Alteza, incerto.

– Eu sou a favor dos cavalheiros – respondi, pensando que uma garota nunca deveria se colocar numa posição em que um homem pudesse olhar por baixo da sua saia. Mas não pensei no que poderia estar nos esperando lá em cima.

Concordando, e ainda empunhando o canivete, Tewksbury subiu a escada.

A luz me cegou quando ele abriu o alçapão. A noite havia se transformado em dia, mas eu não sabia se era manhã ou tarde. Eu vislumbrei apenas o cuidado com que o jovem visconde colocou sua cabeça para fora e olhou em volta. Silenciosamente, ele colocou o alçapão no chão, subiu e fez um sinal para que eu subisse rapidamente.

Subindo o mais rápido que pude, percebi que ele estava esperando por mim, sua mão estendida para me ajudar a sair. Apesar de ter me chamado há pouco de idiota, estúpida e trouxa, o garoto mostrava traços de galanteador. Ele teria sido bem mais esperto em escapar sem mim. Mas parecia correto que, já que havíamos sido aprisionados juntos, tivéssemos que escapar juntos. Sem dúvida, não me ocorreria deixá-lo para trás e, evidentemente, ele também não pensou em me deixar ali sozinha.

Alcançando o topo da escada, eu agarrei a mão dele...

Uma voz terrível rosnou um xingamento que nunca havia ouvido ou imaginado. Enquanto minha cabeça se levantava acima do nível do alçapão, vi uma forma alta, grande e escarlate se lançando da cabine e atravessando o curto espaço do convés em nossa direção.

Naquele momento terrível, aprendi que os cavalheiros, ou pelo menos alguns brutamontes, vestem roupas de baixo feitas de flanela vermelha, que vão dos pulsos até os tornozelos.

Eu gritei.

Vamos *logo!* – apoiando-se com os pés, Tewksbury me levantou da escada, fazendo com que eu voasse para longe do ataque da ameaça vermelha.

Corra! – E ele olhou para trás como se tivesse a intenção de segurar o grandalhão apenas com aquele pequeno canivete.

Corra você – levantando um pedaço da saia e das anáguas acima dos joelhos com uma mão, eu o agarrei pelo colarinho com a outra, enquanto alcançava a borda do barco. E juntos, apesar de ter sido necessário largá-lo, saltamos quase um metro de água para cima daquele monte de madeiras meio soltas que suponho chamam

de pír. E, assim, segurando a saia com as duas mãos, corri o mais rápido que pude por aquele caminho estreito e instável.

– Cêis não vão conseguir ir muito longe! – berrou uma voz feroz vinda do barco. – Esperem até eu me vestir e botar minhas mãos em vocês!

Estando longe da margem, gostaria de correr sem ficar tropeçando nas minhas malditas roupas e, definitivamente, não correr em um labirinto de tábuas podres, verdes e cheias de limo. Uma confusão de píeres, poças de água nojenta, embarcadouros, passarelas e muita água mal cheirosa parada entre nós e as estalagens e armazéns que se erguiam na margem do Tâmsa.

– Para... *que lado?* – gaguejou Tewky – já que eu não pensava mais nele como lorde, visconde, filho do duque; ele agora era meu companheiro, correndo ofegante logo atrás de mim.

– Eu não sei dizer!

Cercados por água negra, num beco sem saída, nós escorregamos e deslizamos pelo caminho de volta. E, mais uma vez, a água bloqueou nossa passagem. Eu comecei a tremer, pois se caísse no rio negro seria o fim para mim; iria afundar. E também duvidava que Tewksbury soubesse nadar. Mas não havia tempo para indecisões. A uma pequena distância, nosso gigantesco inimigo saiu da cabine, agora vestindo roupas decentes, rosnando:

– Vou matar vocês dois! – como um urso atacando, ele se lançou de sua embarcação para dentro do labirinto do cais.

E, ainda pior, uma coisa pequena e malandra o seguia da maneira que os cães famintos seguem os mendigos. Evidentemente, não acertei o magricelo forte o suficiente.

– Pule! – gritei e, com minhas saias levantadas, pulei para

outro pír. Ele balançou embaixo de mim, mas consegui me manter em pé e, quando respirei aliviada, balançou de novo, ainda pior, quando Tewksbury pousou com um baque ao meu lado. Faltando ar para gritar, grunhi como uma corda de varal. Tewky segurou meu braço, gritando:

– Corra! – e dessa vez foi ele quem me guiou. Em certo ponto, ele havia perdido meu canivete; sua mão direita tremia sem segurar nada. E a minha tremia em dobro, pois senti o peso do assassino sacudindo a doca atrás de nós.

– Ah, *não!* – gritei enquanto parávamos no final de outro píer que não dava em lugar nenhum. Tewky disse uma coisa que não dá para repetir.

– Boca suja. Venha por aqui – virando, eu tomei a liderança de novo e, depois de alguns minutos, finalmente, colocamos o pé em solo firme de pedras, tijolos e cimento. Mas nossos inimigos, que sabiam quais caminhos seguir, chegaram até ali ao mesmo tempo que nós, somente a poucos metros de distância. Eu pude ver o sangue na cabeça do magricelo e a raiva em seus olhos vesgos. Pude ver o cabelo saindo das grandes orelhas do assassino e a fúria que deixava vermelha sua cara redonda. Sangue na lua, um mau presságio.

Confesso que gritei de novo – de fato, tremia como um coelho baleado. Cegamente, segurando a mão de Tewky com a minha, segui por uma rua estreita e virei uma esquina.

– Depressa! – ziguezagueando entre vagões carregados e puxados por fortes cavalos de raça, nós corremos até o outro lado da rua, até a próxima curva.

Agora, sem ar e com o rosto e o vestido molhados por causa do calor do dia, ainda podia ouvir os passos nos seguindo.

Tewky estava começando a cair atrás de mim. Eu o segurei e continuamos, podia sentir um tremor de dor em cada passo que ele dava. Seus pés, descalços, machucados, golpeando as pedras duras. E agora enfrentávamos uma subida, cada vez mais longe do rio.

– Aguarde *firme!*

– Não consigo – ofegou o garoto, tentando largar sua mão da minha. – Eu apertei os dedos.

Você vai conseguir. Você precisa.

Vá você. Salve-se.

– Não! – tentando afastar meu pânico, olhei em volta enquanto corríamos. Parecia que chegávamos ao fim dos vagões, docas e armazéns. Agora corríamos por uma rua pobre, de alojamentos miseráveis e negócios ainda mais miseráveis: um vendedor de peixes, uma loja de penhora, outra que consertava guarda-chuvas. E vendedores de rua:

Mexilhões vivos! Ostras vivas!

Geladinhos doces aqui! Doces geladinhos de morango!

Havia pessoas ao redor, um homem sujo com um burrinho puxando uma carroça, homens com carrinhos de mão cheios de sobras de metal, mulheres e garotas andando de tocas e aventais que haviam sido brancos, e que agora se tornaram da cor dos cogumelos. Pessoas, mas não do tipo que gostariam de nos ajudar, não o suficiente para que um garoto fugitivo descalço pudesse se esconder, deixando sozinha uma garota desarrumada e sem fôlego com a cabeça nua e vestida como uma viúva.

– Parem, ladrões! – berrou uma voz atrás de nós, rouca, mas ainda rosnando. Parem esses dois salafrários! Vilões! Trombadinhas!

As faces se viraram para encarar Tewky e eu, enquanto corríamos pela rua repleta de lojas de porcarias: móveis de segunda mão, chapéus reformados, sapatos e botas com solas arrumadas, mais roupas usadas. As faces pareciam se modificar num misto de calor e terror. Tudo ficou confuso por um segundo, e depois passou.

Eu conheci uma das faces pela qual passamos, apesar de não lembrar onde a tinha visto antes.

Então, enquanto corríamos, eu me lembrei.

– Tewky! Rápido! – saindo da rua, me enfiei por uma passagem fina entre duas habitações em ruínas, virei passando pelo abrigo de uma vaca e pelas vielas fedorentas atrás das construções, cheirando a burros, cabras, gansos e galinhas. Virei de novo...

– Vocês não vão escapar! – uma voz medonha rosnou de trás do abrigo da vaca, muito perto para que nos sentíssemos confortáveis.

– Desistam! – gritou a voz aguda.

– Idiota – gritou Tewkbury, evidentemente referindo-se a mim. Por que estamos correndo em círculos? Eles vão nos alcançar!

– Você vai ver. Siga-me – soltando sua mão e também os poucos trapos que cobriam meu corpo, arranquei os botões do meu corpete. Seguindo por um beco muito sujo, enfiei meu antebraço na minha bagagem frontal, meus dedos encontraram os pacotes de papéis e puxei um. Escondi-o na palma da minha mão, enquanto virava a última esquina para voltar à rua, e fui à direção de uma loja de roupas usadas.

A proprietária estava parada na porta, aproveitando a paisagem da rua e a brisa refrescante. Mas, quando ela me viu indo em sua direção, sua doce expressão mudou para alarmada. Em vez de se parecer com um pássaro ou com um sapo, se parecia com um roedor sob a pata de um gato.

– Não! – ela tentou falar, enquanto eu corria em sua direção. Não, Cutter vai me matar. É mais do que vale a minha...

Não havia tempo para discussões. Tewky e eu tínhamos poucos segundos antes que os dois vilões virassem a esquina e nos vissem de novo. Naquele momento, enfiei uma nota de cem li-bras na mão daquela já conhecida senhora que eu presumia ser a proprietária, agarrei Tewky pela manga e o arrastei comigo para dentro da Loja de Roupas Usadas Culhane.

Capítulo décimo quarto

Tentando recuperar o ar, entramos correndo em um quartinho escuro, sujo e bagunçado que parecia mais um forno do que um quarto. Em uma das paredes havia inúmeras capas e mantas compridas. Para nos escondermos mais rápido, enfiamo-nos entre as sombras dessas roupas. Tremendo, com as mãos fechadas, fiquei olhando para a porta da frente esperando ver se meu suborno seria bem-sucedido.

– Esconda-se embaixo de uma mesa! – sussurrou Tewky.

Balancei a cabeça. Preparada para fugir, observei a porta da frente e a janela, vi as pessoas dispersas abrindo caminho, enquanto o assassino gigante e seu comparsa vira-lata magrelo passavam rápido pelo meio da rua, olhando em todas as direções. Vi o grande valentão agarrando um vagabundo pelo colarinho, quase levantando o homem no ar e gritando em sua cara. O pobre homem apontou na nossa direção.

Para onde a sra. Culhane havia ido, eu não fazia a menor ideia, mas, de repente, lá estava ela novamente, parada de costas para mim.

Nosso inimigo com cara de lua e seu colega caminharam em direção a ela e pararam na sua frente. Até o magrelo raquítico parecia mais alto do que ela. E não sei se eu teria coragem de enfrentar a ferocidade de seus olhares.

Mas a atarracada senhora ficou na frente da porta como uma barreira. Eu a vi balançar a cabeça e, depois, apontar para o fim da rua.

Parecia que o sol que batia no vidro da porta formava uma auréola ao redor de sua cabeça.

E então vi os dois vilões indo embora.

Segurando-me num velho casaco consegui me colocar de pé e recostei na parede, aliviada.

Tewky se encolheu como um furão, afundando-se no chão.

A sra. Culhane, com muita sensibilidade, não entrou logo em seguida; ela continuou na porta por mais algum tempo. E, quando entrou, eu já tinha recuperado minhas forças. Encontrei um quarto nos fundos com água encanada, molhei um pedaço de flanela e a coloquei no rosto de Tewky. Quando ele se sentou, transferi minha atenção para seus pés feridos.

Tocando-os levemente com o trapo, tentei remover a sujeira e o sangue sem machucá-lo muito. Eu analisava a ferida, as solas machucadas, quando nossa salvadora entrou, fechou e trancou a porta da sua loja, desceu a veneziana e se aproximou de mim.

– Então – disse ela – num dia você é uma viúva chorosa e no dia seguinte vira uma garota descabelada fugindo de Cutter e Magricelo?

– É...poisé. Equem seriamos cavalheiros? Não fomos apresentados.

– Não duvido. Isso que você está usando como trapo é a minha cinta para fixar a barriga. Eu me levantei.

– Tenha piedade, achei que tivesse pago por isso.

Ela olhou para mim sem sorrir. Hoje não havia animação na sua voz nem nas suas maneiras, nem tinha mais “pombinha” para mim. Ela disse:

– O que você me deu vai para os vizinhos que viram vocês.

Disso eu não havia me dado conta, e era parcialmente verdade. Ela havia desaparecido da porta para barganhar o silêncio dos curiosos.

Pelo brilho sagaz dos seus olhos eu soube também que o que ela havia dito era parcialmente falso. Ela havia prometido aos vizinhos algumas moedas e, no máximo, algumas libras.

Mesmo assim, havia alguma honestidade em seu rosto cinzento quando ela disse:

– E é melhor ter mais de onde este dinheiro veio. Cutter me vira do avesso se ele souber, não duvide disso. É a minha vida que tô arriscando por você.

– Se você providenciar o que precisamos – disse para ela – haverá mais.

E, assim, no dia seguinte, Tewky e eu escapamos da loja pela porta dos fundos, descansados e transformados. Havíamos ficado escondidos em sua cozinha imunda – pois ela vivia em três cômodos no andar superior, sobre a loja – e aceitamos seu mingau de aveia todo encaroçado com gratidão. Conseguimos dormir, eu em um sofá emporcalhado, Tewky em algumas colchas no chão. Tomamos banhos de esponja. Aplicamos um bálsamo nos pés de Tewky – um tipo de unguento usado nos úberes das vacas –, e então os enrolamos com bandagens. Vestimos-nos com roupas da loja e queimamos as nossas no forno da cozinha.

E não falamos *nada*, nem mesmo falamos nossos nomes um para o outro. Nossa anfitriã de cara azeda não fez nenhuma pergunta, e não lhe oferecemos nenhuma informação. Tewky e eu não conversamos nem entre nós, para que ela não ouvisse. Eu não confiava nela; não lhe daria a oportunidade de me tirar todo o meu dinheiro se ela descobrisse onde o guardava. Por isso, nunca tirei minhas roupas na presença dela e nunca tirei meu corpete, nem mesmo para dormir. Aquele acessório que tanto tinha desprezado se tornara minha posse mais valiosa – contanto que não resolvesse apertá-lo! Sua proteção dura havia salvado minha vida. Sua estrutura de aço, que apoiava e ocultava o realçador de busto, o aperfeiçoador de vestimentas e os reguladores que disfarçavam a mim e aos meus recursos financeiros.

Eu acreditava e tinha esperança de que a sra. Culhane – se esse fosse mesmo o nome dela – nunca descobrisse esse segredo. Falamos apenas para conduzir nossos negócios: sua loja poderia nos oferecer roupas não muito gastas para o garoto, talvez uma boina, um par de sapatos grandes e meias grossas? E para mim, uma saia ampla, pregueada e com bolsos, do tipo que uma datilógrafa ou contadora usa, feita de algum tecido prático? E uma

jaqueta, também com bolsos, e com a bainha mais comprida, para que eu pudesse colocá-la sobre a saia? Quem sabe um par de luvas não muito gastas e um chapéu não muito fora de moda? Será que ela me daria uma ajuda com meus cabelos?

Eu me sentiria nua aos olhos do mundo saindo daquele lugar sem meu véu negro grosso de viúva cobrindo meu rosto, mas a verdade é que nem mesmo meus irmãos iriam me reconhecer. Eu parei, olhei ao redor por trás dos óculos sem hastes encaixados no meu nariz, empoleirados como um bizarro pássaro de metal. Acima das lentes, uma considerável franja de cabelos falsos decorava e escondia minha testa, ajudando os óculos a mudarem ainda mais meu perfil. E, sobre o cabelo, eu usava um chapéu de palha enfeitado com muitos laços e penas, parecido com qualquer chapéu de palha barato de qualquer mulher lutadora da cidade grande.

– Agora, preciso de uma sombrinha – disse para a sra. Culhane.

Ela me deu uma de cor estranha e estilizada, de um verde esquisito, e, então, nos acompanhou até a porta dos fundos e eu segurei sua mão. Sobre sua palma coloquei, como havia prometido, outra nota. Nós saímos, e ela fechou a porta sem dizer nada.

Uma vez que havíamos chegado à rua, comecei a arrastar os pés para andar, agindo como uma cega e sentindo o caminho com o cabo da sombrinha. Eu fazia isso como parte do disfarce e também para que Tewky, cujos pés ainda estavam bem machucados, não desse a impressão de que estava se esforçando para andar, mas sendo obrigado a andar devagar, acompanhando-me, ajudando-me. Com nossas roupas nem novas nem velhas, nem ricas nem pobres, esperava não chamar a atenção de ninguém, pois não queria que ninguém falasse de nós para Cutter.

Mas não precisava me preocupar. Todos ao nosso redor estavam preocupados com seus negócios barulhentos e, portanto, não prestavam atenção em nós. Londres, aquele grande caldeirão de pedras e tijolos, parecia estar sempre fervendo com a atividade humana. Um homem com um carrinho de mão gritava: – “Cerveja de gengibre! Gelada e fresquinha, cerveja de gengibre para refrescar sua garganta empoeirada!” – um carro de água passou

estrondosamente seguido por garotos que limpavam as pedras da rua com vassouras. Um entregador pedalava um triciclo esquisito que nunca tinha visto, com duas rodas na frente em vez de atrás e uma grande caixa amarrada no guidão. Em uma esquina havia três crianças de cabelos bem pretos cantando com a harmonia de anjos, em um idioma que eu não conhecia; a que estava no meio estendia um copo e esperava pelas moedas. Atrás e acima delas, um homem, vestindo trapos com uma lata de cola e uma escova, se equilibrava em uma escada, colando anúncios de graxa de sapato, envoltórios de elástico antirreumático, caixões totalmente seguros. Homens com jaquetas brancas feitas de saco e calças brancas grudavam uma notificação de quarentena na porta de uma pensão. Eu imaginava que tipo de febre e doenças emergiam do imundo Tâmis e se pereceria de cólera ou de escarlatina por ter colocado o pé no barco de Cutter, aquele adorável valentão.

Em um dos meus bolsos, para o qual havia transferido algum dinheiro, assim como diversos outros itens que nos seriam úteis, eu carregava a lista que tinha escrito durante as horas da noite em que passei acordada:

Por que Cutter vasculhou o trem?

Por que ele me seguiu?

Por que ele pensou que eu sabia onde encontrar Tewky?

O que ele queria com Tewky?

Por que ele telegrafou para que o magricelo procurasse Tewky nas docas?

O que ele quis dizer com “faça o mesmo”?

Será que ele é um sequestrador?

Como ele sabia sobre Tewky e o Great Eastern, afinal?

Como? Eu havia contado para o inspetor Lestrade. E madame sei-lá-o-nome-dela, a Vidente Astral, tinha ouvido.

Será que o inspetor Lestrade havia contado para alguém? Talvez, mas será que ele não confirmou minhas informações? E aquele

telegrama deve ter sido enviado para o Magricelo quase imediatamente.

Hummm...

Assim como meus pensamentos, meu acompanhante e eu andamos alguns quarteirões e entramos em uma vizinhança melhor. Ali havia um tipo de parque, um caminho de grama com quatro árvores, onde mulheres passeavam com carrinhos de bebês e um homem com um burrinho gritava: – “Venha dar uma volta, traga seus filhos, apenas um centavo.” – Ao lado do parque, vi inúmeros táxis parados. Seria melhor se eu contratasse um para que meu pequeno lorde não tivesse que andar mais com seus pés daquele jeito.

Até ali, mais por estarmos em alerta, não havíamos falado nada, mas, agora que havíamos deixado a caçada de Cutter para trás, eu me virei para meu companheiro e sorri.

Bem, Tewky – disse.

Não me chame assim. Eu fiquei irritada. – Muito bem, Lorde Tewksbury de Basilwether-ou-não... – mas minha irritação foi posta de lado quando um pensamento me atingiu. E eu perguntei: – Como você quer ser chamado? Qual é o nome que você escolheu quando você fugiu?

– Eu... – ele balançou a cabeça e virou o rosto para o outro lado.
– Deixa para lá. Não importa mais.

Por quê? O que você vai fazer?

Eu não sei.

Você ainda quer ir até o mar? Ele se endireitou para olhar para mim.

– Você sabe tudo. Como você sabe tanto assim? Quem é você? Você é mesmo parente do Sherlock Holmes? Mordi o lábio, eu não sabia se seria seguro contar mais sobre mim para ele; ele já sabia demais. Por sorte, naquele momento, um vendedor de jornal gritou de uma banca na esquina.

– Leia tudo! O pedido de resgate que fizeram em troca do Visconde Tewksbury, de Basilwether!

– O quê? – exclamei. – Que absurdo! – quase me esquecendo de me apoiar com o cabo da sombrinha e de arrastar os pés, fui direto até o rapaz e comprei um jornal. A manchete falava sobre o caso novamente, e trazia o retrato de Tewky à lá Pequeno Lorde Fauntleroy.

*SENSACIONAL DESENROLAR NO
CASO DO SEQUESTRO*

Sentado ao meu lado, em um dos bancos do parque, para que pudéssemos ver o jornal ao mesmo tempo, Tewky fez um som abafado de desânimo.

– Minha *foto*?

– O mundo inteiro tem visto isto – disse para ele com, admito, certo prazer. Então, ele não respondeu imediatamente; olhei para ele e vi em seu rosto uma expressão de inflamada, completa e aflita humilhação.

– Não posso voltar – disse ele. – Eu nunca vou voltar. Já sem nenhum prazer, perguntei:

– Mas e se alguém reconhecer a foto? A sra. Culhane, por exemplo?

– *Ela*? Quando é que ela iria ver um jornal? Ela nem sabe ler. Naqueles cortiços ninguém sabe ler. Você viu algum vendedor de jornal nas docas?

Ele tinha razão, claro, mas em vez de admitir isso voltei minha atenção para o texto do artigo:

A MAIS SURPREENDENTE REVIRAVOLTA NOS EVENTOS ACONTECEU ESSA MANHÃ COM A CHEGADA DE UM PEDIDO DE RESGATE SEM REMETENTE EM BASILWETHER HALL, EM BELVIDERE, LOCAL DO RECENTE DESAPARECIMENTO DO VISCONDE TEWSKBURY, O MARQUÊS DE BASILWETHER. A DESPEITO DA MAIS ASTUTA DESCOBERTA DO INSPETOR-CHEFE LESTRADE DE QUE O JOVEM LORDE GUARDAVA UMA PARAVERNÁLIA NÁUTICA EM UM ESCONDERIJO NO TOPO DE UMA ÁRVORE...

– Ah, não – Tewky sussurrou, novamente aflito. Estremeci, mas continuei a ler sem comentar.

...E SUAS SUBSEQUENTES E ENÉRGICAS INVESTIGAÇÕES NAS DOCAS DE LONDRES, ONDE LOCALIZAMOS DIVERSAS TESTEMUNHAS OCULARES QUE AFIRMARAM TER VISTO O JOVEM NO MESMO DIA DO SEU DESAPARECIMENTO...

Que foi, me dei conta, apenas um dia depois do meu próprio desaparecimento. Tanta coisa tinha acontecido desde então que era difícil acreditar que apenas três dias atrás eu havia saído de Ferndell Hall.

...E PARECE AGORA QUE O VISCONDE, HERDEIRO DO TÍTULO E DA FORTUNA BASILWETHER, DE FATO FOI SEQUESTRADO. ENTREGUE NA CORRESPONDÊNCIA DA MANHÃ, UMA BREVE MISSIVA ESCRITA COM LETRAS RECORTADAS DE PERIÓDICOS DEMANDAVA UMA GRANDE SOMA, UMA QUANTIA QUE A FAMÍLIA DESEJA MANTER EM SIGILO. NA FALTA DE PROVAS DE QUE O LORDE TEWKSBURY REALMENTE TENHA CAÍDO NAS MÃOS DESSE INDIVÍDUO, OU INDIVÍDUOS DESCONHECIDOS, AS AUTORIDADES ADVERTIRAM CONTRA O PAGAMENTO DO RESGATE. A FAMOSA MÉDIUM E VIDENTE ASTRAL, MADAME LAELIA SIBYL DE PAPAVER, ENTRETANTO, QUE FOI CHAMADA PELA FAMÍLIA EM BASILWETHER NO COMEÇO DA CRISE, ADVERTIU FORTEMENTE QUE O RESGATE, QUE DEVE SER EM MOEDAS DE OURO SEGUINDO AS INSTRUÇÕES DE ENTREGA, DEVE SER PAGO, JÁ QUE SUAS COMUNICAÇÕES COM AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS ADVERTIRAM-NA QUE, DE FATO, O VISCONDE TEWKSBURY ESTÁ SENDO MANTIDO EM CATIVEIRO E SUA VIDA CORRE PERIGO, A NÃO SER QUE OS SEQUESTRADORES RECEBAM A COOPERAÇÃO COMPLETA DA FAMÍLIA. MADAME LAELIA...

Havia mais, mas nesse ponto desisti de ler. Em vez disso, continuei sentada, olhando para o ponto de táxi que estava diante de Tewky e eu: belos táxis espaçosos e sem capota, mas desajeitados. Tinham quatro rodas, cavalos fortes e brilhantes. Outros animais eram bem magros e balançavam suas caudas enquanto mastigavam ruidosamente com seus focinhos enfiados em sacos de aveia, esperando os clientes. Mas não estava, de fato, prestando atenção em nada disso. Eu tentava me lembrar de como era Madame Laelia, mas tanta coisa havia acontecido nos últimos três dias que só recordava a impressão causada pelos cabelos vermelhos, rosto largo, corpo grande, grandes mãos dentro de luvas amarelas...

Uma voz baixinha disse:

– Nós temos que voltar.

Demorei alguns segundos para me virar e olhar para Tewky. Ele era um lindo jovem, mas estava pálido.

– Eu tenho que ir para casa – disse ele. – Não posso deixar aqueles malditos criminosos roubarem minha família. Concordei. Você, então, tem ideia de quem mandou o bilhete de resgate?
Sim.

– E você, assim como eu, imagina que eles ainda estão te procurando?

Por nós dois. Sim, com certeza.

É melhor irmos até a polícia.

Acho que sim – mas seu olhar se perdeu.

Ele olhava para a ponta dos seus sapatos – novos apenas no sentido de que haviam sido totalmente colados com pedaços de couro tirados de outras botas.

Eu esperei. Finalmente, ele disse:

– De qualquer forma, isso não foi como eu esperava. As embarcações, quero dizer. A água é imunda. Como as pessoas. Elas não gostam de quem tenta se manter limpo. Elas acham que é esnobe. Até os mendigos cuspiram em mim. Alguém roubou meu dinheiro, minhas botas, até minhas meias. Algumas pessoas são tão más: elas até roubam dos pobres que rastejam pelas ruas.

– Pobres que rastejam?

– As dorminhocas, como eles as chamam, porque estão sempre dormindo. Nunca vi gente tão canalha – sua voz diminuiu. – Velhas que não tinham mais nada, a não ser a força para se manterem em pé. Elas sentam nos degraus dos albergues, meio adormecidas, mas sem lugar onde encostar a cabeça, tão perto da morte até mesmo para mendigar. E se alguém lhes joga uma moeda para comprar chá, elas rastejam para pegar. Com o coração saltando, lembrei-me da velha sem cabelo que havia visto rastejando no chão, cuja cabeça estava cheia de feridas.

– Então elas rastejam de volta – disse Tewky, enquanto sua voz ficava mais baixa e mais cansada –, e sentam novamente. Três vezes por mês conseguem uma refeição e uma noite de sono no

albergue. Três vezes. Se alguém pede mais do que isso, é trancado e obrigado a dar três dias de trabalho pesado.

– O *quê*? Mas achei que os albergues *ajudassem* aos menos afortunados.

– Eu também achava isso. Eu fui lá pedir um par de sapatos, e eles... eles riram de mim e me bateram com uma vara. Mandaram-me embora. E então... aquele safado... As lembranças do Magricelo fizeram seus olhos se encherem de lágrimas. Ele parou de falar.

– Estou feliz que você tenha decidido voltar para casa – disse, depois de alguns momentos. – Sua mãe vai ficar muito feliz de ver você. Ela chorou muito todos esses dias, sabe?

Ele concordou, aceitando sem questionar que eu soubesse disso, já que parecia que eu sabia de todo o resto.

– Tenho certeza de que você será capaz de fazê-la entender que não quer mais ficar usando aquelas roupas do Lorde Fauntleroy. Então, ele disse muito docemente:

– Seja qual for o tipo de roupa, não importa mais. Eu nunca imaginei que...

Ele não terminou. Mas acredito que ainda estivesse pensando nas velhas, pobres mulheres mortas-vivas, que rastejavam pelas ruas. Ou talvez nos seus pés descalços e machucados, no porto, no Magricelo, e no fato de ter sido chutado como um cachorro.

Dois dias em Londres me fizeram pensar, também, em tudo o que eu não sabia até aquele momento. E agora que conhecia a realidade, minhas próprias reclamações pareciam muito pequenas.

Levantei-me e fiz sinal para um táxi. Um belo táxi aberto. Eu queria que chegássemos em grande estilo. Tewky ofereceu-me a mão, como um cavalheiro, enquanto subia os degraus e disse ao condutor:

– Para a Scotland Yard.



Capítulo décimo quinto



Mesmo acompanhando Tewky, tinha minha própria missão na Scotland Yard.

– Tudo isso é adorável! – exclamou Tewksbury, analisando Londres da nossa bela carruagem, enquanto o cavalo cavalgava, com o arreio balançando bem na nossa frente.

E eu só prestava atenção nos meus pensamentos: algo tinha que ser feito a respeito de Cutter e Madame Laelia Sibyl de Papaver, a Vidente Astral. Eu não tinha provas, mas quanto mais revirava as coisas na minha cabeça, mais considerava que eles podiam estar envolvidos no plano de sequestro. Conclusão: ela tinha contado para ele sobre mim. Quem mais poderia ter contado? O porteiro, a duquesa, as arrumadeiras? Improvável. De todos os que encontrei em Basilwether Hall, só o inspetor Lestrade e Madame Laelia ouviram a minha descrição dos planos de Tewksbury. E um deles entrou em contato com Cutter para que telegrafasse para que Magricelo e este o capturasse. Certamente não havia sido Lestrade. Conclusão: só pode ter sido Madame Laelia.

Tewky disse:

Eu nunca entendi por que eles colocam o condutor tão lá em cima, tão longe do cavalo. Mas agora vejo o porquê. Para que nada obstrua a nossa vista.

Hum-hum – murmurei, continuando meus pensamentos sombrios sobre Madame Laelia. Enquanto aparentava estar do lado dos anjos, a mulher tinha na verdade se aliado aos demônios: Cutter e Magricelo. Eles sequestravam a vítima, conjecturei, e então Madame Laelia era chamada por seus serviços duvidosos; então, enquanto Cutter e Magricelo recebiam o res-gate, Madame Laelia era muito bem paga por suas inspirações espirituais sobre o

paradeiro do desaparecido. Todos lucravam e, no fim, enganavam todo mundo. No caso de Tewky, apesar de ele ter fugido a princípio, Cutter e Magricelo haviam agarrado a oportunidade de encontrá-lo e, então, sequestrá-lo.

Embora estivesse incerta sobre como notificar as autoridades sem me arriscar, sabia que tinha que fazer algo para dar um fim a isso.

Tewky disse:

– Como é agradável sentir a brisa no rosto em um dia quente.

Garoto irritante, precisa ser tão tagarela? Sem responder, com os lábios apertados, coloquei a mão em um dos bolsos da saia e puxei um lápis e um pedaço de papel dobrado.

Apressada e um pouco irritada, coloquei o papel no colo e rascunhei um retrato exagerado de um homem. Quando Tewky viu o que estava fazendo, parou sua conversinha e ficou olhando.

– Esse é o Cutter – disse. Sem comentar, finalizei o desenho.

– Mas esse é mesmo o Cutter, tem até os cabelos nas orelhas. Você me impressiona. Como você consegue desenhar desse jeito?

Sem responder, virei o papel dobrado e no lado limpo desenhei outra pessoa. Como me encontrava no estado de espírito certo, disposta e cheia de energia, conseguia desenhar sem hesitação e sem recorrer muito à memória. As linhas do lápis surgiam com facilidade de algum lugar lá no fundo da minha mente.

– Quem é? – perguntou Tewky.

Novamente, não respondi. Finalizei o retrato de uma mulher grande e imponente. Desdobrei o papel e olhei para os dois desenhos juntos. A caricatura do homem e a caricatura da mulher estavam lado a lado.

Naquele momento eu soube.

Claro. Para se tornar uma mulher, tudo o que se precisa é usar um cabelo falso, vários enchimentos, aperfeiçoadores e reguladores e as vestimentas necessárias: vestido, chapéu, luvas. Eu, entre todas as pessoas, sabia bem disso tudo.

Tewky viu também. E sussurrou:

– É a mesma pessoa.

A enorme peruca vermelha, pensei, servia para esconder as orelhas cabeludas e distrair a atenção do seu rosto. E alguns dos realces nos lábios e nos cílios, são fáceis – maquiagem. Nenhuma dama respeitável admite usar tais artifícios, mas eu tinha ouvido que elas usavam. Só que essa pessoa, além de não ser respeitável, não era uma dama.

Tewky questionou, apontando de um desenho para o outro:

– Se este é o Cutter, quem é *esta* mulher?

Eu falei quem era, apesar do nome não significar nada para ele:

Madame Laelia Sibyl de Papaver.

Pode até ser o Príncipe de Gales, eu não me importo – disse o sargento sem ao menos levantar os olhos para nos ver. Vocês têm que esperar a vez de vocês como todo mundo. Sentem-se. Seu olhar continuava nos papéis e registros de ocorrência, e ele saiu com a mão cheia pelo corredor atrás dele. Eu sorri para Tewky que, após ter se apresentado como o Visconde Tewksbury de Basilwether, não parecia inclinado nem a rir nem a chorar.

– Eu espero com você – sussurrei.

E de algum modo, no decorrer de nossa visita à Scotland Yard, pude resolver meus próprios problemas. Do mesmo jeito que tinha ido com minha bicicleta para longe de Kineford, meu melhor plano agora parecia ser simplesmente não ter plano algum.

Tewky e eu nos sentamos em um dos muitos bancos colocados ao longo de um corredor escuro com chão de madeira, bancos com uma rigidez e uma dureza que nunca havia experimentado, piores do que qualquer banco de igreja no qual já havia sentado. Empoleirado ao meu lado, Tewky resmungou:

Você tem sorte, com todo esse acolchoamento. Que coisa escandalosa de se dizer.

Silêncio!

Não me mande ficar em silêncio. Diga-me quem você é.

– Não – mantive minha voz baixa, já que havia muita gente passando e outras pessoas esperando para falar com a polícia.

Entretidos com seus próprios problemas e conversas, nenhum deles nos deu uma segunda olhada.

Tewky teve o bom-senso de baixar a voz.

– Mas você salvou minha vida, talvez. Ou pelo menos minha honra. E você – você fez tanto por mim. Eu quero agradecê-la. Quem é você?

Balancei a cabeça.

Por que você quer se parecer com uma senhora?

Garoto chato, cuidado com a língua.

Garota chata, nunca vou saber seu nome?

Shhhh! – não, espero que não, mas não disse isso. Ao contrário, eu disse:

Silêncio – de novo, segurando seu braço, pois uma porta no fim do corredor se abriu e eu vi um homem conhecido saindo dela.

Dois homens conhecidos.

Por um momento, realmente senti como se fosse desmaiar, e, daquela vez, não seria por causa do corpete.

Que os céus me ajudem.

Um dos homens era o inspetor Lestrade. Mas me dei conta de que, decidindo acompanhar Tewky a Scotland Yard, poderia encontrar Lestrade e tinha certeza de que ele não me reconheceria como a mesma mulher de preto e véu com quem teve um breve encontro em Basilwether Hall.

Não, o que me fez perder as forças de susto foi a visão do outro homem: Sherlock Holmes. Mentalmente me obriguei a continuar respirando, a me sentar naturalmente, a me misturar com as madeiras escuras e com a textura da parede do mesmo jeito que a

tinta se mistura com o pincel. *Por favor, eles não podem me notar.* Se algum deles me reconhecer, meus dias de liberdade acabaram.

Vagarosamente eles passaram por nós, entretidos em sua conversa. Meu irmão era bem mais alto do que Lestrade, e tinha que se abaixar para deixar o ouvido mais perto do investigador. Depois do meu olhar assustado para eles, virei meus olhos para meu colo, esquecendo Tewky e escondendo minhas mãos fechadas e trêmulas entre as dobras da saia.

– ...não tem pé nem cabeça esse caso Basilwether – disse a voz estridente de Lestrade – queria que você desse uma olhada nisto, Holmes.

– Holmes – assustou-se Tewky, sentando-se mais ereto ao meu lado. – É ele? O famoso detetive? Eu sussurrei:

– Por favor, silêncio. Tenho certeza de que ele sentiu a forte emoção que saiu junto com minha voz, pois realmente obedeceu. Sherlock estava dizendo para Lestrade:

...e fervorosamente lhe peço que designe mais oficiais para encontrar minha *irmã* – a voz do meu irmão, embora normal no tom, soava tensa como uma corda de violino. Algo em sua voz, algo inexplicável, fez com que sentisse algo forte em meu coração.

Eu gostaria muito, meu querido amigo – disse simpaticamente a voz de Lestrade, mas havia nela algo estranho, pensei, um tom de maldade. – Contudo, se você não puder me fornecer mais dados com os quais possa trabalhar...

– O mordomo confirmou que mamãe não tirou retratos de si mesma ou de Enola nos últimos dez anos ou mais. Maldita mulher.

– Bem, nós temos aquele rascunho que sua irmã fez de sua mãe – não estava enganado ao perceber um pouquinho de alegria na voz do inspetor da Scotland Yard. A mão do meu irmão agarrou o braço dele, fazendo-o parar; os dois ficaram bem na nossa frente. Graças a Deus, ou a minha sorte de sempre, Sherlock parou de costas para mim.

– Olhe aqui, Lestrade – meu irmão não parecia estar bravo, não exatamente, mas seu tom intenso, quase hipnótico, fez meu coração

bater forte e admirá-lo, e também fez com que o outro homem voltasse toda a sua atenção para meu irmão, que disse: – Eu sei que você acha que é um grande golpe em meu orgulho que tanto minha irmã quanto minha mãe tenham desaparecido e que eu não consiga encontrar pistas das duas e tenha que agradecer a você pelas informações obtidas. Mas...

– Eu asseguro a você – Lestrade interrompeu, piscando sem parar, e sem encará-lo – Eu não pensei nada desse tipo.

– Nada disso. Não o estou culpando por não ser pior que os seus superiores – deixando de lado aquela declaração surpreendente, Sherlock fulminou novamente o inspetor com seu olhar.

– Só quero que você compreenda, Lestrade: você pode riscar a senhora Eudoria Vernet Holmes da sua lista. Ela sabia o que estava fazendo e, se algo de errado lhe tiver acontecido, a culpa será única e exclusivamente dela.

Uma dor surgiu em meu coração novamente, um tipo diferente de dor. Até aquele momento, não sabia da fraqueza de meu brilhante irmão. Eu não entendia que tipo de melancolia fazia com que ele usasse palavras tão duras.

– Entretanto, o caso de Enola Holmes é completamente diferente – Sherlock continuou dizendo. – Minha irmã é inocente. Foi negligenciada, teve pouca educação, não tem sofisticação, é uma sonhadora. Eu sinto muito por ter cometido o erro de não ficar ao lado dela e de tê-la deixado sob os cuidados do meu irmão, Mycroft. Apesar da sua grande inteligência, ele não tem paciência. Ele nunca entenderia que essas coisas precisam de tempo e não de dureza para darem certo. Claro que a garota entrou em parafuso, já que é mais espirituosa do que inteligente.

Por baixo dos meus óculos e da minha franja, fechei a cara.

– Ela me pareceu bem inteligente quando conversei com ela – disse Lestrade –, e certamente me enganou. Achei que tivesse no mínimo uns vinte e cinco anos. É equilibrada, fala bem, é cuidadosa... Minha carranca ficou menos pesada. Eu realmente gostava de Lestrade. Meu irmão declarou:

– Cuidadosa e imaginativa, talvez, mas certamente não é estranha às fraquezas da irracionalidade de seu sexo. Por que, afinal, ela teria dito ao porteiro seu nome?

– Talvez por pura ousadia, para conseguir entrar. Ela foi sensível o suficiente, apesar de tudo, para conseguir chegar dire-to a Londres, onde será bem difícil encontrá-la.

– Onde qualquer coisa poderia acontecer-lhe, mesmo se ela tivesse vinte e cinco anos. E ela só tem quatorze.

– Onde, como lhe dizia antes, qualquer coisa pode acontecer com uma pessoa ainda mais jovem do que ela: o filho do Duque de Basilwether.

Neste momento, Tewky limpou a garganta, disse “Aham,” e se levantou. Como vocês podem ver, não tive chance para pensar e, para mim, no momento, pareceu que não tinha escolha.

Eu fugi.

Assim que o inspetor e o grande detetive se viraram para olhar para o garoto vestido com roupas tão comuns, no momento em que eles piscaram seus olhos e o encararam, começando o reconhecimento, parei e continuei a caminhar em silêncio. Só consegui ver o rosto de meu irmão de soslaio e, por saber como é raro ver Sherlock Holmes tão surpreso, desejei ter mais tempo para aproveitar aquele momento. Mas não me demorei, dei mais alguns passos, abri a primeira porta que vi e entrei, fechando-a devagar depois de passar.

Encontrei-me em um escritório com várias mesas, todas vazias, com exceção de uma. – Com licença – disse ao jovem oficial que ergueu a cabeça – o sargento está lhe chamando na recepção. Assumindo que havia sido recém-contratada pela Yard como transcritora ou algo do tipo, ele assentiu, levantou-se e saiu.

Eu também saí, mas pela janela. Levantando o vidro, pulei sobre o peitoril como se estivesse montando numa bicicleta e pisei no asfalto, como se desmontasse pelo outro lado. Havia pessoas passando, claro, mas sem olhar para nenhuma delas, como se fosse algo perfeitamente normal sair de um edifício público dessa

maneira, eu tirei os óculos e os joguei na rua. Prontamente, um cavalo pisou neles, destruindo-os. Mantendo-me ereta, rapidamente saí dali, agindo como uma jovem profissional. Na esquina, um ônibus havia acabado de parar. Eu o peguei, paguei minha passagem, sentei-me entre os muitos outros londrinos na parte de cima e não olhei para trás. Provavelmente, meu irmão e Lestrade ainda estivessem interrogando Tewky, enquanto o grande ônibus me levava embora.

Entretanto, sabia que não demoraria muito para que eles me farejassem. Tewky contaria como uma garota vestida de viúva havia escapado com ele do barco de Cutter. Uma garota chamada Holmes. Provavelmente Tewky havia se virado para mim, com a intenção de me apresentar, mas sem encontrar nada, a não ser os dois desenhos – eu esperava que Lestrade, depois de conversar com Tewky, pudesse entender o significado dos desenhos – duas caricaturas colocadas sobre o banco junto com uma sombrinha verde horrível.

Eu me arrependi um pouco de abandonar Tewky tão abruptamente, sem nem dizer adeus.

Mas não pude evitar. Eu tinha que encontrar mamãe.

Também me arrependia muito de não ter passado mais tempo com meu irmão Sherlock, mesmo que disfarçada, para olhar bem para ele, ouvi-lo, admirá-lo. Eu, na verdade, sentia falta dele, tinha saudade em meu coração. Sentiam-me como uma joaninha que precisasse muito voar de volta para casa...

Mas meu famoso irmão detetive *não* se importava em encontrar mamãe. Para o inferno com ele. Todos os meus bons sentimentos por ele se dissipavam pela dor que sentia no coração.

Embora – talvez Sherlock e Mycroft até quisessem que mamãe voltasse para Ferndell Hall, mas fosse ela quem obviamente não queria estar lá – quando eu a encontrasse –, não *se*, mas *quando* eu a encontrasse – eu não pediria nada que pudesse deixá-la infeliz. Eu não a estava seguindo para lhe tirar a liberdade. Eu só queria ter

uma mãe. Só isso. Para ficar em contato com ela. Talvez pudéssemos nos encontrar, conversar e beber chá. Para saber onde ela esteve.

Apesar de, internamente, não deixar de me preocupar com o fato de que ela pudesse estar machucada – ainda assim, a imaginava mais como aquele tipo de mãe que preferiu fugir para um lugar onde não houvesse corpetes, nem anquinhas, nem botas ou chapéus. Onde existisse muitas flores e lugares verdes. Ironicamente, pensei que ao seguir seu exemplo e também planejar minha fuga, tivesse seguido um caminho oposto ao dela, para essa cidade que mais parece uma fossa onde eu ainda não tinha visto um palácio, uma carruagem dourada, ou uma dama toda enfeitada com diamantes. Onde, em vez de tudo isso, só havia me daparado com uma velha mulher rastejando no asfalto, com a cabeça cheia de feridas.

Certamente mamãe nunca chegaria ao fundo do poço desse jeito. Será?

Eu tenho certeza que não; e tinha apenas algumas horas para agir antes que todas as delegacias de Londres fossem alertadas e inúmeros policiais viessem atrás de mim.

Descendo do ônibus no próximo ponto, andei um quarteirão e então peguei um táxi. Um de quatro rodas desta vez, para que eu ficasse escondida dentro dele e ninguém visse meu rosto.

– Fleet Street – disse ao condutor.

Enquanto ele manobrava por entre o pesado tráfico da cidade, eu mais uma vez peguei papel e lápis e compus uma mensagem:

OBRIGADA, MEU CRISÂNTEMO.

VOCÊ ESTÁ FLORESCENDO? FAVOR ENVIAR ÍRIS.

Eu me lembrei claramente de *O significado das flores*, que dizia que íris indicava “uma mensagem”. As írises em um buquê alertavam o recebedor do presente para prestar atenção ao significado das outras flores. A Deusa Grega Íris havia levado suas

mensagens entre o Monte Olimpo e a Terra através da ponte de um arco-íris.

Entretanto, eu não conseguia me lembrar tão claramente de muitas das outras citações de *O significado das flores*. Assim que conseguisse uma habitação, ia tratar de conseguir um exemplar desse livro para referências.

Eu me arrependi amargamente de ter perdido o outro, aquele outro livro insubstituível que minha mãe me havia dado, minha lembrança mais preciosa, meu livro de criptografias. O que Cutter fez com ele, nunca vou saber – ou foi o que pensei no momento.

Mas eu me assegurei de que não precisaria dele para nenhum outro propósito. – Novamente, foi o que pensei. Pegando a mensagem que havia composto, eu a escrevi ao contrário:

SIRIRAIVNEROVAF?ODNECSEROLFATSEECOV
OMETNASIRCUEMODAGIRBO

E, então, eu as separei como minha mãe havia feito anteriormente:

SIR IRA IVN ERO VAF ?OD NEC SER OLF ATS EEC OVO MET
NAS IRC UEM ODA GIR BO

E, depois, balançando em meu assento enquanto o táxi seguia aos solavancos, inverti a ordem das linhas para finalizar minha mensagem. Eu a colocaria nos anúncios pessoais da *Gazeta Pall Mall*, o jornal que sumiu junto com mamãe, e ainda na *Magazine of Modern Womanhood*, no *Journal of Dress Reform* e em outras publicações das quais ela gostava. Minha criptografia ficou assim:

“INVERSOS HERA METNASIRCUEMODAGIRBOSIRIRA
DICAS HERA IVNEROVAF?ODNECSEROLFATSEECOVO”

Eu sabia que minha mãe, que não podia resistir a criptografias, daria atenção total se, e quando, ela as encontrasse.

Também sabia que, infelizmente, meu irmão Sherlock, que habitualmente lê o que chama de “colunas agônicas” dos jornais diários, também poderia notá-las.

Mas, como ele não sabia nada sobre o fato de as heras crescerem de trás para a frente nas cercas, talvez não conseguisse decifrar.

E mesmo que conseguisse, duvido que fosse entender ou relacionar isso a mim.

Uma vez – parecia que havia se passado tanto tempo, que tivesse sido em outro mundo, mas na verdade havia ocorrido há apenas seis semanas –, pedalando por uma estrada do campo e pensando em meu irmão, eu havia feito uma lista mental de meus talentos, comparando-os desfavoravelmente com os de Sherlock.

Agora, dentro de um táxi em Londres, em vez de pedalando numa bicicleta, eu me encontrava compilando em minha mente uma lista diferente de meus talentos e habilidades. Eu sabia de coisas que Sherlock Holmes erraria até ao imaginar. Ao mesmo tempo em que ele havia desqualificado a importância da anquinha – bagageiro – de minha mãe, e de seu chapéu alto – onde, suspeito que ela tivesse carregado um belo maço de notas bancárias –, eu, por outro lado, entendia a estrutura e o uso dos adornos de uma dama. Mostrava-me uma adepta do disfarce. Eu sabia o significado oculto das flores. De fato, enquanto Sherlock Holmes julgava o “sexo frágil” como sendo irracional e insignificante, eu sabia de fatos que sua “lógica” nunca poderia alcançar. Eu conhecia um mundo inteiro de métodos de comunicação pertinentes às mulheres, os códigos secretos presentes no posicionamento de um chapéu, nas atitudes de rebeldia, nos lencinhos de bolso, nos leques de penas. Entendia todos os subterfúgios e os ocultos desafios. Conhecia cera de lacrar correspondências e reconhecia mensagens escondidas no modo como um selo postal era colocado num envelope. Sabia dar as cartas e usar todos os truques refinados com os quais poderia me proteger. Eu esperava que, sem muita dificuldade, conseguisse incorporar algumas armas para defesa pessoal e outros apetrechos ao meu corpete. Eu poderia ir a lugares e cumprir missões com as

quais Sherlock Holmes jamais poderia lidar, e resolver questões que ele sequer poderia imaginar, muito menos solucionar.

E eu planejava fazê-lo.



Londres, Novembro, 1888



Toda vestida de branco, a estranha sem nome emerge de seu alojamento tarde da noite para rondar as ruas do distrito leste. Por baixo de seu corpete justo e fora de moda, um rosário balança, e suas contas negras estalam a cada passo. O hábito velado de uma freira cobre seu corpo alto e magro da cabeça aos pés. Em seus braços ela carrega comida, cobertores e roupas para as pobres senhoras que ficam nas escadarias dos albergues, as mulheres rastejantes chamadas dorminhocas, e muitas outras que encontra pelo caminho. As pessoas da rua aceitam sua bondade e a chamam de Irmã. Ninguém a conhece pelo seu outro nome, pois ela nunca fala. Aparentemente, fez um voto de silêncio e solidão. Ou talvez desejasse simplesmente não mostrar seu modo de falar, para não ser traída por seu sotaque da classe alta.

Silenciosamente, ela vinha e ia embora, um objeto de curiosidade à primeira vista, mas depois de alguns dias ninguém mais a notava.

Em uma área muito mais próspera, com um quê de boêmia da cidade, alguém está abrindo um escritório na mesma casa de estilo gótico onde Madame Laelia Sibyl de Papaver, a Vidente Astral, mantivera sessões espíritas antes de sua surpreendente prisão – ou melhor, prisão dele – foi o escândalo da temporada. Com o ocupante anterior indo para a prisão, surgiu na janela da casa perto da baía uma placa: Breve Disponível para Consulta, Dra. Leslie T. Ragostin, Vidente Científica. Um cientista deve, claro, ser um homem, e importante, muito ocupado com a universidade ou com o Museu Britânico; e indubitavelmente este é um dos porquês ninguém na vizinhança do “muito-afazer” ainda tinha visto a grande Dra. Leslie T. Ragostin. Mas todos os dias sua secretária vem e vai colocando as coisas em ordem em seu novo escritório, tratando de

seus assuntos. Ela é uma mulher jovem, pouco notável, a não ser por sua eficiência, como muitas outras jovens mulheres, que trabalham como datilógrafas e guardadoras de livros, sobrevivem em Londres e ainda mandam algum dinheiro para suas famílias. Seu nome é Ivy Meshle.

Diariamente, como é próprio das jovens mulheres virtuosas e modestas que vivem sozinhas na cidade grande, Ivy Meshle almoça no Salão de Chá das Mulheres Profissionais, perto do seu trabalho. Lá, protegida de qualquer contato com os machos predadores da espécie, ela se sente sozinha lendo a *Gazeta Pall Mall* e vários outros periódicos. E já encontrou em uma dessas publicações um anúncio pessoal que muito a interessou, tanto que o arrancou e o carrega sempre consigo. Ele diz:

*“ÍRIS DICA INVERSÕES PARA IVY
SNEGAVLESSASORSAMEBMATSAMOMETNASIRC
SANEPAMECSEROLFOANLOSOBOS”*

Às vezes, sozinha em suas acomodações baratas, a srta. Meshle – ou talvez a Irmã muda e sem nome – retira esse pedaço de papel de um bolso e se senta para observá-lo, mesmo já tendo há muito tempo, o decifrado:

*SOB O SOL NÃO FLORESCEM APENAS
CRISÂNTEMOS TAMBÉM CRESCEM
ROSAS SELVAGENS*

Essa mensagem foi enviada, possivelmente, por uma mulher contente que vagava livre, em um lugar onde não havia grampos de cabelo, nem corpetes, nem aperfeiçoadores de vestimenta. Onde? Com os ciganos.

*Se ela tinha que ir para um lugar distante, por que não usou
a bicicleta?*

Por que ela não saiu pelo portão da frente?

Se ela resolveu atravessar o campo a pé, aonde estaria indo?

Uma hipótese respondia a todas as três questões: a fugitiva não tinha que ir para um lugar distante, precisando apenas andar pelo

campo até encontrar uma caravana de ciganos nômades ingleses, já que havia organizado todo o resto ela própria.

Em *O significado das flores*, as rosas selvagens se referem a “um tipo de vida livre, de total liberdade. Uma vida cigana.”

E se há um toque de “ladroagem” na natureza dos ciganos, bem, parece que também havia em Eudoria Vernet Holmes. Como foi demonstrado por seus negócios com Mycroft Holmes. É bem provável que ela estivesse se divertindo.

Uma questão permanecia sem resposta:

POR QUE MAMÃE NÃO ME LEVOU COM ELA?

Esta não era tão problemática como pensamos que seria. Aquela senhora, amante da liberdade, estava ficando velha, tendo provavelmente pouco tempo para realizar seu sonho antes de morrer, e fez o melhor que pôde por sua filha temporã. Algum dia – planeja a garota solitária, talvez na primavera, quando o clima estiver quente o bastante para que se possa viajar –, ela saia para procurar sua mãe entre os ciganos.

Mas, enquanto isso, enquanto olha para o pedaço do jornal, seu rosto longo e anguloso se acalma, tornando-a mais bonita por causa de um sorriso: pois ela sabe que no código secreto das flores qualquer tipo de rosa significa amor.



Solução da criptografia



“As dicas de decodificação” indicam como a criptografia pode ser resolvida. Para solucioná-la, divida a criptografia em duas linhas:

SBSLAFOECMPNSRSNEOMSABMSOASLAES
OONOLRSEAEACIATMSATMEARSSEVGN

A primeira linha das cartas é “Hera Dicas”, a segunda linha é “Hera Verso”. Seguindo as letras para cima e para baixo entre as linhas:

SOBOSOLNAOFLORESCEMAPENASCRISAN
TEMOSMASTAMBEMASROSASSELVAGENS

E então, separando o resultado em palavras:

SOB O SOL NÃO FLORESCEM APENAS
CRISÂNTEMOS MAS TAMBÉM AS
ROSAS SELVAGENS

INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

Cadastre-se no site:

www.novoseculo.com.br

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico

